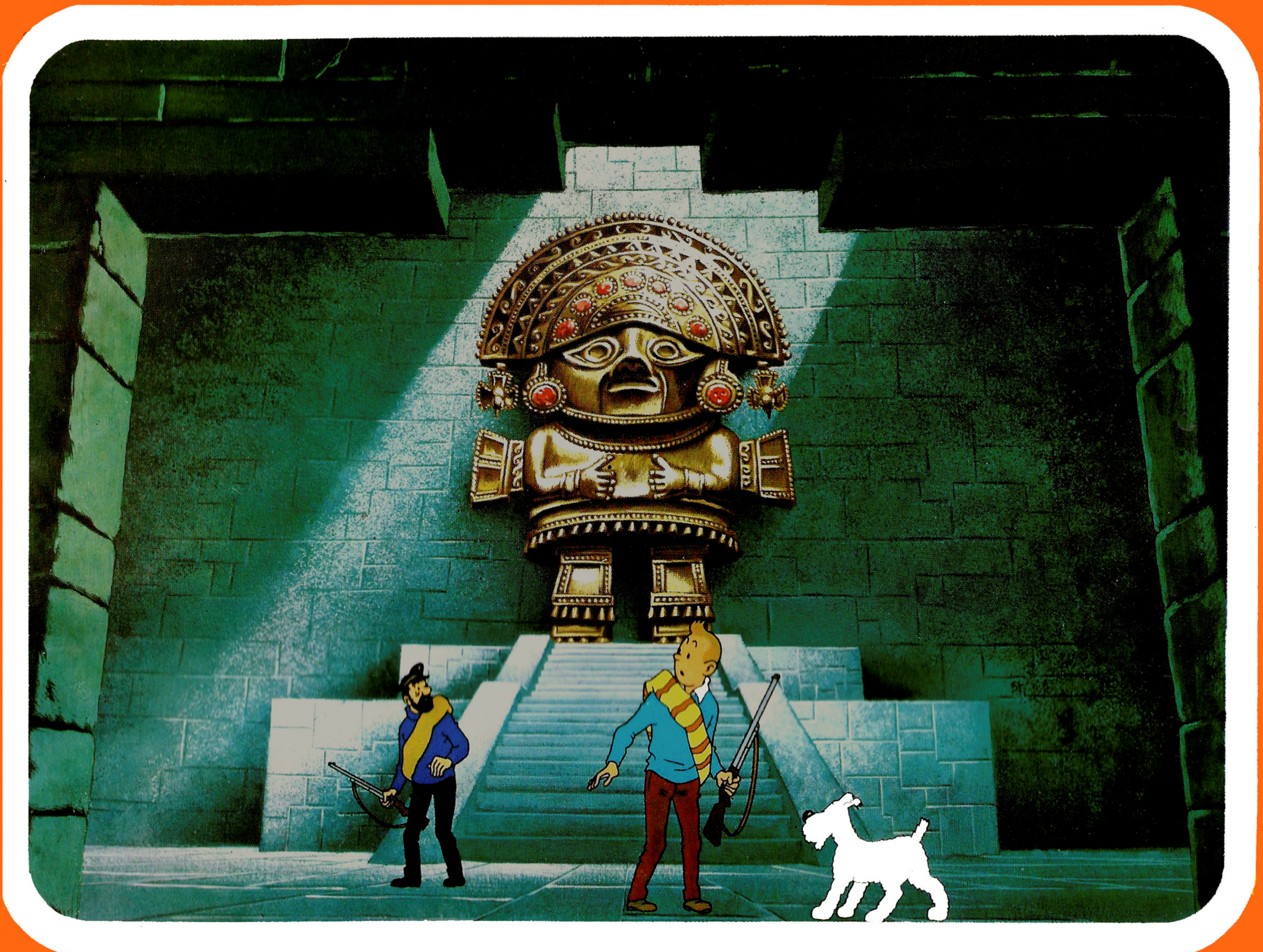


refrescos **Royal** oferecem...

...UMA AVENTURA DE **tintin**



O TEMPLO DO SOL



MONADA
2 LITROS

REFRESCO
Royal.

SABOR DE
MORANGO

REFRESCO
Royal.

SABOR DE
ANANÁS

SABOR DE
CEREJA

REFRESCO
Royal.

SABOR DE
PÊRA

REFRESCO
Royal.

SABOR DE
MORANGO

REFRESCO
Royal.

SABOR DE
LARANJA

REFRESCO
Royal.

SABOR DE
ANANÁS

REFRESCO
Royal.

SABOR DE
MORANGO

REFRESCO
Royal.

SABOR DE
TANGERINA

REFRESCO
Royal.

SABOR DE
GROSELHA

tintin

em *O TEMPLO DO SOL*

OFERTA

dos refrescos

Royal®

Caro amigo:

É nesta caderneta que vais colar os cromos que Refrescos Royal te oferecem.

Se já tens os 108 cromos, nada mais fácil: cola-os nos respectivos quadrados da caderneta e aí tens a aventura completa de Tintin para leres.

Se ainda não tens os cromos todos, mesmo assim é fácil: coleccionas os envelopes que vêm junto dos Refrescos Royal e já está. Esses envelopes são numerados de 1 a 18: quando os tiveres todos tens os 108 cromos que constituem a aventura. Depois é só colá-los na caderneta.



E não te esqueças: Os Refrescos Royal é que são bons! Sabem a fruta que é uma delícia... podem fazer-se gelados com eles... e oferecem os cromos do Tintin.

Refrescos Royal... 2 litros de frescura em 10 sabores diferentes

O TEMPLO DO SOL

Esta história de Tintin é, sem sombra de dúvida, das melhores que Hergé jamais produziu. Tintin e Milou, juntamente com o indispensável capitão Haddock e os incríveis irmãos Dupond, vêem-se envolvidos numa aventura misteriosa e bem architectada, recheada de cenas emocionantes e humorísticas. O inimitável Tintin tem de pôr à prova todos os seus recursos de coragem e argúcia, o capitão esforça-se por secundá-lo da melhor maneira (o que nem sempre consegue...) os Dupond, distraídos e imperturbáveis, tentam o impossível para levar a bom termo a sua missão (o que nunca conseguem...) e Milou, com as suas intervenções providenciais, ajuda o jovem jornalista a resolver os inúmeros problemas que lhe surgem no caminho...

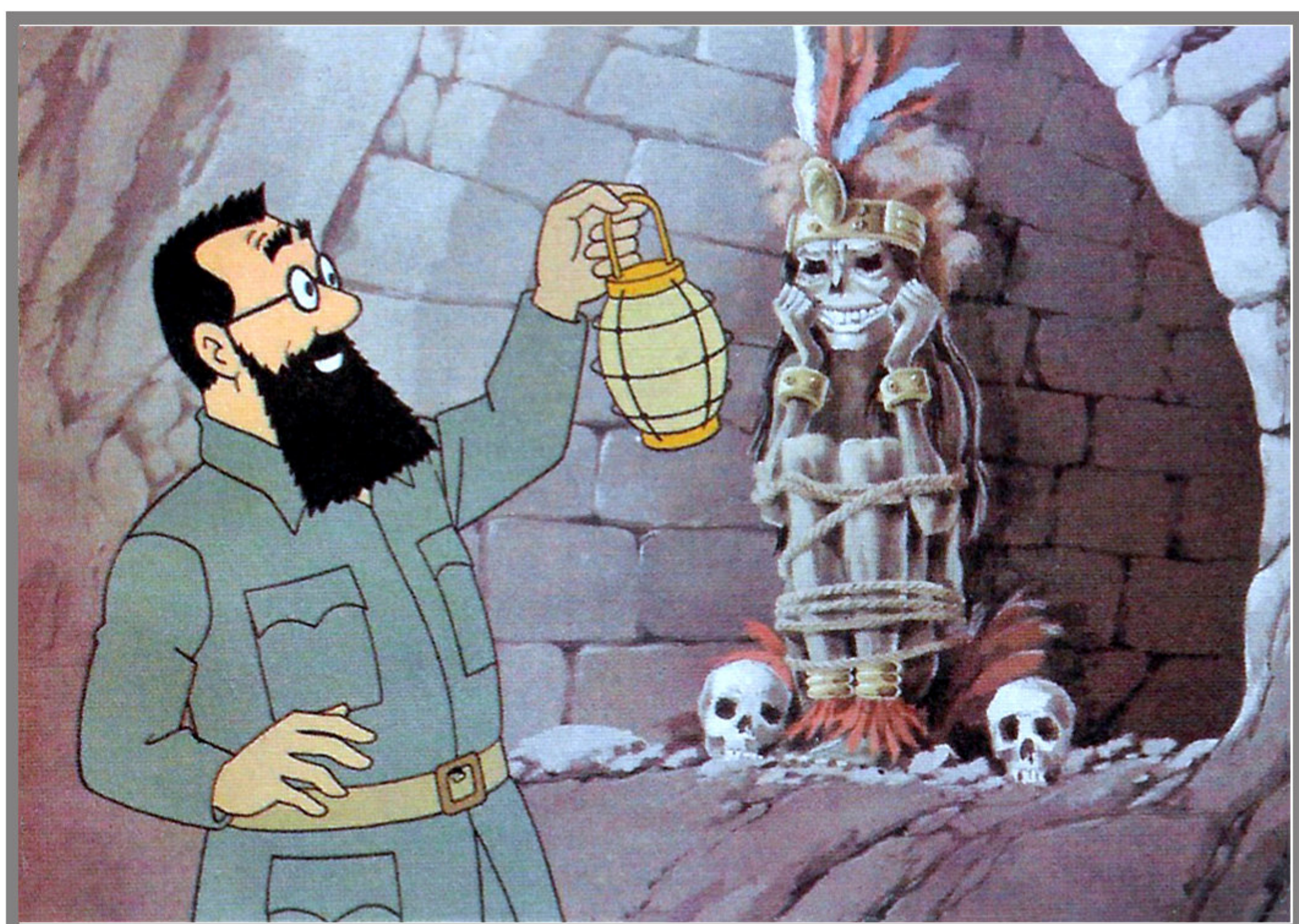
Em resumo: uma aventura de Tintin, que, como é habitual, terá êxito absoluto junto dos leitores de todas as idades!



Perú, terra fascinante como poucas... Era ali que outrora se estendia o império dos Incas. O seu símbolo era o Inca, simultaneamente rei e chefe espiritual. Sete sábios da expedição etnográfica Sanders-Hardmuth acabam de explorar estes territórios; durante dois anos procuraram vestígios da civilização desaparecida.



Os sete homens de ciência defrontaram mil e um perigos. O clima, a natureza, os animais selvagens, tudo lhes era hostil. Muitas vezes viram a morte bem próxima. Assim, entre outros, o professor Hornet nunca esquecerá a travessia desta ponte suspensa sobre o abismo e a pavorosa queda que esteve prestes a dar.



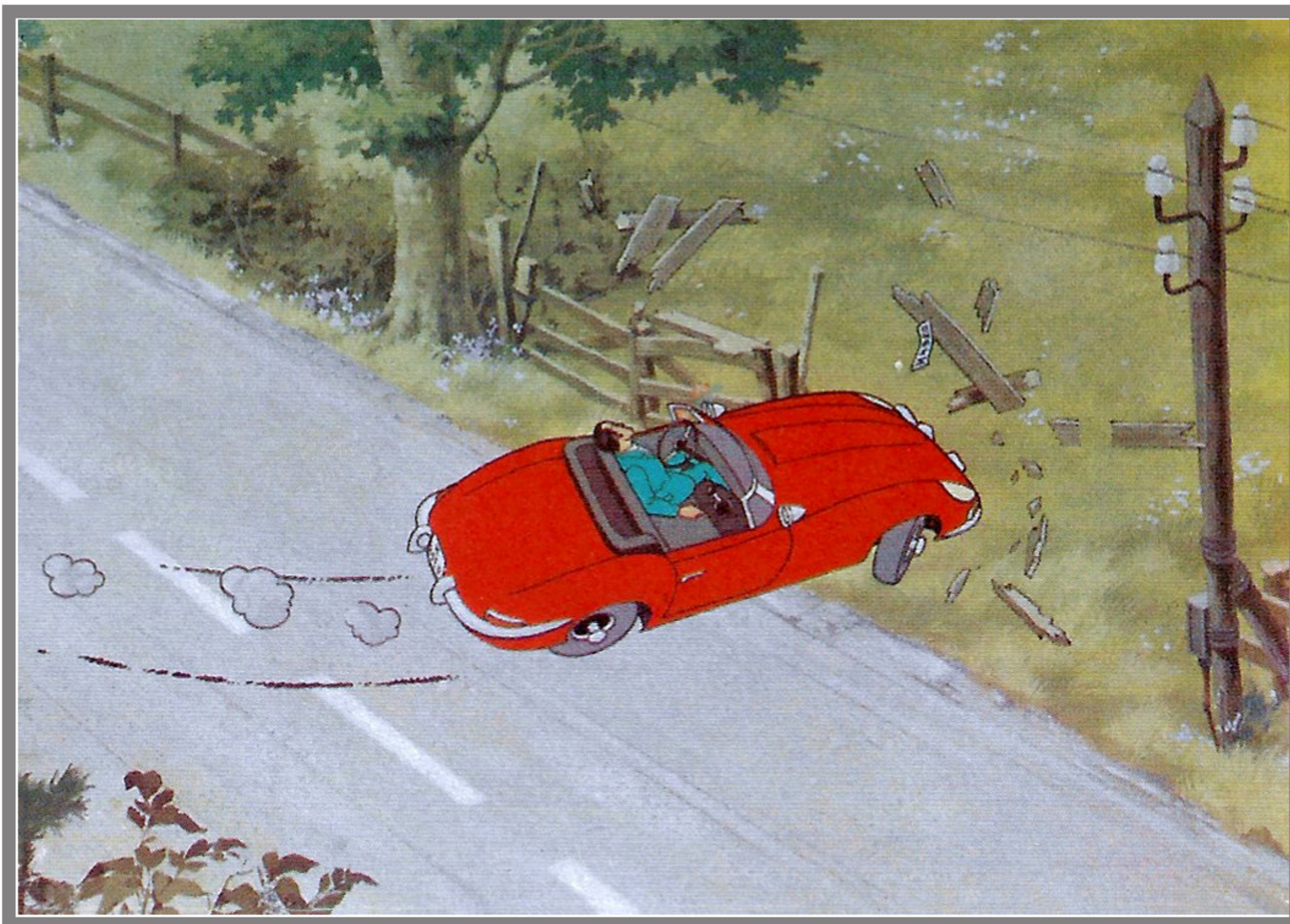
Ao descobrir o túmulo do inca Rascar Capac, com a múmia do próprio rei, o professor Bergamotte decifrou nos muros o texto de uma expansiva profecia: «Sete estrangeiros profanarão este local sagrado e levarão com eles o corpo do inca. Mas a maldição divina perseguirlos-á para além dos mares e das montanhas.»



A verdade é que a vingança anunciada atingiu já cinco dos «profanadores»: um líquido contido em amplolas de cristal, de que foram alvo sucessivamente os cinco sábios, fê-los mergulhar num sono letárgico entrecortado de sobressaltos. O sexto é Marc Charlet, que neste momento se dirige para Moulinsart, onde o aguardam Tintin e os seus amigos.



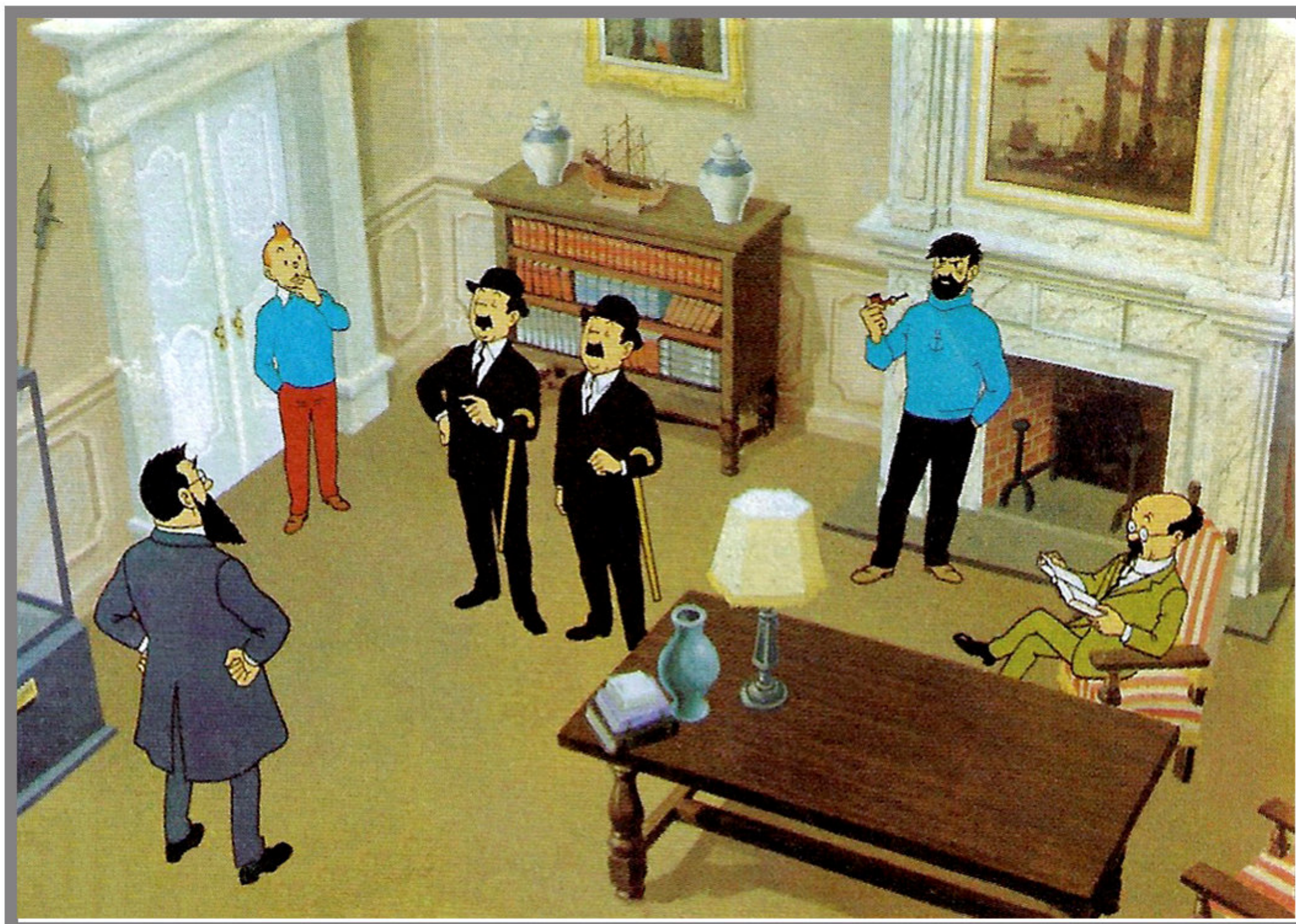
Porém, outro carro persegue o do jovem sábio... E dá-se o drama!... No momento da ultrapassagem, o passageiro do carro perseguidor debruça-se da janela. Observem a cor da sua pele, os olhos oblíquos: é um índio!... Ele lança um projectil na direcção de Marc Charlet: uma bola de cristal, que se despedaça ao cair-lhe aos pés.



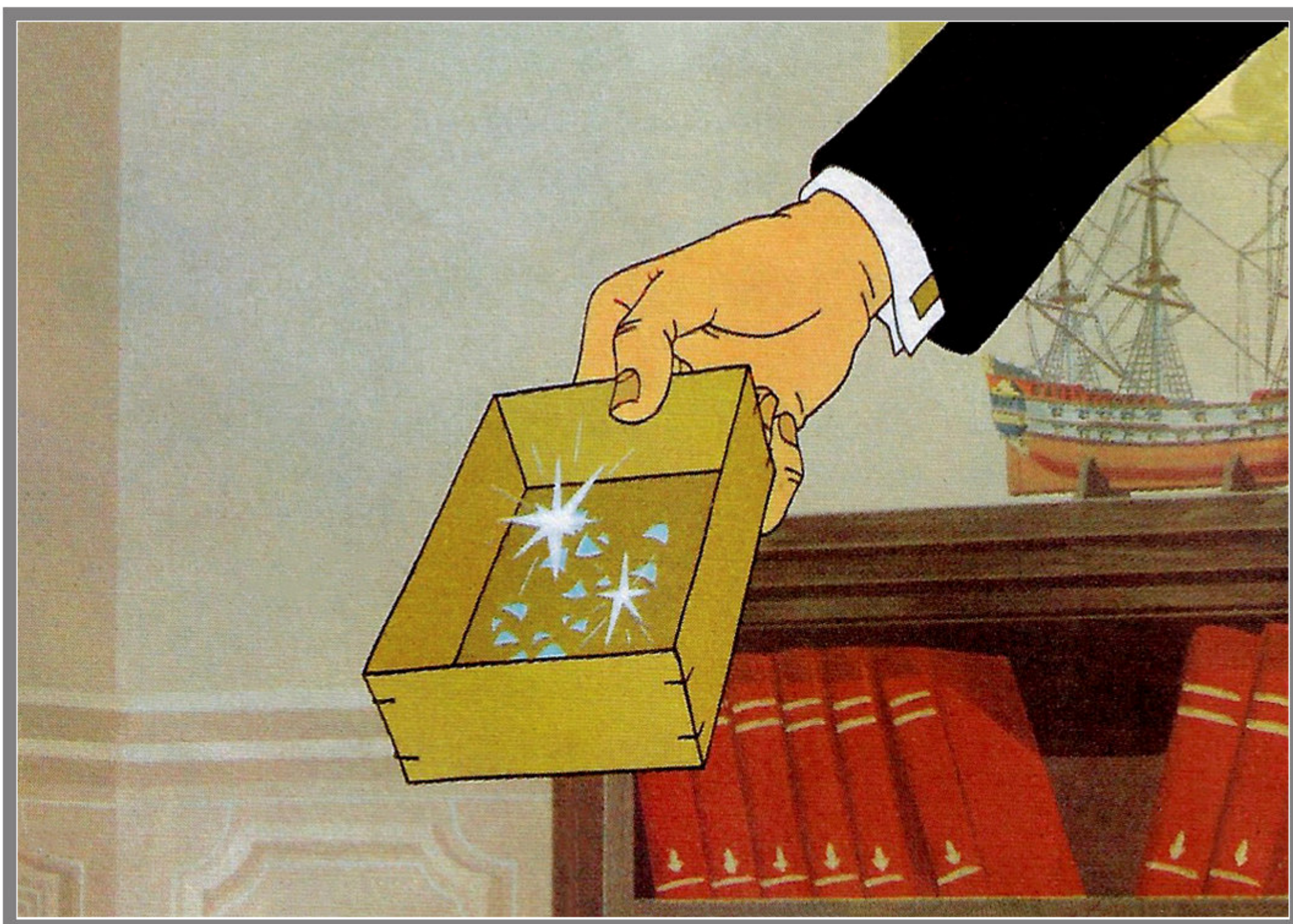
Tal como nos cinco atentados precedentes, o efeito do líquido contido na bola de cristal é fulminante. O infeliz Charlet perde imediatamente o conhecimento, larga o volante e, abandonado a si próprio, o carro dá uma violenta guinada... Resta ainda o último dos sete «profanadores»: Bergamotte. Conseguirá Tintin salvá-lo?



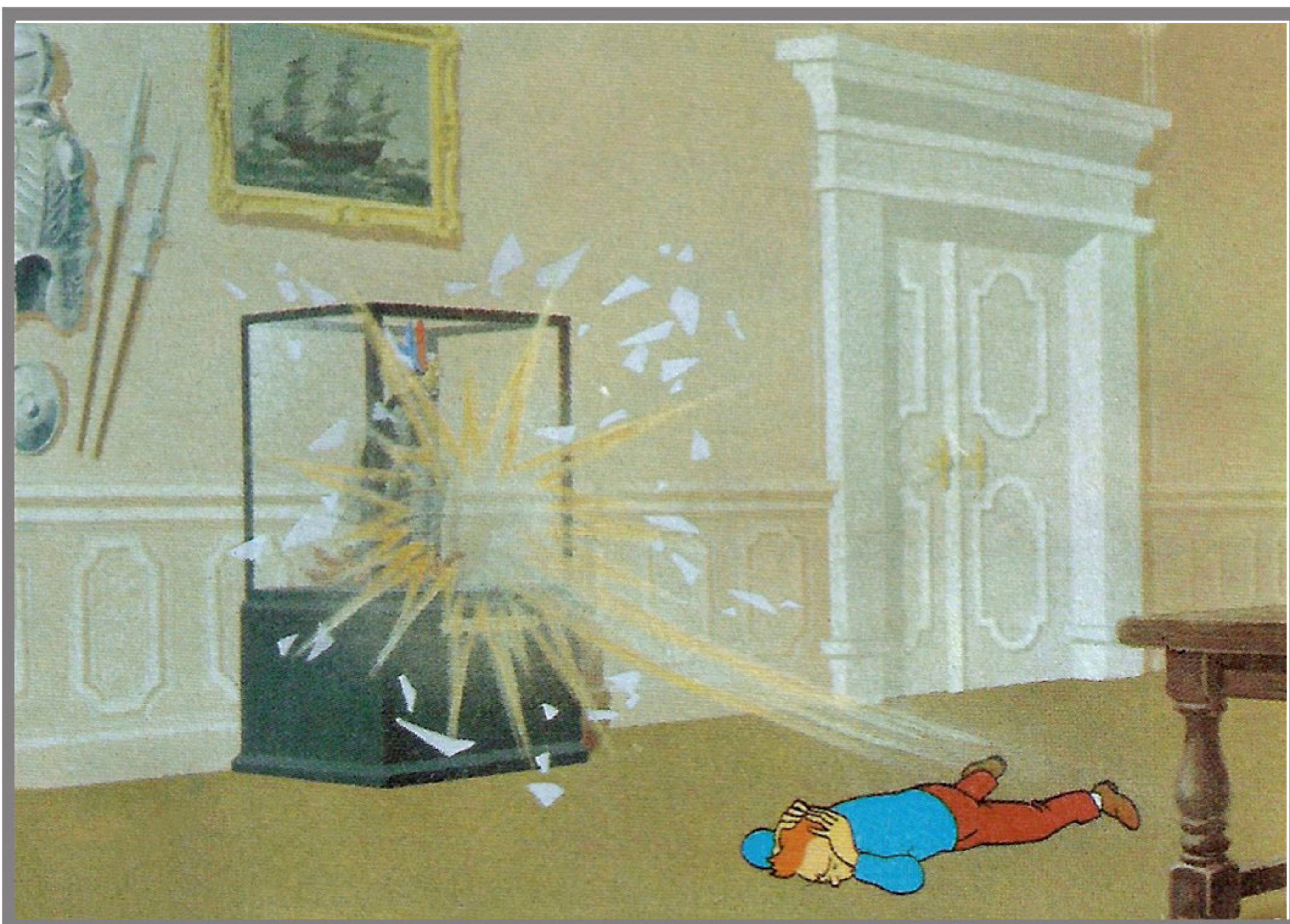
Vimos dois carros na estrada para Moulinsart: o do explorador Charlet, agora danificado na valeta, e o dos índios, ferozes atiradores de bolas de cristal. Porém, um terceiro automóvel segue a mesma direcção: é inútil dizer quem são os ocupantes. Seguem a senda da guerra – mas não estão sós!



Sob o tecto do capitão Haddock realiza-se uma autêntica conferência do estado-maior. Além dos habituais frequentadores da casa, encontrava-se lá o professor Bergamotte, o único dos sete sábios que ainda não fora vítima da vingança de Rascar Capac. Estará ele em segurança no campo fortificado de Moulinsart? As declarações dos Dupond nada têm de tranquilizadoras.



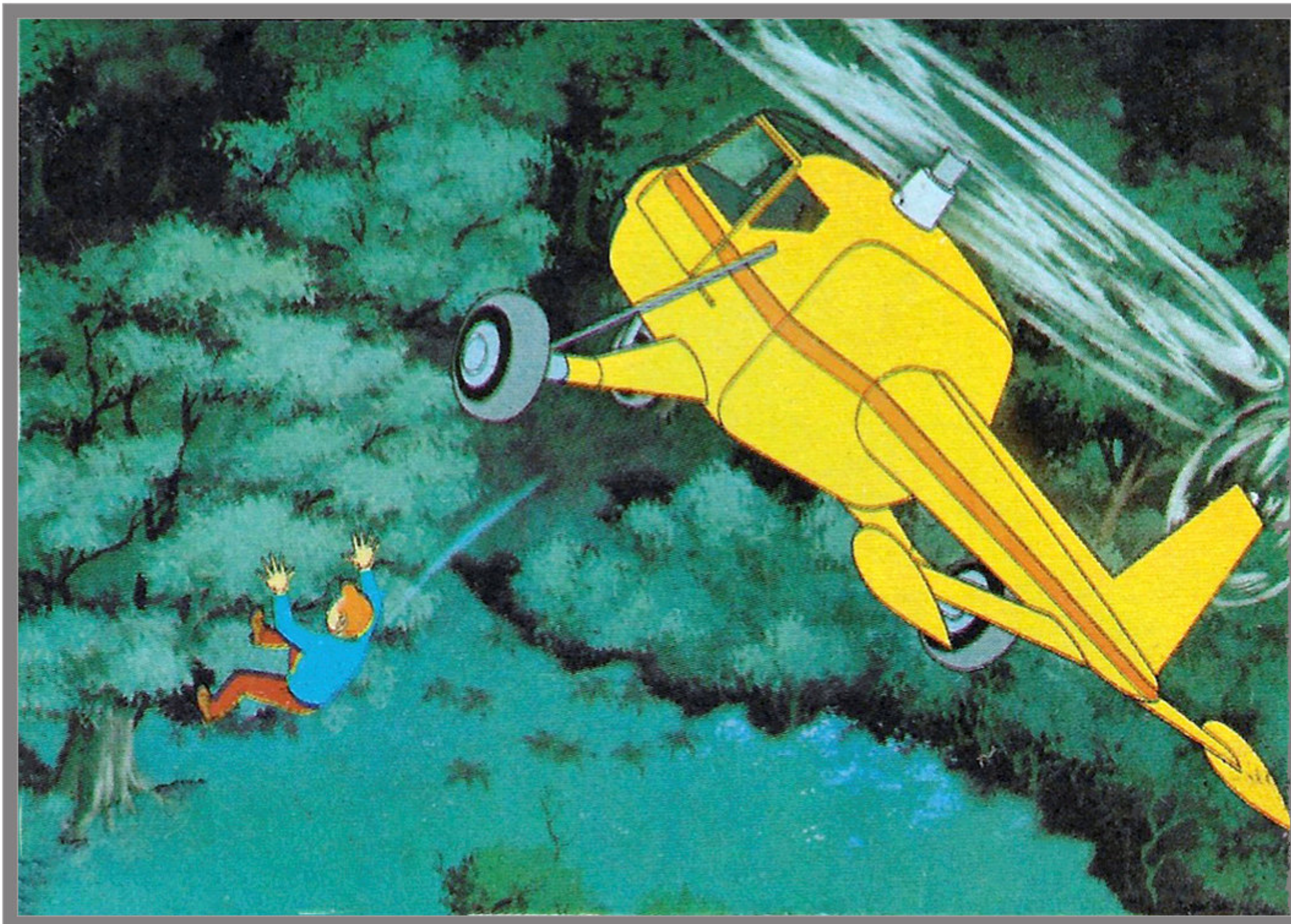
Com efeito, a audácia dos agressores não conhece limites. As suas cinco primeiras vítimas foram atingidas através das janelas, e a sexta em plena estrada. Das seis vezes a mesma prova: junto dos corpos, estilhaços de cristal provenientes de pequenas ampolas esféricas, as quais continham o produto que lançou os seis sábios num sono letárgico.



Um dos atributos do Inca, segundo antigos textos, é o de desencadear o raio... E o tempo está de temporal. Todos sentem os nervos tensos. A múmia de Rascar Capac encontra-se ali, dentro da vitrina... Ouve-se um trovão, vê-se o clarão do relâmpago. E aí vem o raio! Entra pela chaminé, percorre a divisão, despedaça a vitrina e volatiliza a múmia.



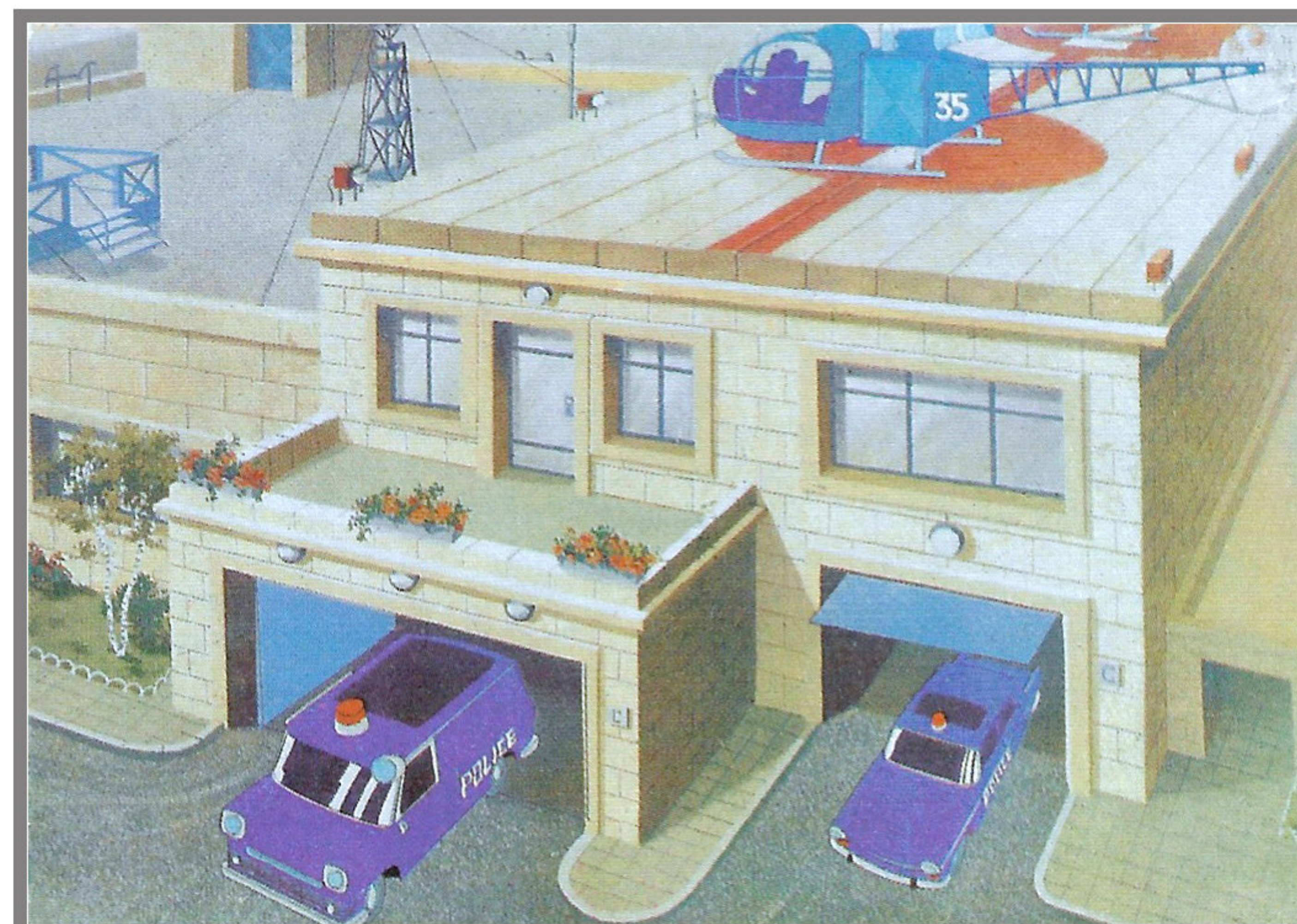
Por seu turno, o sr. Bergamotte expõe-se ao castigo que persegue os «profanadores». E ainda não é tudo. O inofensivo professor Tornesol vai tornar-se também um «ímpio». Ao ir respirar o ar mais fresco ainda suavizado pelo temporal, descobre a bracelete do Inca e coloca-a no pulso. Os justiceiros surgem de trás de uns arbustos, atacam-no e raptam-no.



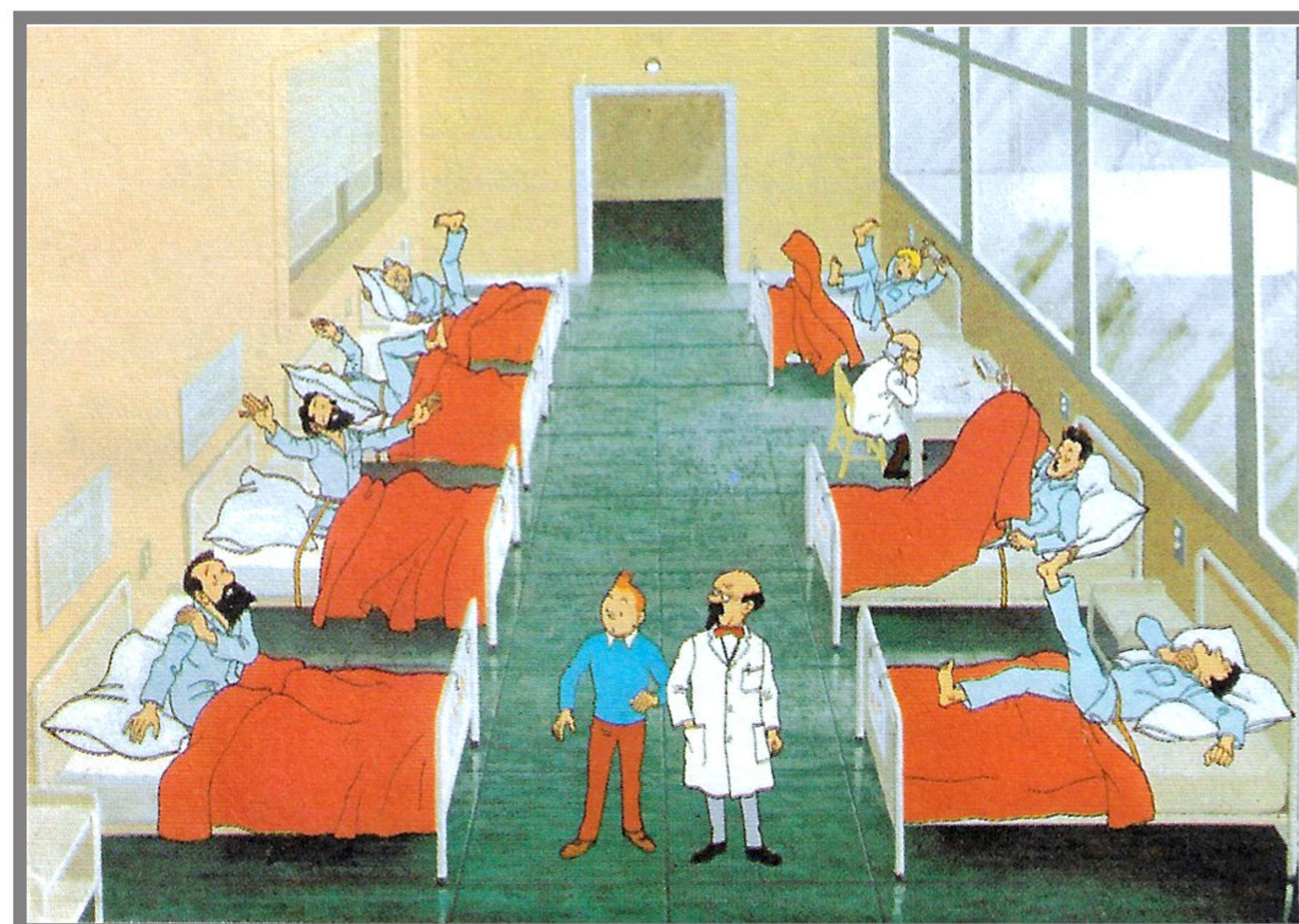
Tornesol raptado! Tintin apela para todas as suas forças. Mas o motor do helicóptero é mais forte; o aparelho dos raptadores levanta voo. Leva mais um passageiro, desesperadamente agarrado ao trem de aterragem... Porém, a tracção é forte de mais, as suas mãos deslizam, e é obrigado a largar a presa. E Tintin vê a terra vir ao seu encontro, com uma velocidade terrível.



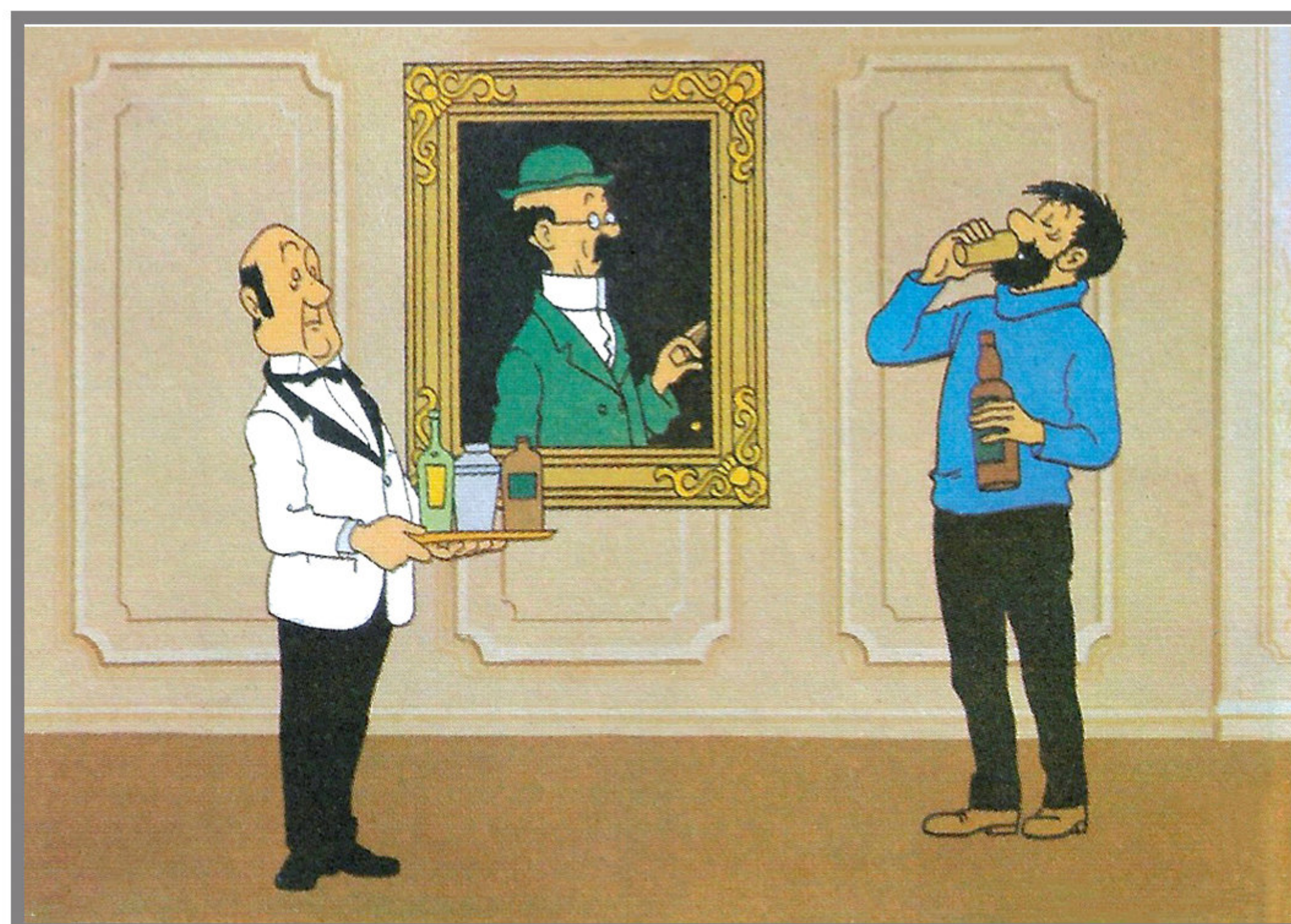
Tintin caiu do helicóptero que leva o professor Tornesol. Por sorte, um ramo providencial amorteceu-lhe a queda: está apenas desmaiado. E, ao recobrar a consciência, o capitão inclina-se para ele: «Nada partido, grumete? ... Não? ... Nesse caso, é preciso apanhar estes patifes, estes iconoclastas, este analfabetos, estes...»



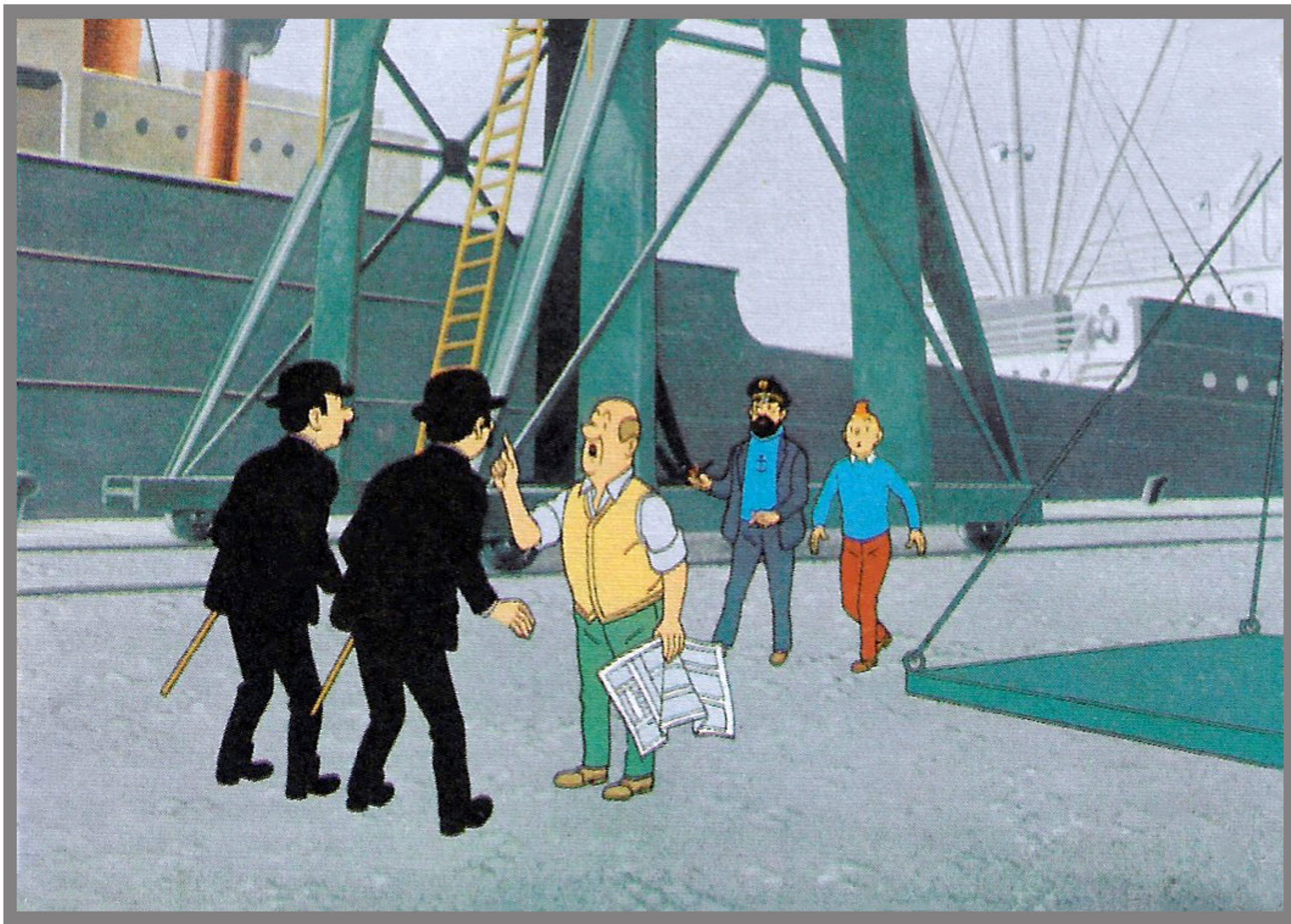
Foi dado o alerta. Todos os meios são postos em acção para deter os raptadores. A Polícia aérea esquadrinha o céu em busca do helicóptero. Os aeroportos estão guardados, os portos vigiados. Colocam-se barreiras nas estradas. Os jornais publicam a descrição do desaparecido. A rádio e a televisão multiplicam os apelos ao público.



Entretanto, passam-se coisas estranhas na clínica onde os sete exploradores foram hospitalizados. Todos os dias, à mesma hora, os sete doentes caem numa espécie de transe inexplicável. As maiores sumidades da medicina mundial estão à cabeceira deles. Até um determinado instante, todos se entregam a um sono absolutamente calmo. Depois, subitamente, desencadeia-se a crise...



Recebem-se finalmente notícias da oitava vítima de Rascar Capac! O helicóptero foi abandonado a alguns quilómetros do porto de Saint-Nazaire. «Rumo a Saint-Nazaire!», grita o capitão. Uma vez equipado, perde apenas o tempo indispensável para tomar «um copinho na mecha», e pronuncia este breve juramento: «Morto ou vivo, havemos de encontrá-lo!»



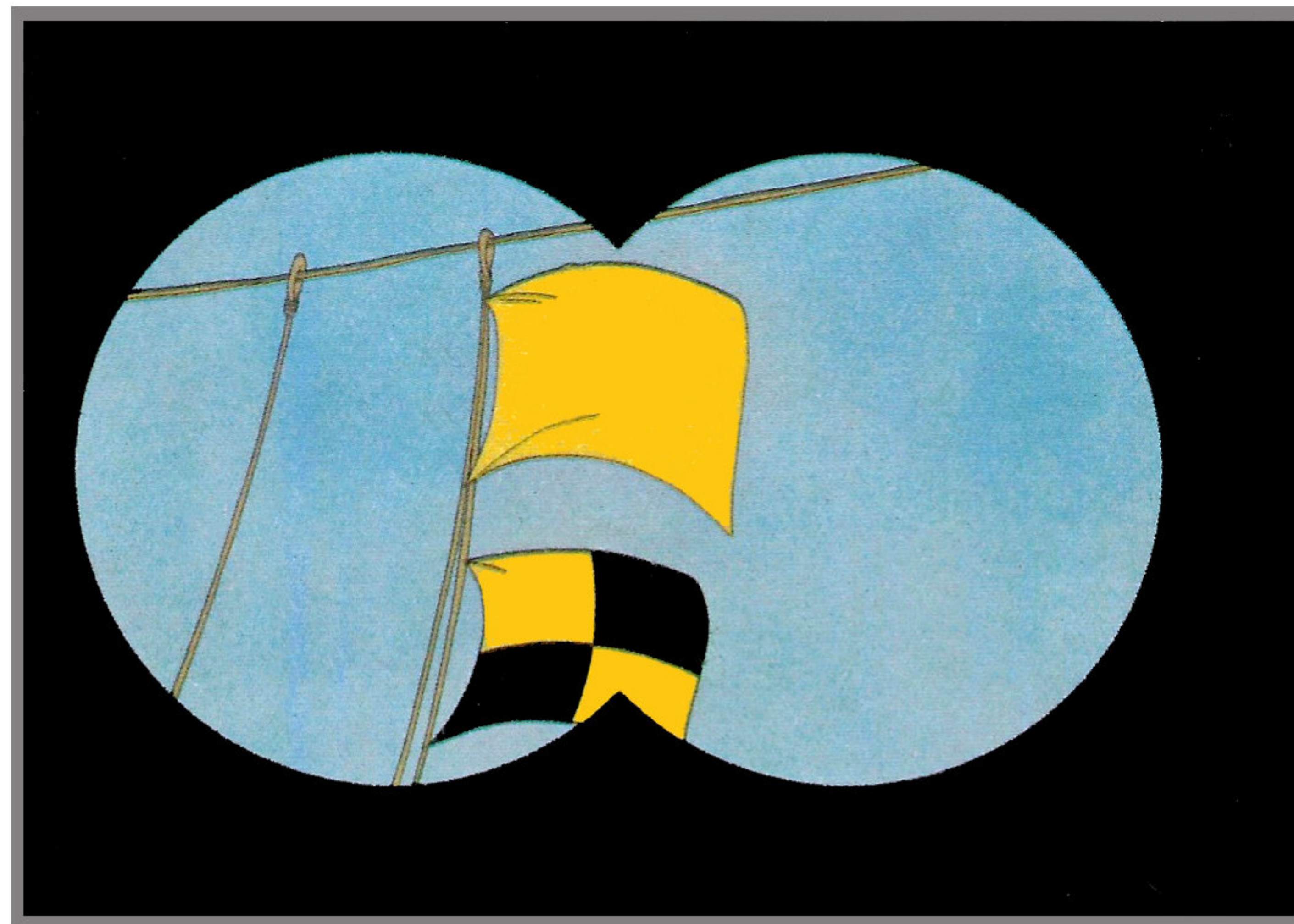
Sentado num cais de Saint-Nazaire, um pacífico pescador espera que o peixe morda a isca. Passa um navio, o cargueiro peruano «Pachacamac». O nosso homem descobre, por trás de uma vigia, um rosto que acaba de ver no seu jornal: o rosto do professor Tournesol!... Resolve dar o alarme. Mas ele não é apenas pescador: também é gago.



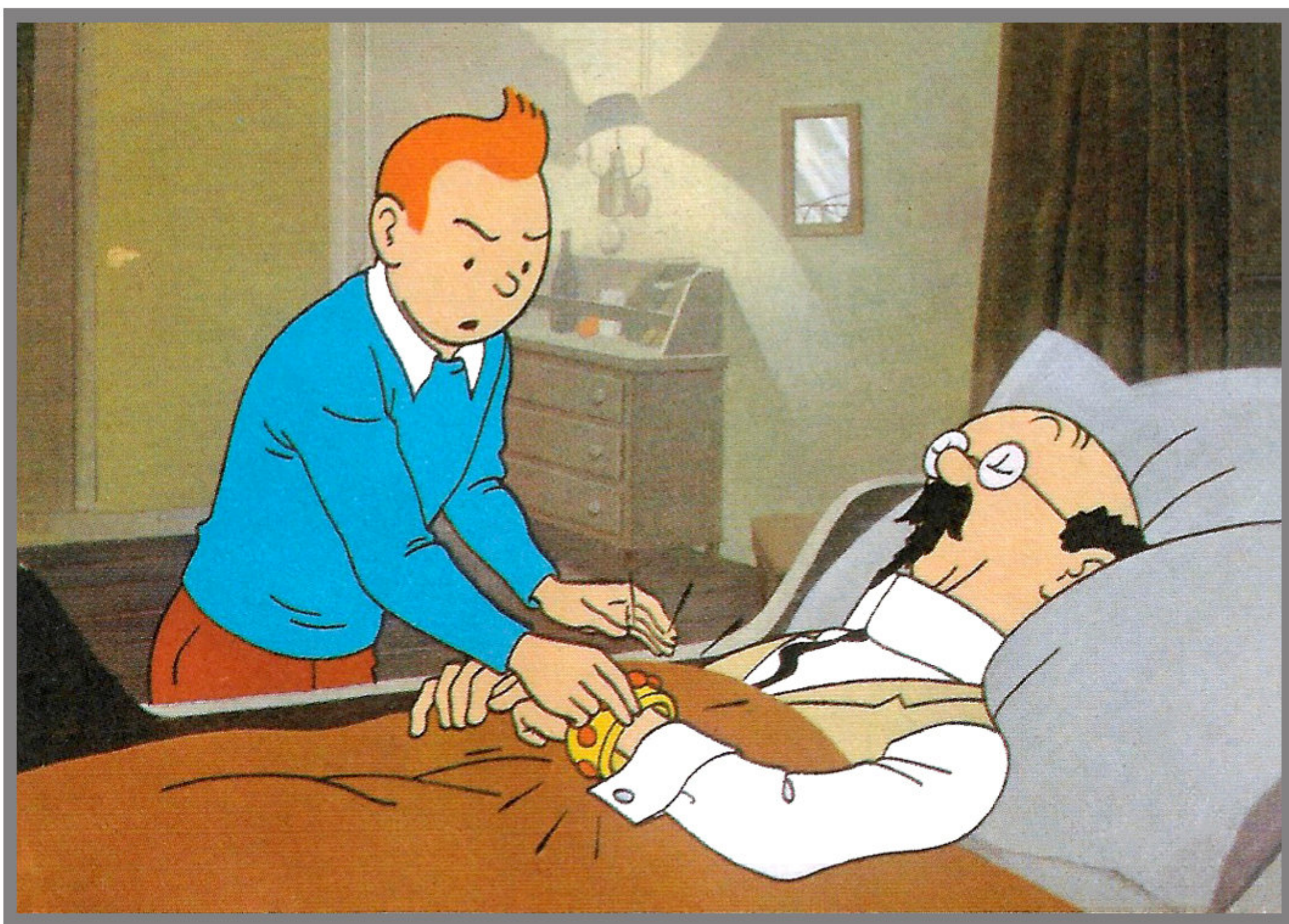
A emoção paralisa-lhe a língua já naturalmente pouco lesta. Procura fazer compreender aos Dupondt, levados ao local pelas suas investigações que a-a-ali... naquele ba-ba-barco... Mas durante o tempo que leva a dizer isto, o navio afasta-se e deixa o porto com rumo a Callao, no Perú. No entanto, é um erro supor-se que Tintin disse a última palavra...



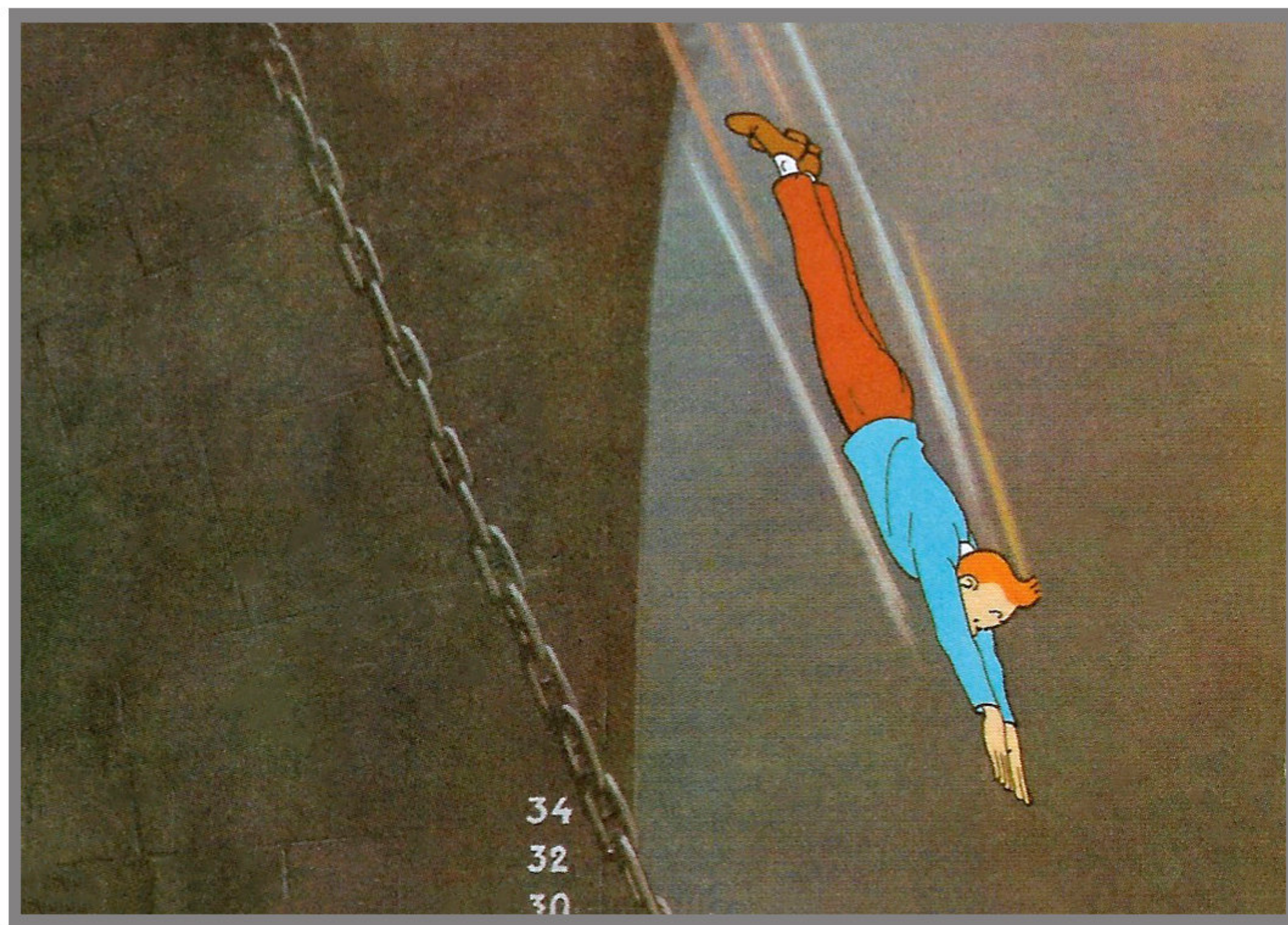
Se tivessem conseguido embarcar no «Pachacamac», Tintin e o capitão não estariam ainda em Callao (Perú). Mas, de avião, já lá se encontram... Conduzidos pelo chefe da Polícia local, dirigem-se para o cais. O *señor* inspector tenciona revistar o navio, logo que este entre na baía, e restituir-lhes o professor Tournesol... se ele estiver a bordo.



E eis que surge o «Pachacamac». O capitão observa-o com o binóculo. «Raios e coriscos!», exclama. «Veja, Tintin. Este maldito bote ordinário arvora pavilhão amarelo e amarelo e azul: doença contagiosa a bordo!...» O médico do porto (um índio quichua) «diagnostica» a peste bubónica e ordena três semanas de quarentena!



Reacção de Tintin: «Esta noite, irei a bordo.» Quando todos dormem, apodera-se de um bote e, em companhia do capitão, rema até ao «Pachacamac». Sem ser visto sobe até ao convés, entra num corredor, e ouve uma voz num camarote, uma voz que diz: «Um pouco mais para oeste!»... O professor Tournesol está ali! No seu pulso, a bracelete sagrada de Rascar Capac!



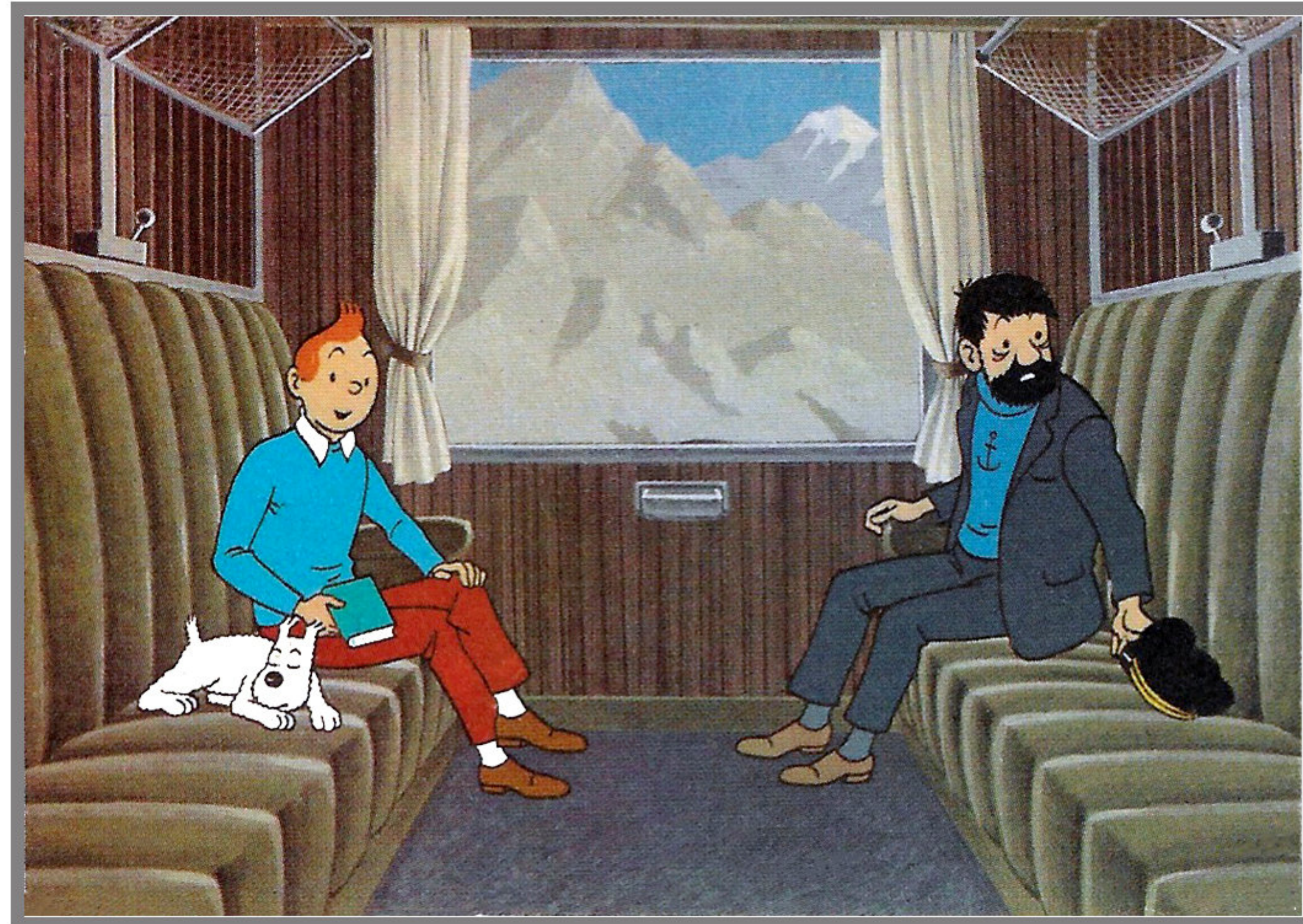
Mas o professor está tão profundamente adormecido que Tintin não consegue acordá-lo: não há dúvida nenhuma de que foi drogado. De súbito, abre-se a porta do camarote e um índio aponta um revólver para Tintin, dizendo: «Este homem cometeu um sacrilégio: tem de morrer». Tintin lança-se contra o adversário, derruba-o, corre para a amurada e salta para a água.



É recolhido pelo seu amigo Haddock. «Capitão», diz Tintin, «o professor Tornesol está a bordo, e ouvi dizer que iam desembarcá-lo para o conduzirem a Jauga». Após algumas remadas depois, esta informação é dada a outros dois ouvintes: os Dupondt, que iam dar o seu auxílio a bordo de um gasolina. E que é feito do gasolina?... Bem... afundou-se!



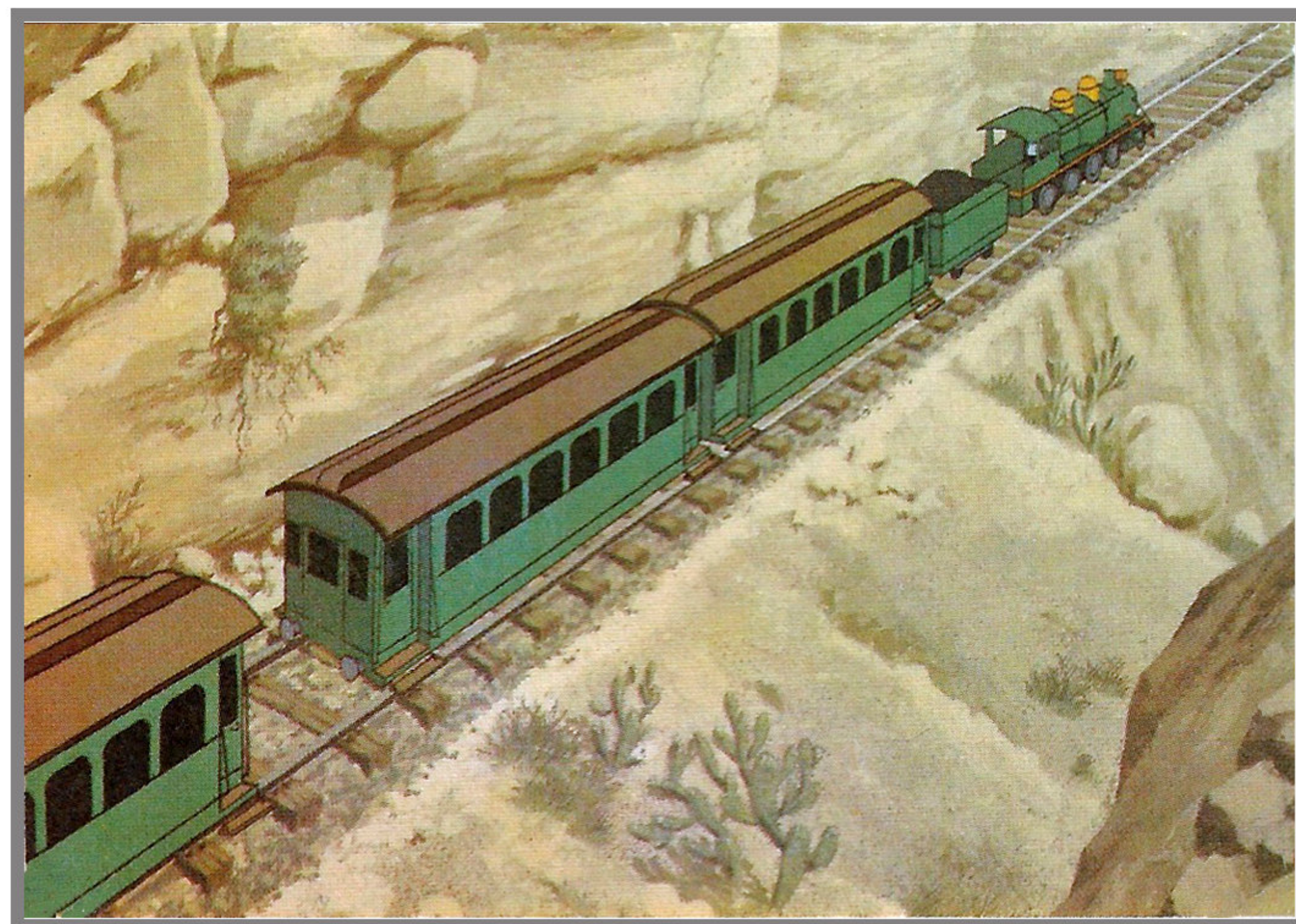
Quando os nossos amigos chegam à estação, o comboio que transporta o professor Tornesol para Jauga já partiu. Tomarão o comboio seguinte. Para passarem despercebidos no meio dos índios, os Dupondt disfarçam-se de ... sioux! Mas por que razão, obedecendo à ordem de um misterioso índio, o chefe do comboio faz os nossos viajantes embarcar na última carruagem?...



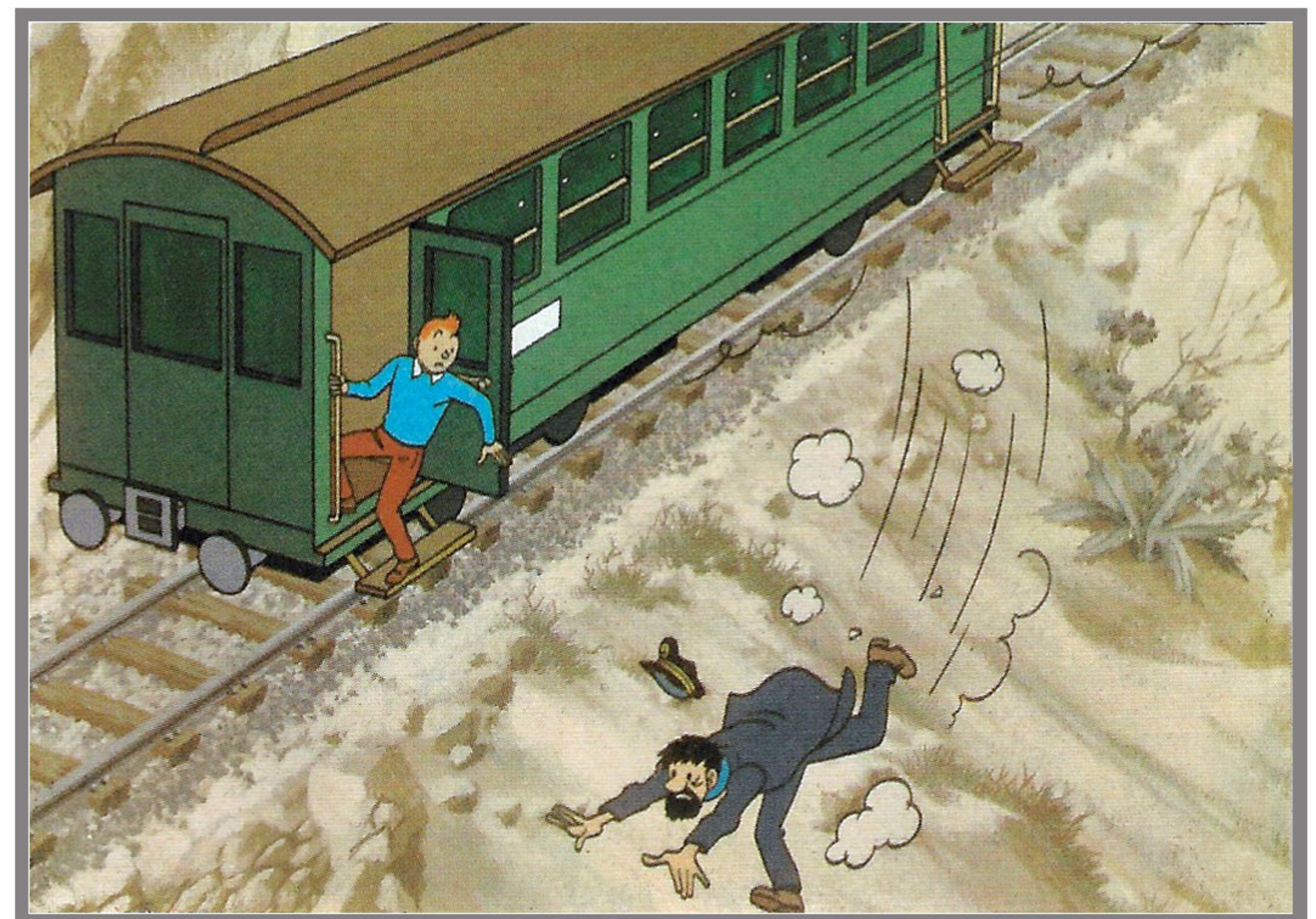
Todas as carruagens do comboio que acaba de partir de Callao para Jauga vão a abarrotar, excepto uma: a última. Esta parece reservada aos quatro passageiros que procuram o professor Tornesol. Ao percorrerem a carruagem, os Dupondt verificaram que os outros compartimentos estão desertos. Dão a informação a Tintin, a quem este isolamento intriga.



Esforçando-se por afastar os seus pensamentos ocultos, Tintin comenta para o seu vizinho de compartimento uma brochura que tem estado a folhear: O capitão sabe que esta linha de caminho de ferro atinge uma altitude de 15 865 pés e é a mais elevada do mundo! – «isso não me espanta», replica o companheiro. «Fartamo-nos de subir!»



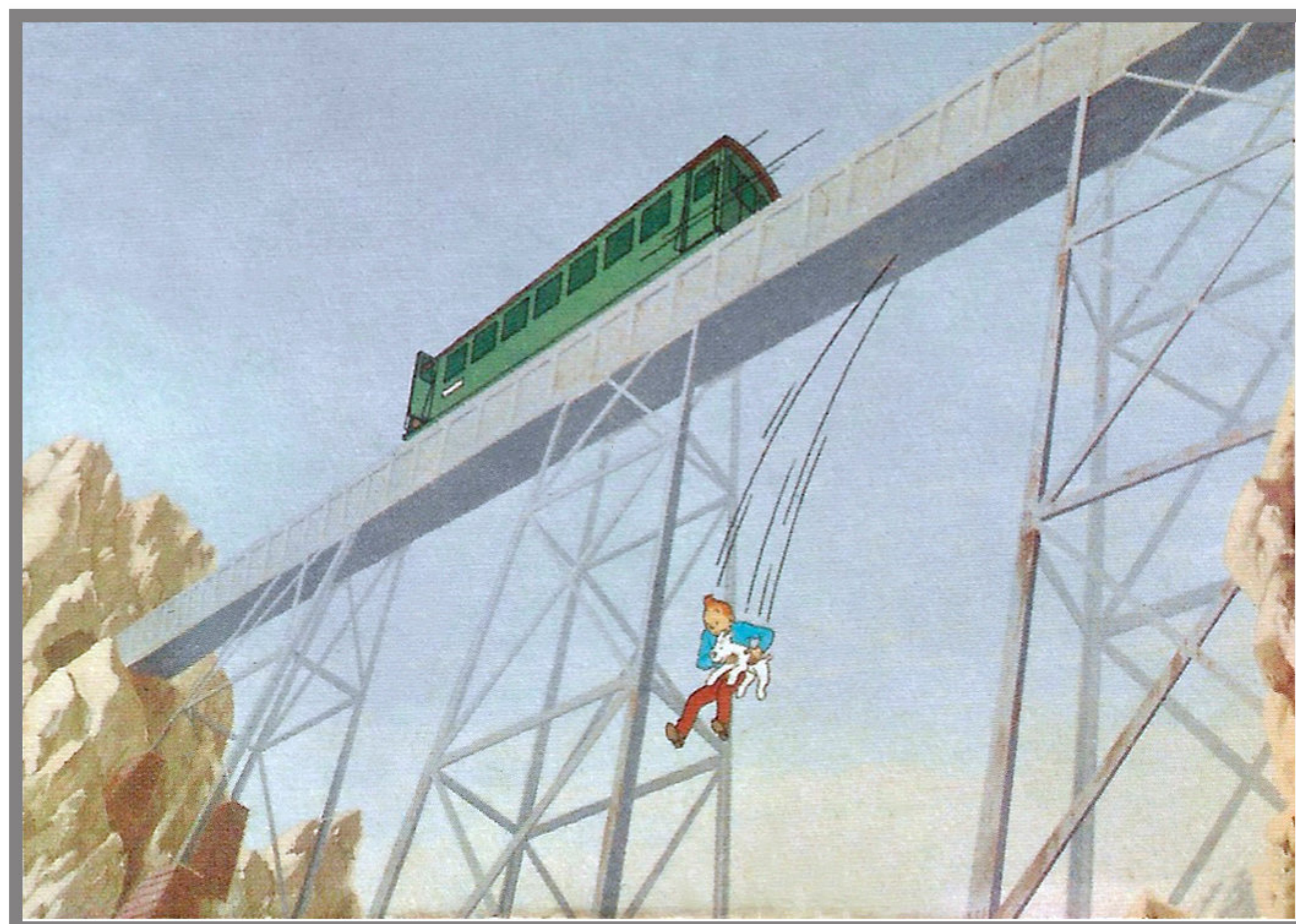
E a escalada prossegue, no cenário vertiginoso, selvagem e magnífico da Cordilheira dos Andes, até que Tintin repara que a velocidade diminui: «Devemos estar a chegar a uma estação...», diz calmamente ao capitão e aos Dupondt, que acabam de se reunir a eles. Mas não! Não há qualquer estação... É A CARRUAGEM DELES QUE SE DESLIGA DO COMBOIO!



Há uma única solução: saltar! Os primeiros a adoptar esta solução são dois homens reputados pelo seu espírito de iniciativa; pode até dizer-se mais: pela sua iniciativa de espírito!. O segundo é o capitão, que se decide quando a carruagem desce já a encosta. e que aterra violentamente sobre as pedras do aterro. Falta Tintin. Mas porque se demora?



Tintin demora-se porque, no momento de saltar da carruagem infernal, pensou em Milou, no pobre Milou que dorme em cima do banco, alheio ao drama que se desenrola. Tintin corre, agarra no seu cão, e vai abrir a porta, mas a carruagem adquiriu grande velocidade! Saltar em marcha seria um suicídio!



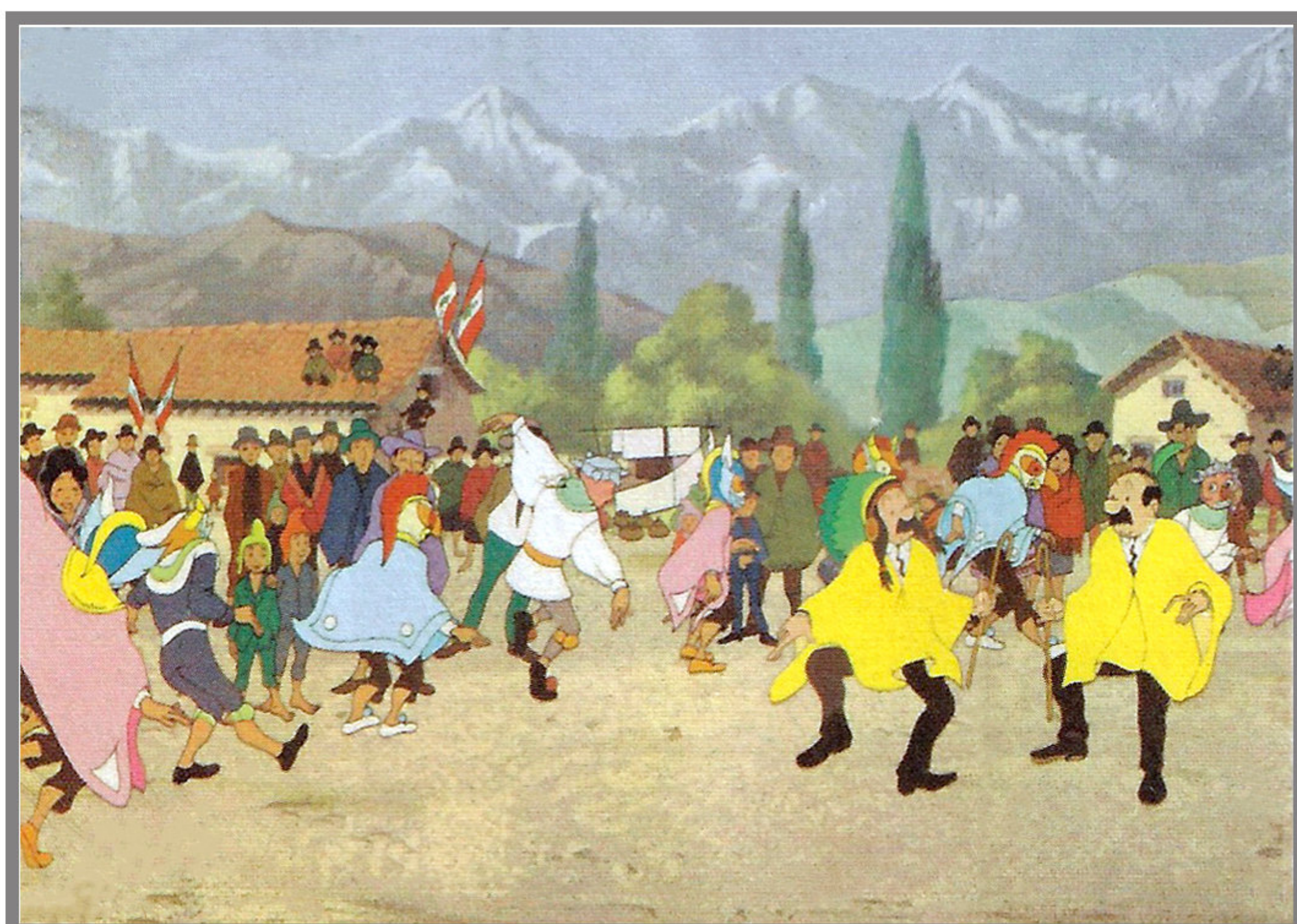
Nesse momento, a carruagem entra num viaduto que atravessa uma garganta, no fundo da qual passa um curso de água. Esperar mais é, sem dúvida, perder a última ocasião de saltar... Mas saltar é correr o risco de se esmagarem nas rochas ou se afogarem nas águas tumultuosas... Tintin decide-se. Aperta Milou nos braços e salta!



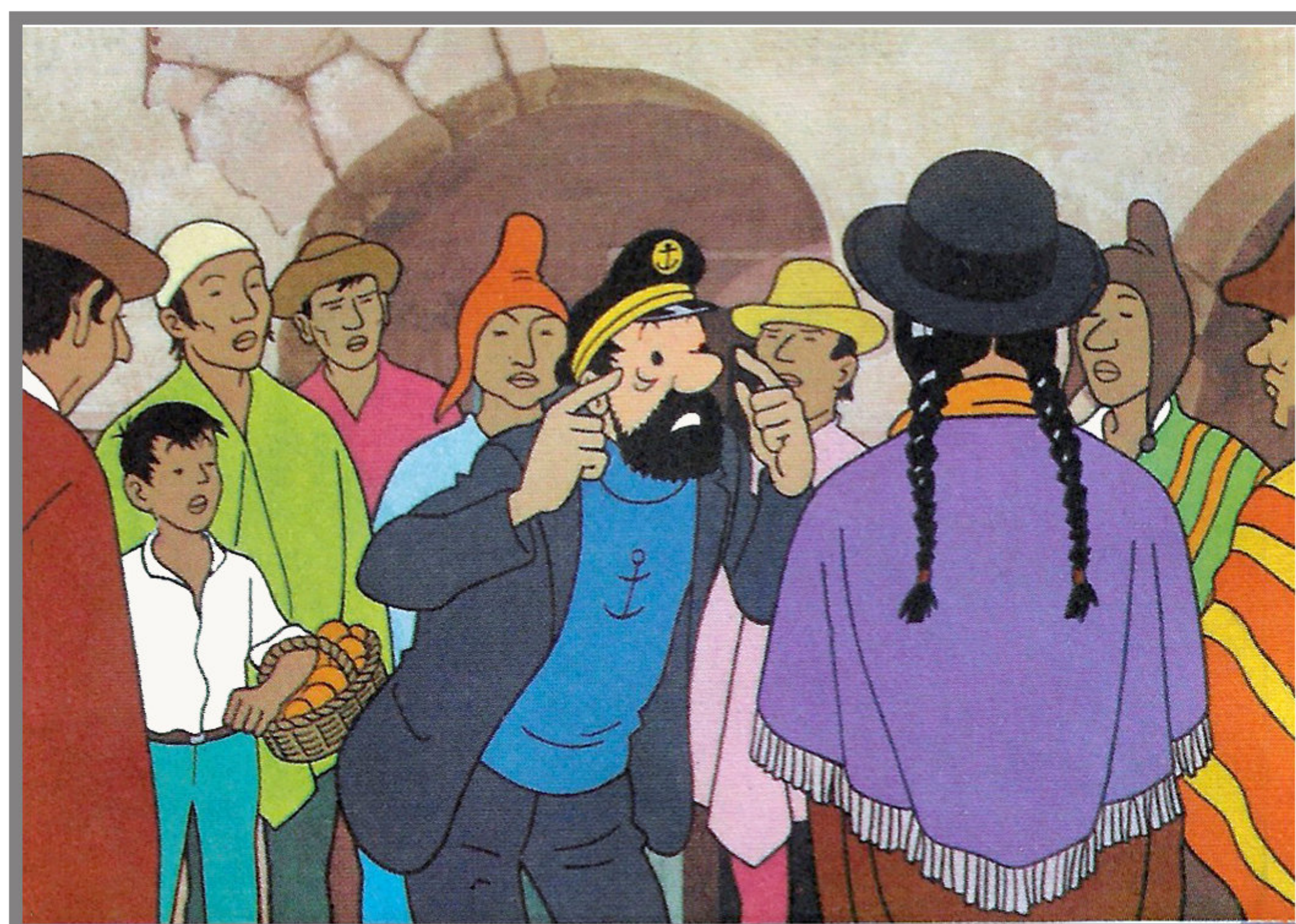
Tintin não se afogou na torrente, sob o viaduto do caminho de ferro. Ao sair da água, viu saltar dos carris e despedaçar-se na ravina a carruagem donde saltara no instante exacto. Os nossos amigos reúnem-se novamente, descobrem uma zorra, colocam-na sobre a via, instalam-se e – à força de músculos – avançam na direcção de Jauga.



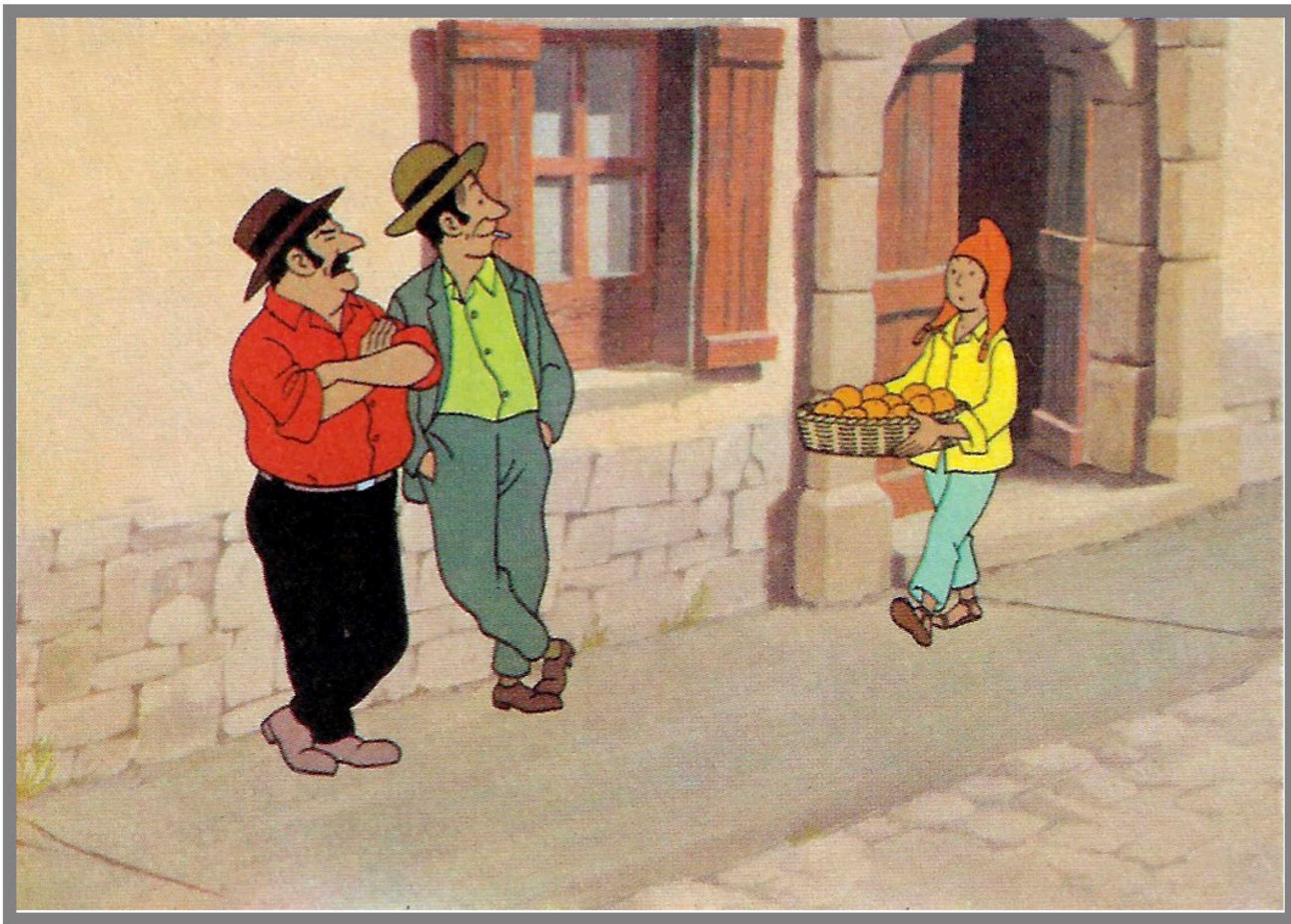
Tintin estipula o plano a seguir logo que chegam à cidade: cada um deles encarregar-se-á de interrogar alguns indígenas, na esperança de encontrarem um que tenha visto o professor Tornesol. Mas os nossos investigadores escolheram uma má altura: é a Festa do Pisco (bebida nacional) e naquele momento a população não tem outra preocupação que não seja beber, cantar e dançar alegremente...



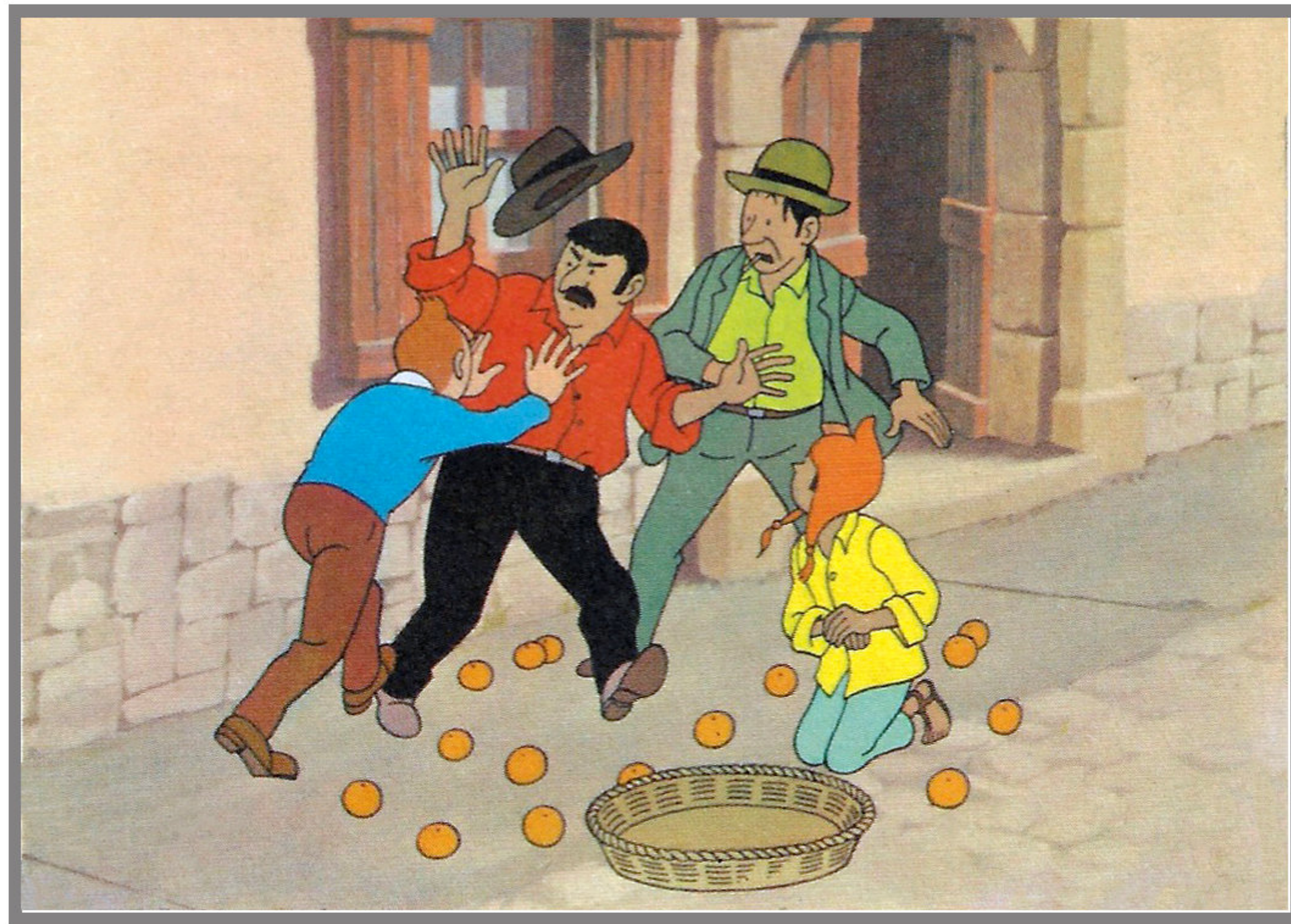
A dança! Eis uma arte que fascina os Dupondt! Aproximam-se de um grupo que executa uma dança de roda endiabrada. Porém, não esquecem a sua missão: «Procuramos um homem baixinho, com uma barbicha e um chap...» Não os deixam terminar. São irmãos de raça. Empurram-nos, puxam-nos, e lá entram na roda.



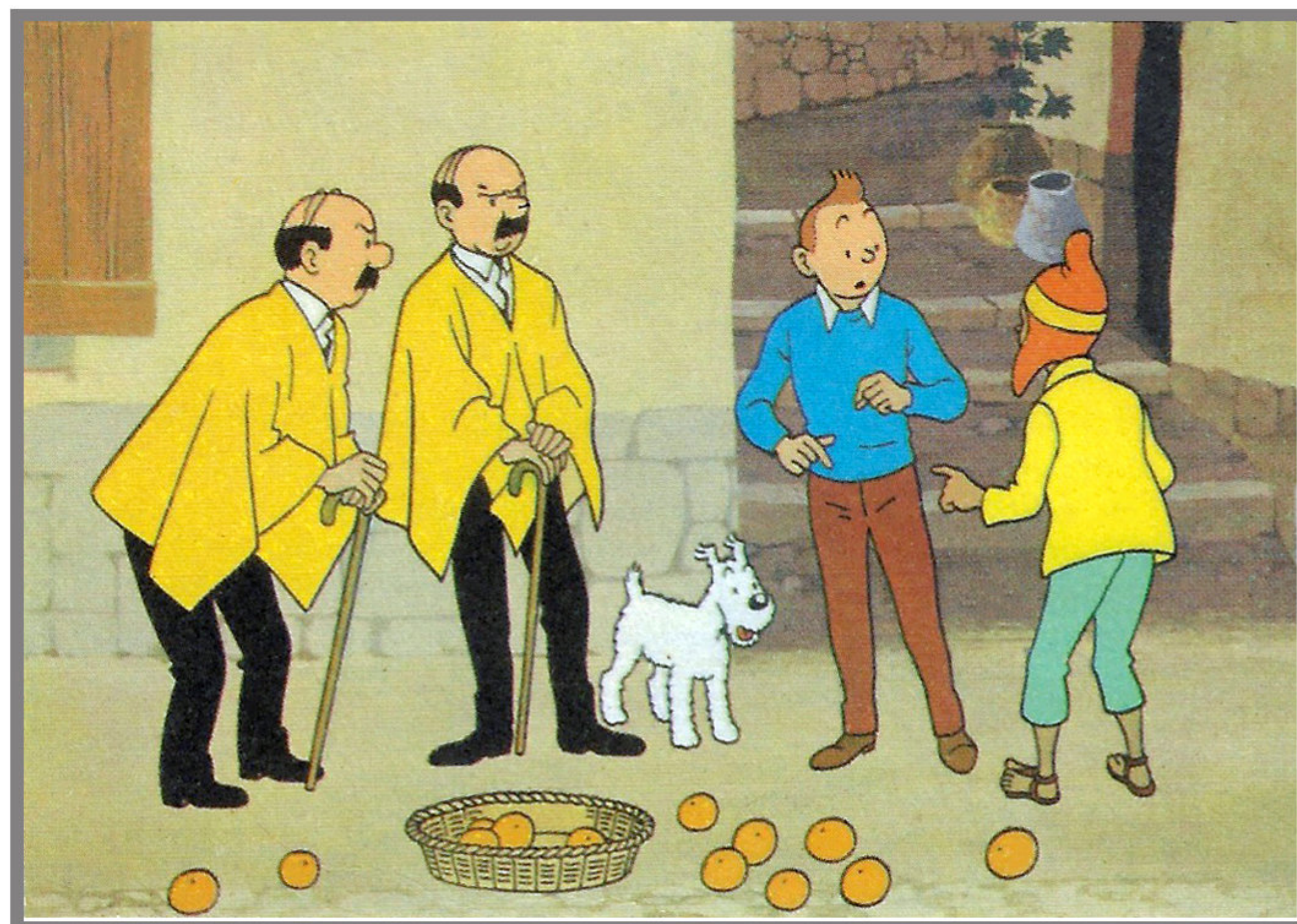
A investigação nada traz de novo. As averiguações do capitão também não resultam. Todas as pessoas interrogadas a respeito do professor Tornesol respondem invariavelmente: «No sé!» Haddock desespera e descarrega a sua ira sobre um vendedor ambulante. Quando este lhe apresenta o tabuleiro, olha-o com fúria e exclama: «No sé!»



Mais paciente, Tintin prepara-se para interrogar um pequeno vendedor de laranjas que avança pela rua. Mas quando o garoto passa diante de dois indivíduos de expressão patibular, um deles escarnece: «Levas mal o teu cesto, Zorrino. Vais ver que cai. Olha!» E o bruto faz voar cesto e laranjas com um pontapé. Tintin estremece...



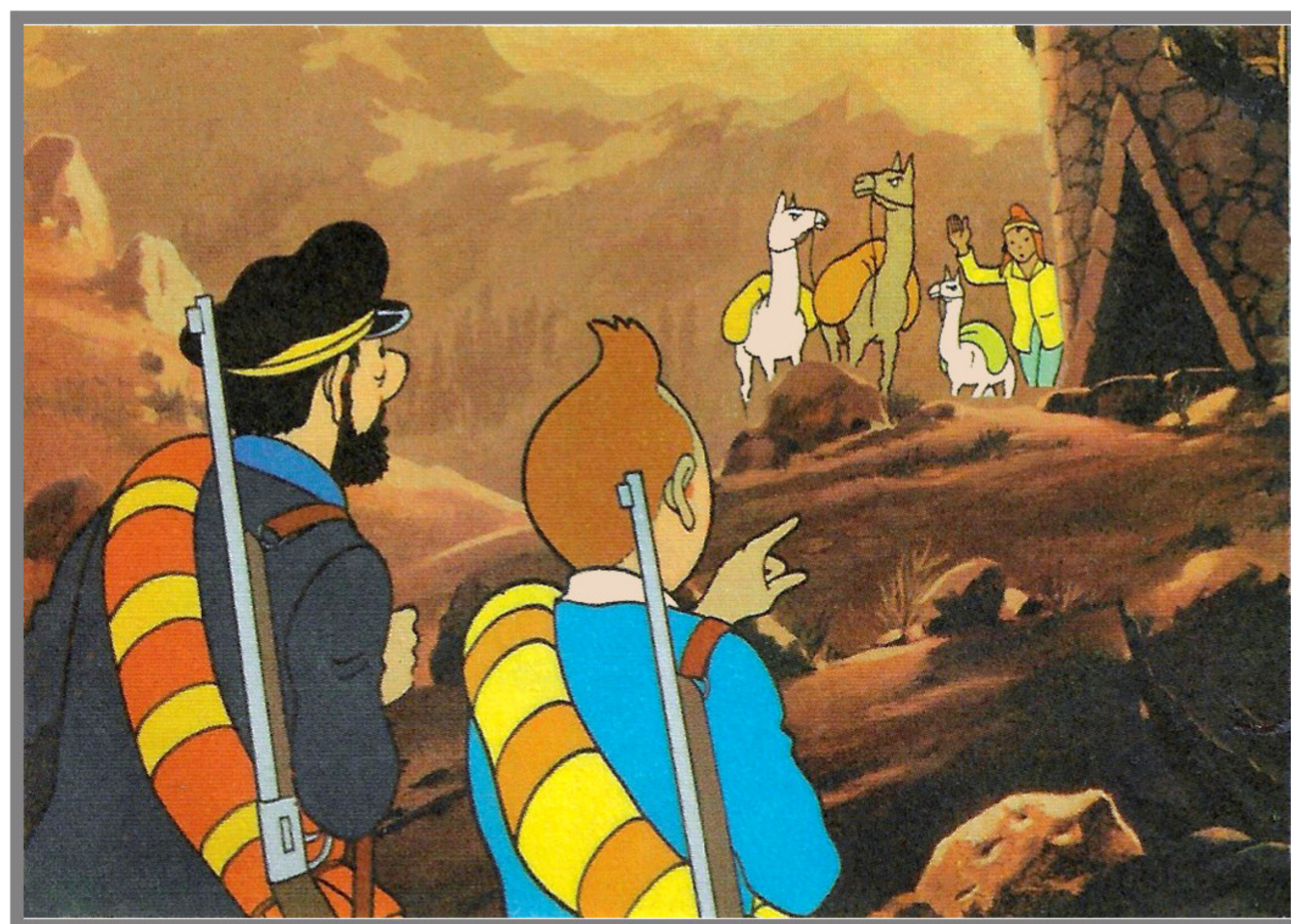
Quando o pobre garoto se ajoelha para reunir os frutos dispersos, o brutamonte pisa-lhe a mão com o sapato grosso. Tintin não consegue suportar este espectáculo. «Devia ter vergonha!» exclama, avançando. E, corajosamente, ataca o adversário duas vezes mais forte do que ele. Qual será a réplica do colosso?



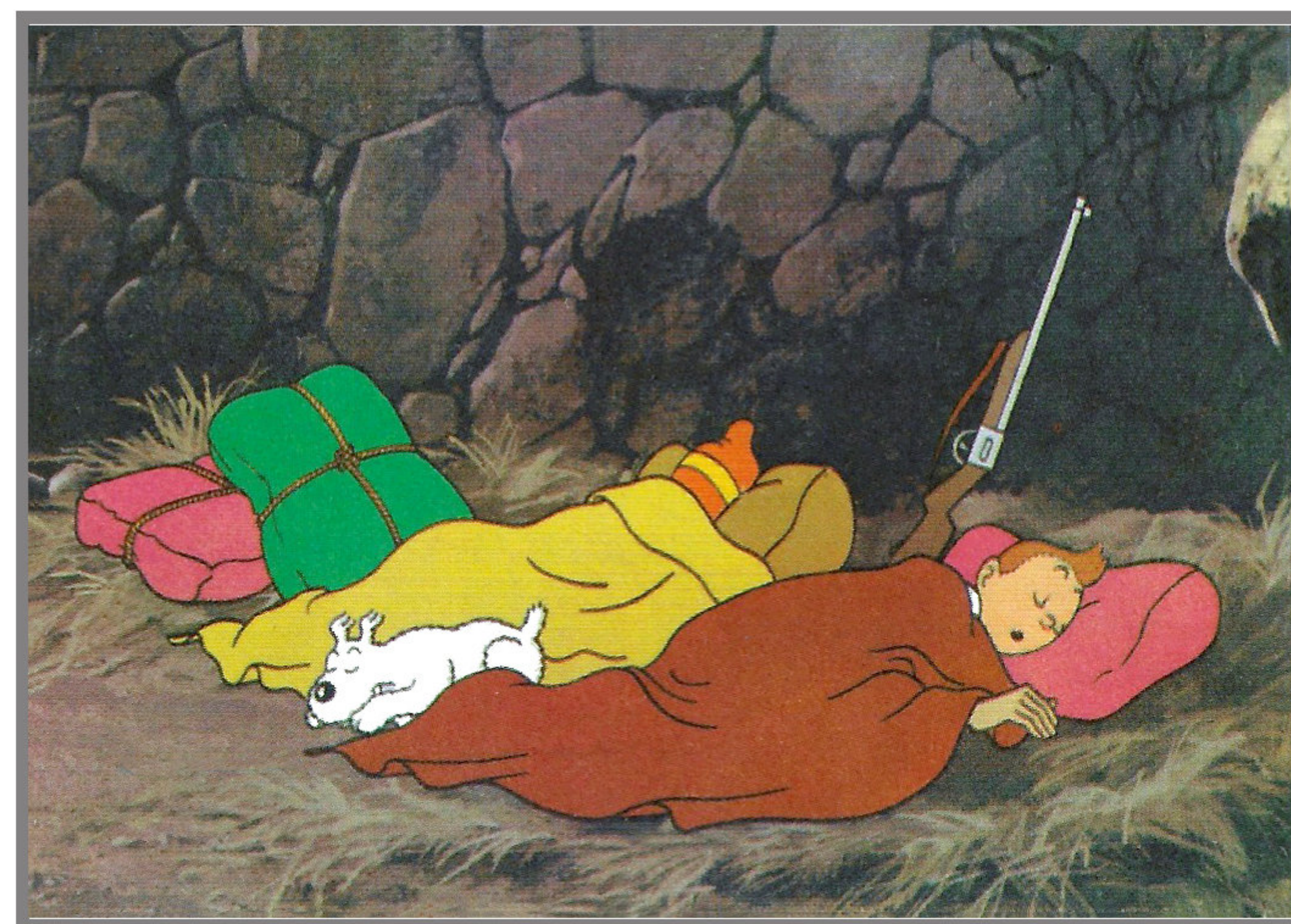
O algoz de Zorrino é não só um bruto, mas também um cobarde, e foge, perseguido por Milou... O pequeno vendedor de laranjas agradece ao seu defensor: «Zorrino é teu amigo por toda a vida, *señor* Tintin!» declara o garoto. Tintin surpreende-se. «Sabes o meu nome?» – «Sim, sei o teu nome e muito mais coisas...»



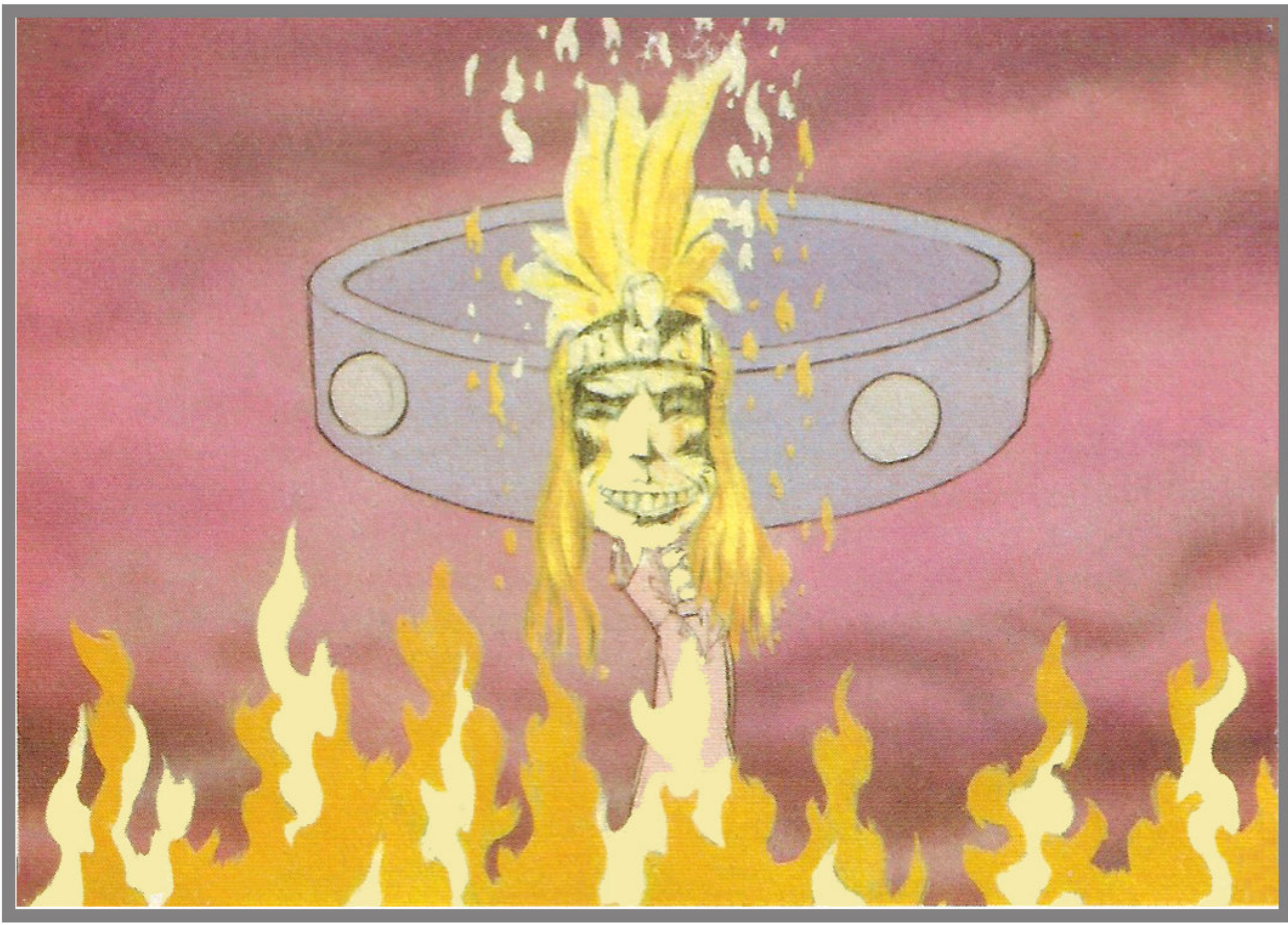
Zorrino prossegue: «Sei quem tu procuras... Sei onde ele está... Levar-te-ei lá...» Assim, ao socorrer um jovem índio, Tintin descobre finalmente a pista do professor Tornesol! O local do encontro é fixado pelo garoto a duas horas de marcha da Ponte do Inca. Tintin e o capitão partem a pé; os Dupondt preferem a navegação fluvial.



Enquanto avança a piroga dos dois célebres inspectores, os nossos amigos chegam ao local onde Zorrino os espera e onde reuniu para eles armas e lamas. Isolado no meio da paisagem grandiosa, ergue-se naquele lugar uma «chulpa»: é dentro deste antigo túmulo índio que Tintin e o capitão devem passar a primeira noite desta expedição.



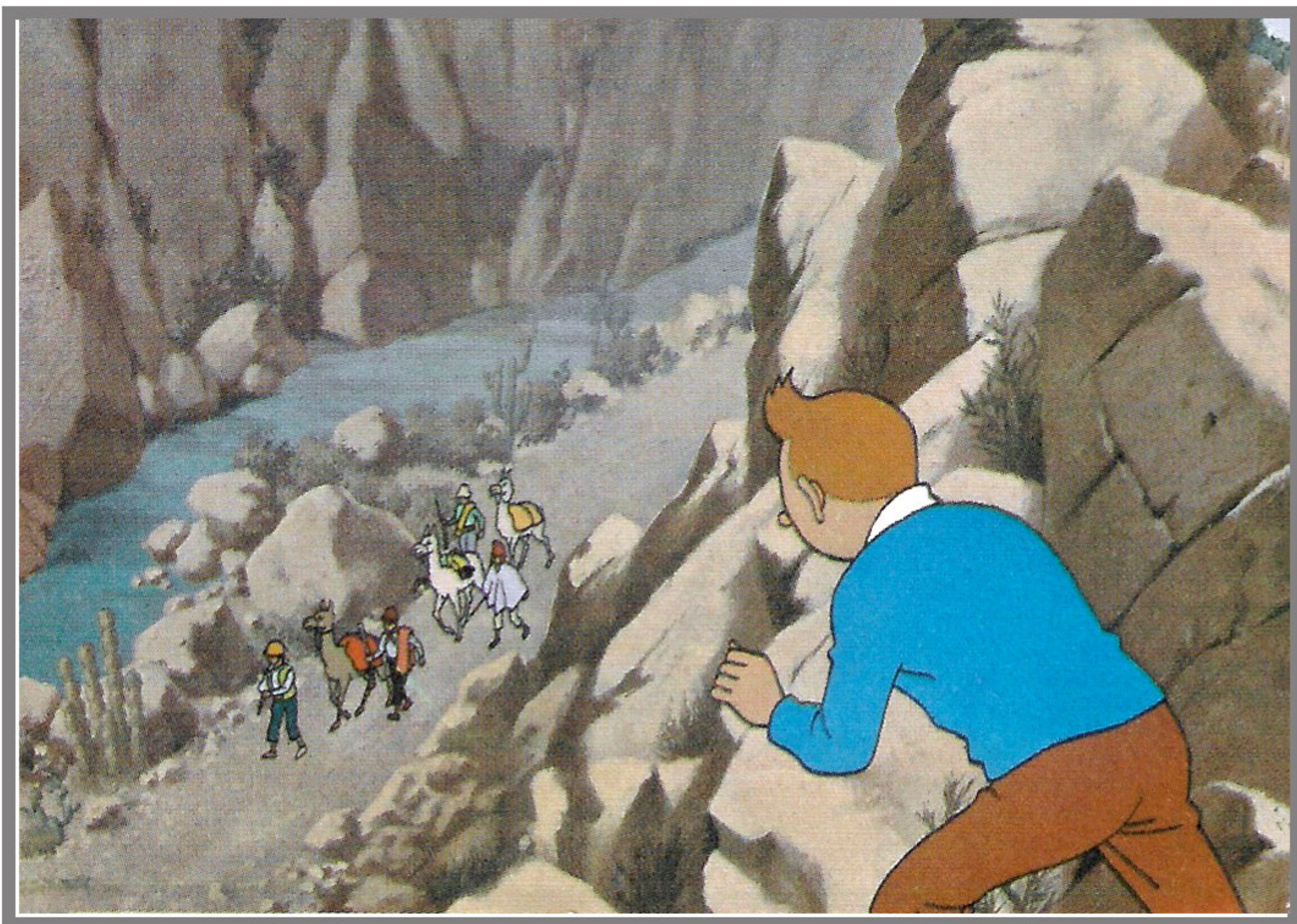
Tintin está absolutamente seguro da lealdade de Zorrino; o capitão não partilha desta confiança. A «chulpa» que lhes prepararam como abrigo exerce sobre ele o efeito de uma prisão. Ele julga tratar-se de uma armadilha. As suspeitas que lhe encham a mente impedem-no de dormir. Prefere levantar-se e ficar de guarda, no exterior.



Enquanto o capitão vigia, Tintin dorme. Mas não passa uma noite calma, pois também sente a mesma inquietação. Uma série de pavorosos pesadelos mostram-lhe Tornosol submetido aos suplícios mais cruéis. Aos primeiros alvares da manhã, vê em sonhos uma enorme bracelete, símbolo da maldição, e a múmia do Inca sinistramente envolta em chamas.



Trata-se de um raio de sol que, penetrando por uma fenda da parede e incidindo-lhe na cara, lhe provoca este sonho fantástico. Tintin sente remorsos por ter dormido tanto tempo. Levanta-se de um salto, sai da «chulpa» e chama os amigos. Zorrino não responde. E ali, deitado no chão, amarrado e amordaçado, as pupilas faiscando de furor, estava Haddock!?...



Tintin restitui ao capitão as faculdades de movimento e, sobretudo, de palavra. Haddock ansiava por este momento para desabafar: «Com mil milhões de macacos!...» Os índios que o atacaram e depois amarraram levaram consigo Zorrino, os lamas e as provisões. Do cimo do monte, os nossos amigos descobrem o grupo de assaltantes que atravessa um desfiladeiro.



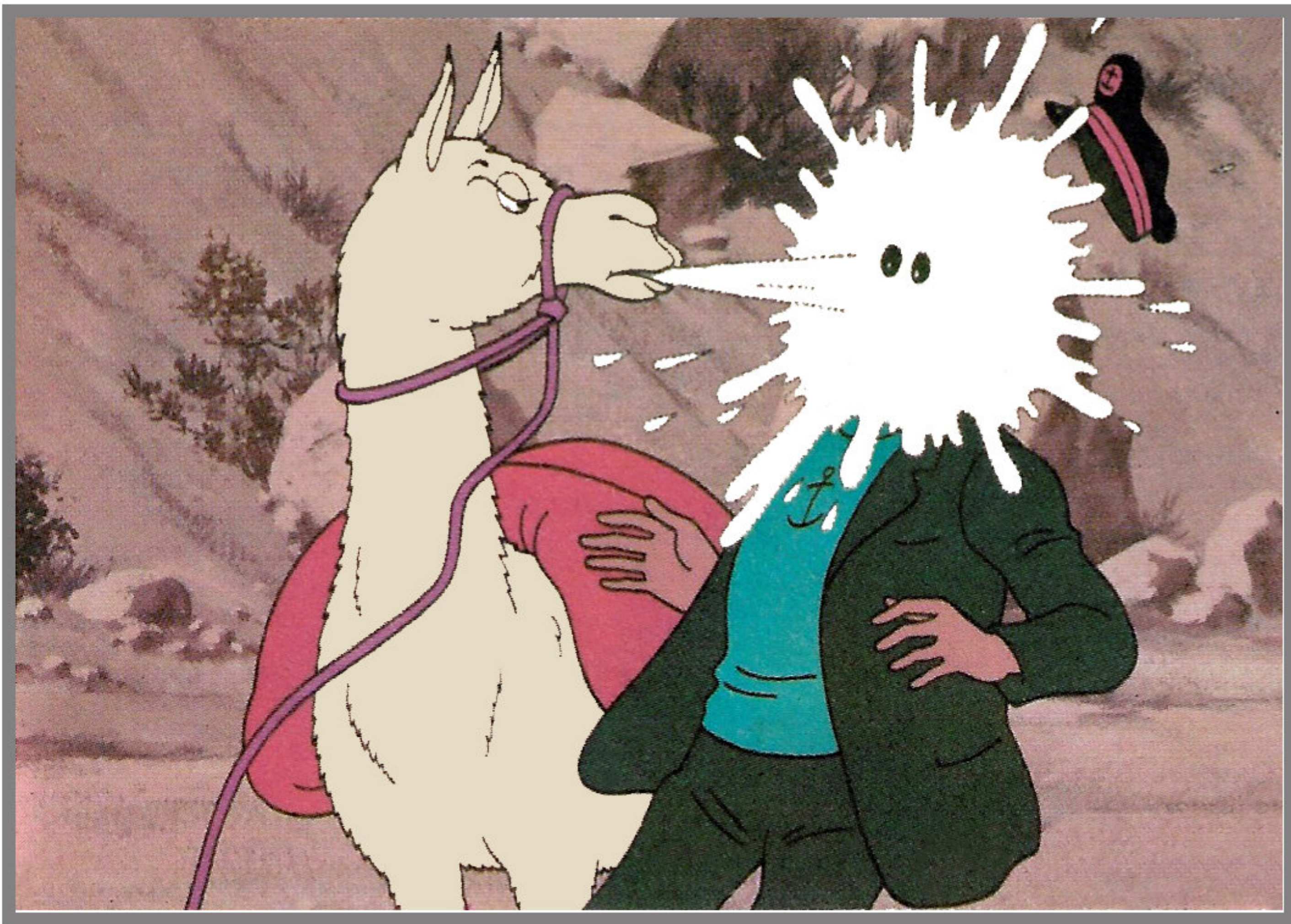
É preciso persegui-los. Combinam ir cada um por seu lado, a fim de cair sobre o adversário de dois flancos diferentes. Tintin recomenda a maior prudência ao companheiro, mas este tem tanta pressa em bater-se que desce com demasiada velocidade a encosta rochosa. De súbito, tropeça num pedregulho, perde o equilíbrio e precipita-se no vazio...



Vai aterrar precisamente no meio do grupo de índios. Levanta-se incólume, mas é feito prisioneiro. Enquanto o interrogam, com uma espingarda encostada ao peito, Tintin prepara-se para atacar o inimigo pela rectaguarda. «Vais dizer onde está o teu amigo?» – «O meu amigo?... Está atrás de vocês» Tintin apodera-se de uma arma. «Mãos ao ar!», ordena.



Mas Tintin vigia apenas os índios que mantém em respeito, mas não vê um que se escondeu atrás de um penhasco, o qual, naquele momento vai atacá-lo com um punhal. Apercebendo-se do perigo, Zorrino grita: «Cuidado, Tintin!» O nosso herói levanta vigorosamente a corronha da espingarda, atinge o assaltante no queixo e põe-no fora de combate.



O primeiro contacto do capitão com um lama tinha acabado mal: ao sentir o homem fazer-lhe uma festa, o animal respondera com um poderoso jacto de saliva. Agora, ao assitir à vitória de Tintin sobre o seu agressor, o capitão faz um largo gesto de entusiasmo que o leva a bater no focinho do animal, que reage prontamente, de maneira indelicada e molhada.



Enquanto que os lamas não mostram gostar de marinheiros, os condores apreciam bastante os cãesinhos. No momento em que Tintin dá ordem de marcha ao grupo formado pelos amigos e os prisioneiros. Milou trepa a um penhasco. Um condor localiza esta presa que se lhe oferece, quase se colocando diante do seu bico, desce sobre ela e leva-a nas garras, para a sobremesa!



O condor depositou Milou no seu ninho. «Depressa! Cordas, um lenço! Vou procurá-lo!» E Tintin escala a parede rochosa. Encontra o seu cão com vida e transporta-o às costas. Depois inicia a descida apressada. O condor ataca. O capitão dispara. Falhou! Tintin consegue agarrar-se às patas do condor. A aterragem é perigosa, mas resulta.



Os prisioneiros aproveitaram-se do incidente para se despedirem à francesa dos nossos heróis. Estes prosseguem a marcha. Sobem, sem cessar, dias consecutivos. O ar torna-se mais frio à medida que avançam. Um dia depara-se-lhes um pico coberto de neve e, lá em cima – oh, surpresa! – os Dupondt, que os chamam aos gritos. «Eles vão provocar uma avalanche!», prognostica o capitão.



«Aat...». E o que devia ser a palavra «atenção!», para impor silêncio aos dois polícias transforma-se em «aatchim!». O capitão não consegue evitar um espirro tremendo. Grandes massas de neve desprendem-se da montanha, e os nossos amigos tratam de fugir precipitadamente. Tintin, Haddock e Zorrino escapam por pouco de ficar soterrados. E os Dupondt?...



Pois bem, a maior inspiração que os Dupondt tiveram em toda a vida foi levarem um barco para a montanha! O barco é a sua salvação. Quando o solo emitiu um rugido, um segundo antes da avalanche, colocaram a piroga numa crista de neve; sentaram-se, a neve pôs-se em movimento com a piroga e a piroga com os ousados navegadores.



No dia seguinte, privados de lamas e de víveres, mas com uma vontade tenaz de salvar o professor Tornesol, os nossos amigos reúnem-se e retomam a marcha. À volta deles, sufocante, misteriosa e inquietante, apenas a floresta virgem. É nesta floresta que se encontra o Templo do Sol?... «Não», diz Zorrino, «a seguir à floresta, há ainda altas montanhas...»



Haddock explode: contra a viagem interminável, contra os mosquitos que o atacam sem tréguas, contra os macacos uivadores que julga ouvir rir quando ele se estatela num pântano, contra um tapir a galope que o derruba... Mas um grito angustioso de Zorrino anuncia o drama. O terrível réptil irá esmagar o garoto, diante dos olhos de Tintin?



Tintin levou a arma ao ombro e disparou. Mortalmente atingido, o réptil afrouxou o amplexo quando Zorrino já quase sufocava. Os nossos amigos prosseguem a caminhada. De súbito, encontram uma estátua, enorme e terrível. A presença deste ídolo significa que principia ali uma zona em que nenhum estrangeiro deve penetrar.



Mas não é esta interdição que os faz parar; é a noite. Decidem ficar naquela clareira. Zorrino diz que, depois de atravessarem a floresta, chegarão ao sopé de uma montanha e que o Templo do Sol fica no cimo dessa montanha. Mas ele pensa nos perigos que se avizinham. Então, no silêncio do acampamento, ouve-se a voz do garoto.



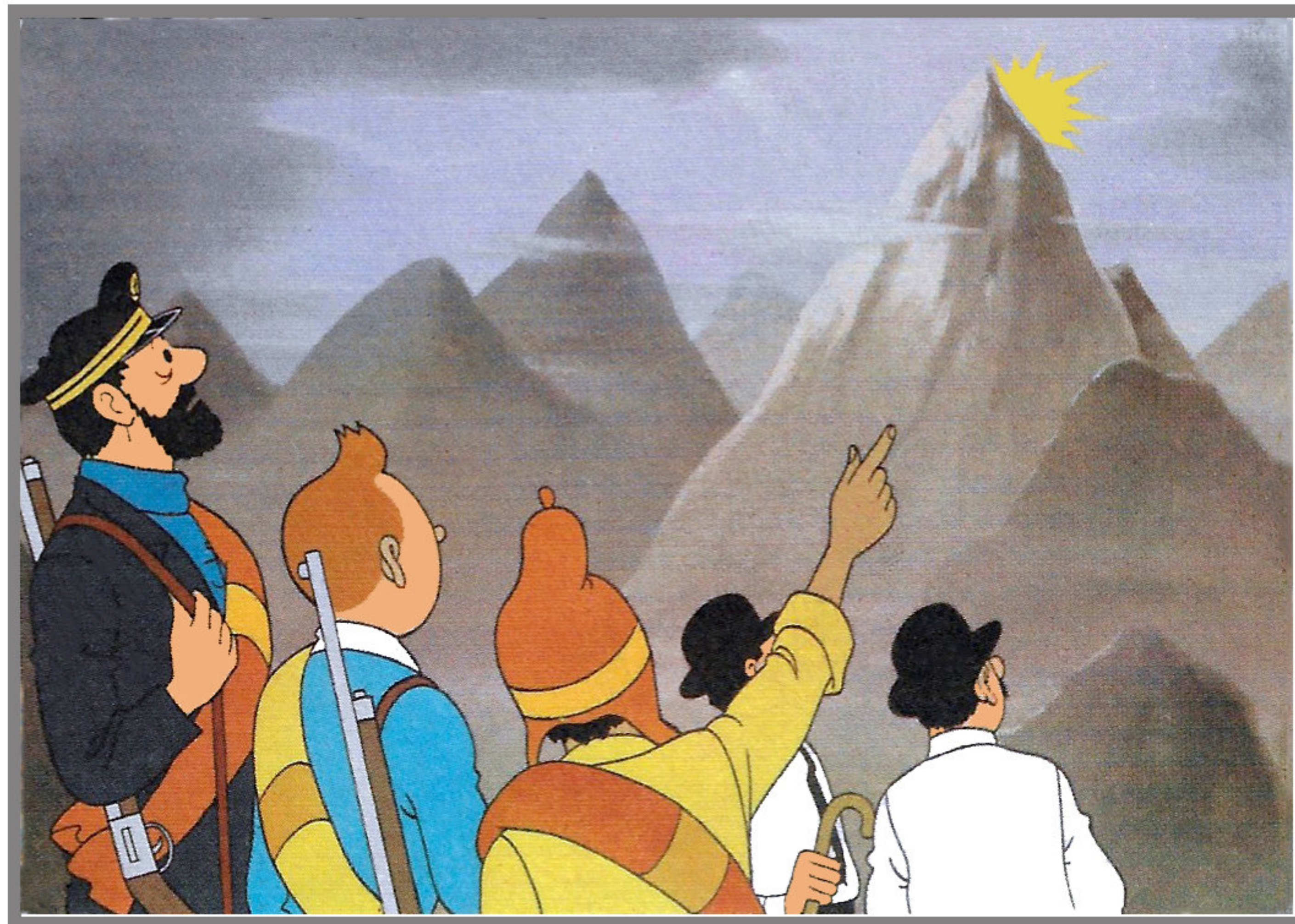
Zorrino canta: *As flores silvestres – Escondem a idade – Sob a folhagem. – Vem a noite – A luz extingue-se – De pirilampo – Em pirilampo. – Negra é a noite – A Lua passa – A Lua branca. – Fria é a noite – A águia abriga-se – Entre as irmãs. – Longa é a noite – Dorme a serpente – Na árvore morta – Que o tempo passa – E a noite morre.*



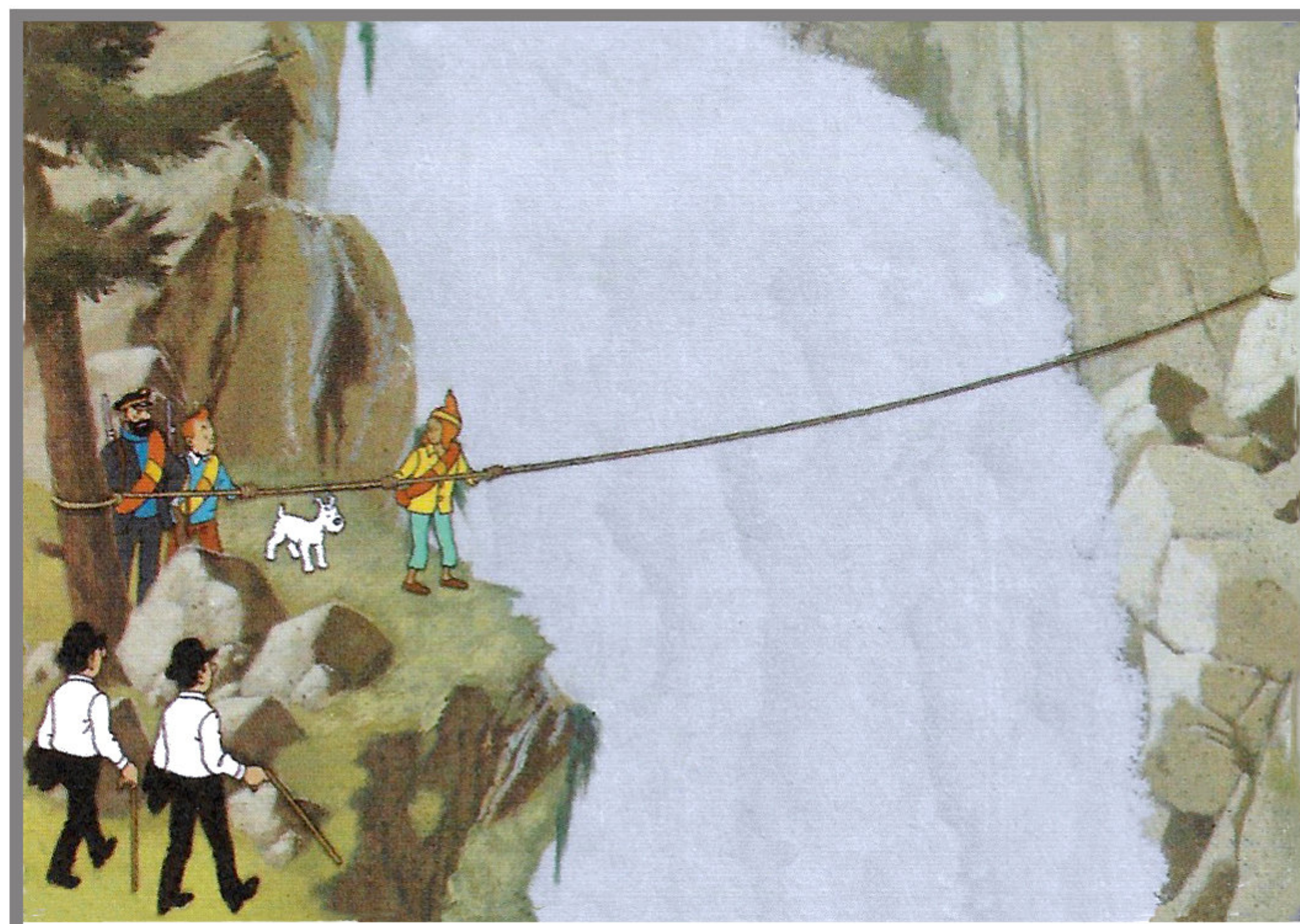
A única luz na imensidão de sombra é a fogueira do acampamento, onde Zorrino entoia as últimas estrofes do seu lamento: *O rio brilha – O rio corre – O rio murmura. – A noite canta. – A Lua protege – As armadilhas. – Louca é a noite. – A noite desce – Sobre todas as coisas. – Terna é a noite...* Na orla da floresta corre um rio.



Os nossos heróis levantam-se ao alvorecer e em breve chegam a esse rio. Encontram na margem uma piroga abandonada pelos índios e empreendem a travessia. Mas o rio está infestado de crocodilos; os sáurios multiplicam os ataques com as mandíbulas e as caudas, Tintin e o capitão fazem fogo sem cessar e ganham a batalha.



No dia seguinte, os viajantes têm uma visão que lhes acelera as pulsações. É a primeira recompensa, de tantas fadigas e dúvidas. Avançam através da neblina, distinguindo vagamente, à frente deles, uma massa montanhosa. A bruma dissipa-se e, lá em cima, no cume, brilha qualquer coisa. Semicerram os olhos. Zorrino grita: «É o Templo do Sol».



Porém, o Templo do Sol está bem defendido! Os nossos heróis vêm-se detidos por uma forte cascata. Tintin escolhe o local onde vão tentar passar, utilizando uma corda que conseguiram prender, do outro lado, numa rocha pontiaguda. A outra extremidade da corda é fixada a uma árvore. Zorrino é o primeiro a passar, «para provar», segundo diz, «que a corda é resistente!»



À força de pulsos e de pernas, Zorrino atinge as rochas do lado oposto. A seguir, o capitão não faz uma travessia sem história: o boné cai-lhe da cabeça e só o reconquista à custa de temerárias acrobacias. Tintin prepara-se para passar, mas os Dupondt recusam-se. Sofrem de vertigens, e continuarão o caminho pelo trilho dos lamas.



Tintin fica suspenso no espaço, e Milou, preso às suas costas, contempla o céu... Não está ninguém junto da árvore em que a corda foi presa. Ninguém prevê a catástrofe que se aproxima. Gasta pela fricção contra uma aresta da rocha, a corda desfia-se e quebra-se. Tintin e o seu cão precipitam-se na torrente.



«Que horror!» exclama o capitão. Depois chama: «Tintin! Tintin!» Mas não obtém resposta. «Não é possível!», lamenta-se o pobre Haddock. Tintin é um excelente nadador... ele voltará à superfície» Zorrino compartilha da sua inquietação, mas quer aguardar. «Tintin não morrer, pois não capitão?» – «Ai de mim... Meu pobre Zorrino, não voltaremos a vê-lo... É o fim... Acabou-se!»



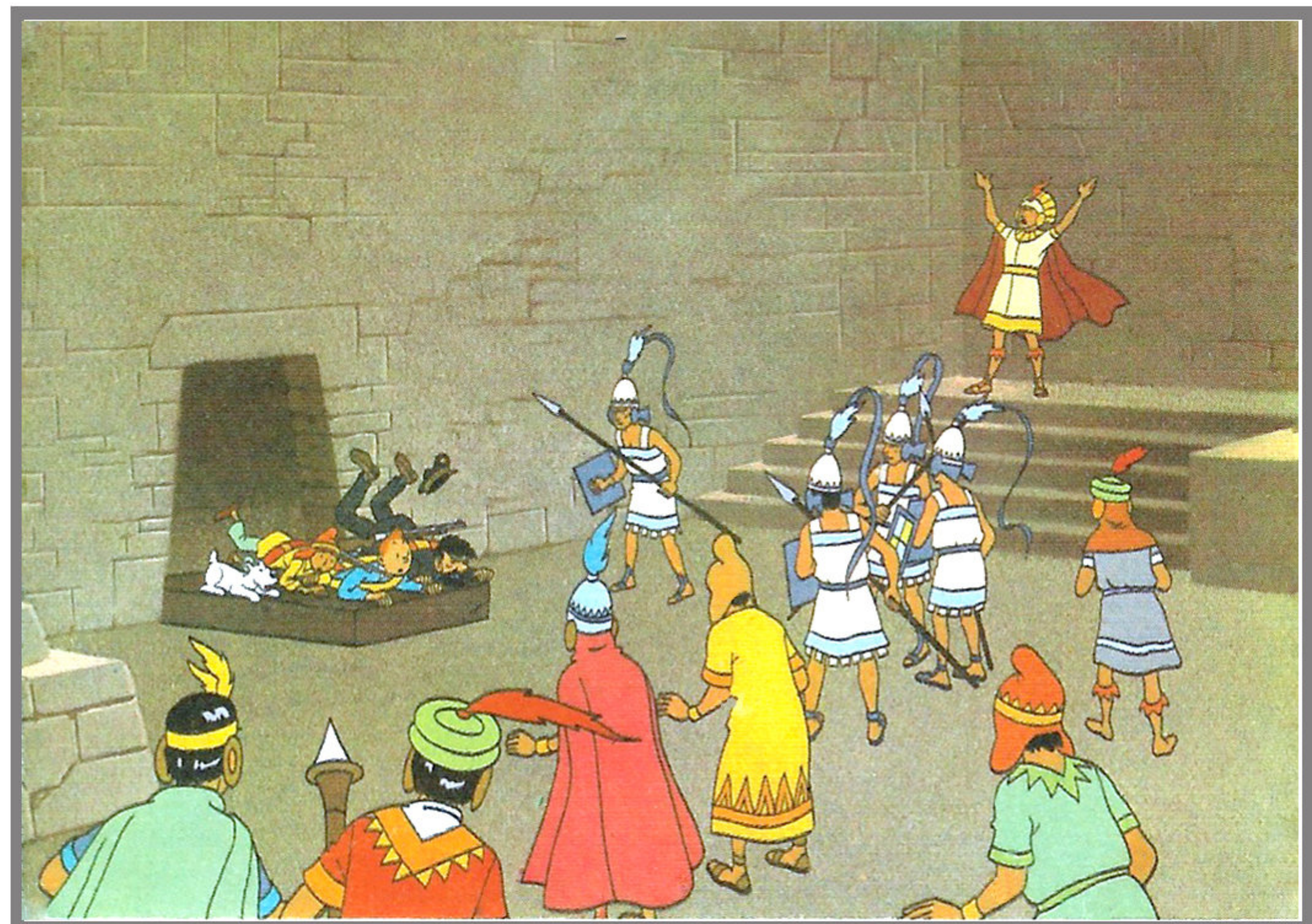
De repente uma pequena figura branca sai de trás da queda de água, uma figura que pula alegremente! Escondido dos olhares dos seus amigos, mas bem vivo, Tintin informa: «Julgo ter descoberto uma coisa muito interessante. Venham ter comigo. Milou vai indicar-lhes o caminho, Tintin acrescenta: «Ficarão molhados, mas vale a pena!»



Tintin explica aos companheiros espantados que, após a queda, foi arrastado por um turbilhão e acabou por pôr os pés em cima das rochas. «Tenho a impressão», diz ele, «que um acesso providencial me fez cair diante de uma antiga entrada do Templo do Sol, que até os índios desconheciam». Não se enganará? E se for verdade, não será uma loucura violar o templo?...



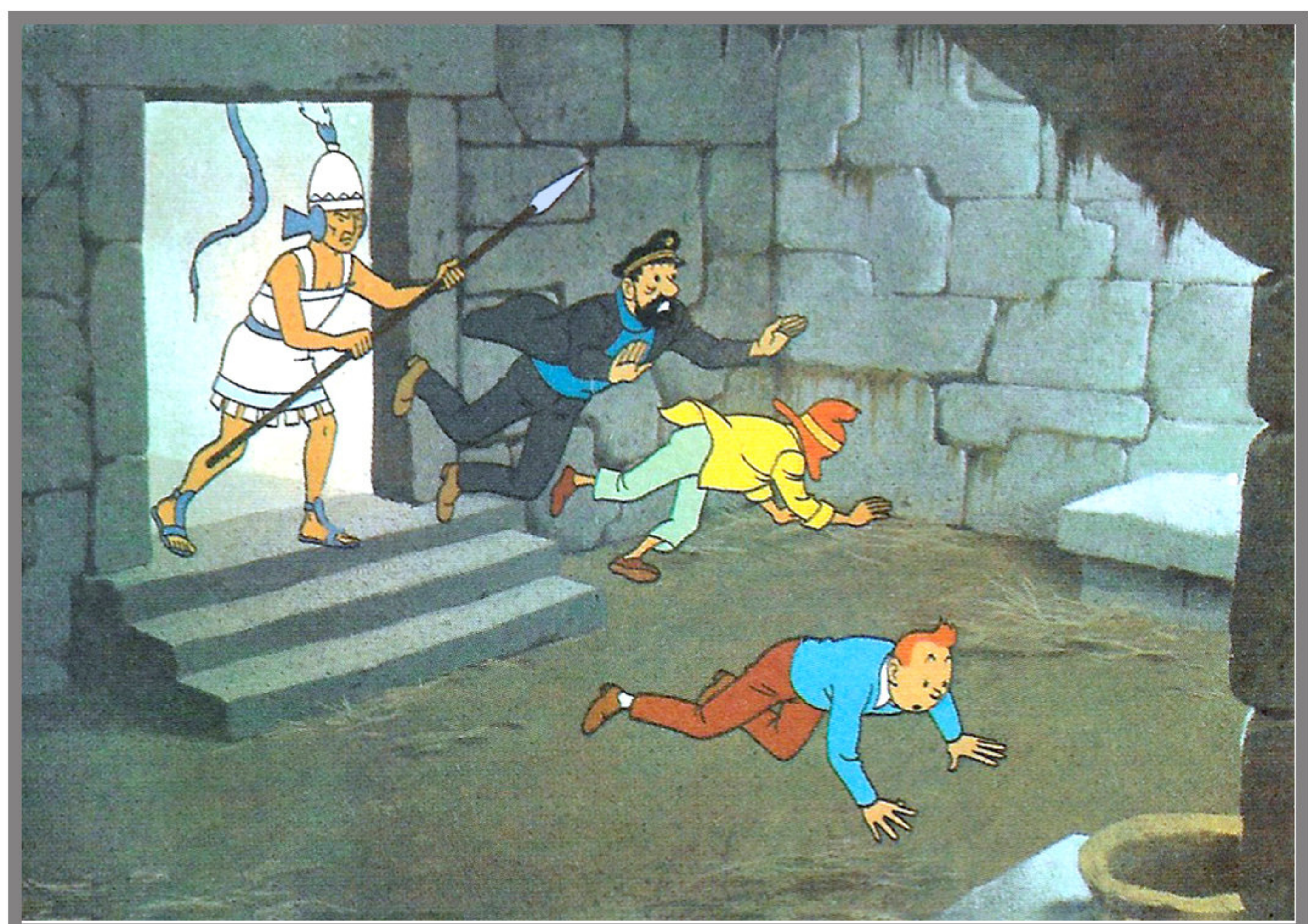
Os nossos amigos estão agora convencidos de que penetraram no Templo do Sol. De facto, depois de percorrerem um subterrâneo e em seguida subirem alguns degraus, vão ter a uma gruta com as paredes guarnecidas de vasos funerários e o solo coberto de ossadas: uma necrópole inca! Porém, o caminho é-lhes vedado por uma laje. Todos fazem peso contra ela, a laje oscila e...



...vão cair dentro de uma sala de proporções gigantescas, sumptuosamente decorada, onde os incas se preparam para uma reunião de conselho. Passado o primeiro momento de estupefacção, os ocupantes da sala reagem. «Prendam os sacrílegos!» grita o chefe dos guardas. Os «sacrílegos» estão por terra, arrastados pela queda da laje, e são apenas quatro!



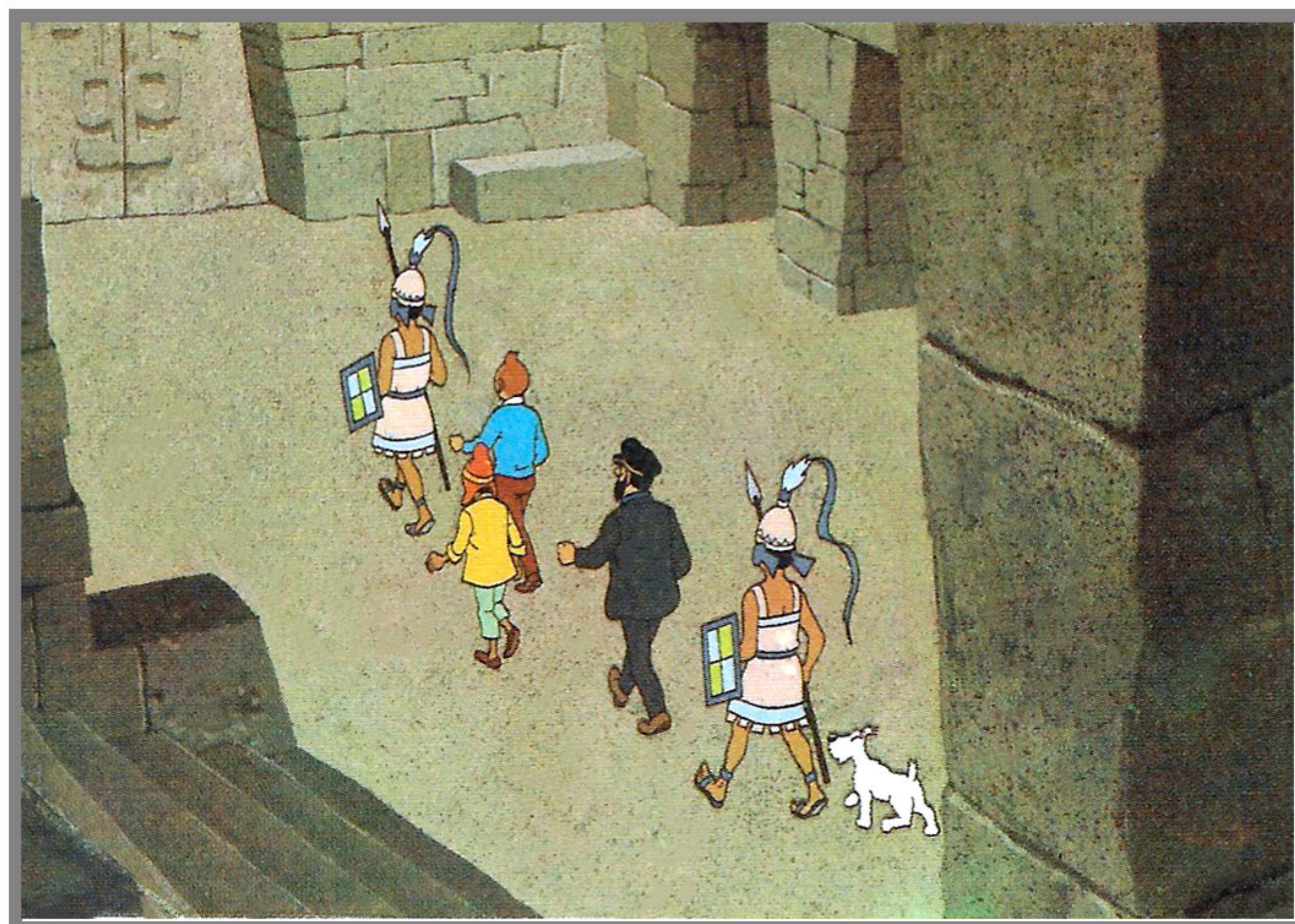
Sim, quatro (dos quais um é um garoto e outro um cão) contra numerosos adversários exaltados. Não obstante, defendem cara a sua liberdade. A luta é homérica. Apesar dos golpes que chovem de todos os lados, o capitão Haddock, furioso, reencontra a eloquência dos grandes dias: «Ao largo! Flibusteiros! Bexigosos! Encardidos! Iconoclastas!... Para trás! Antropopitecos! Incas de Carnaval...



No entanto, o poder da palavra, mesmo utilizado por um orador desta têmpera, nada pode contra a brutal força muscular. A resistência desesperada dos nossos heróis serve apenas para retardar o resultado indiscutível de um combate desigual. Dominam-nos finalmente, empurram-nos através de um labirinto de corredores e abre-se uma porta do calabouço onde aguardarão até comparecer diante do Inca.



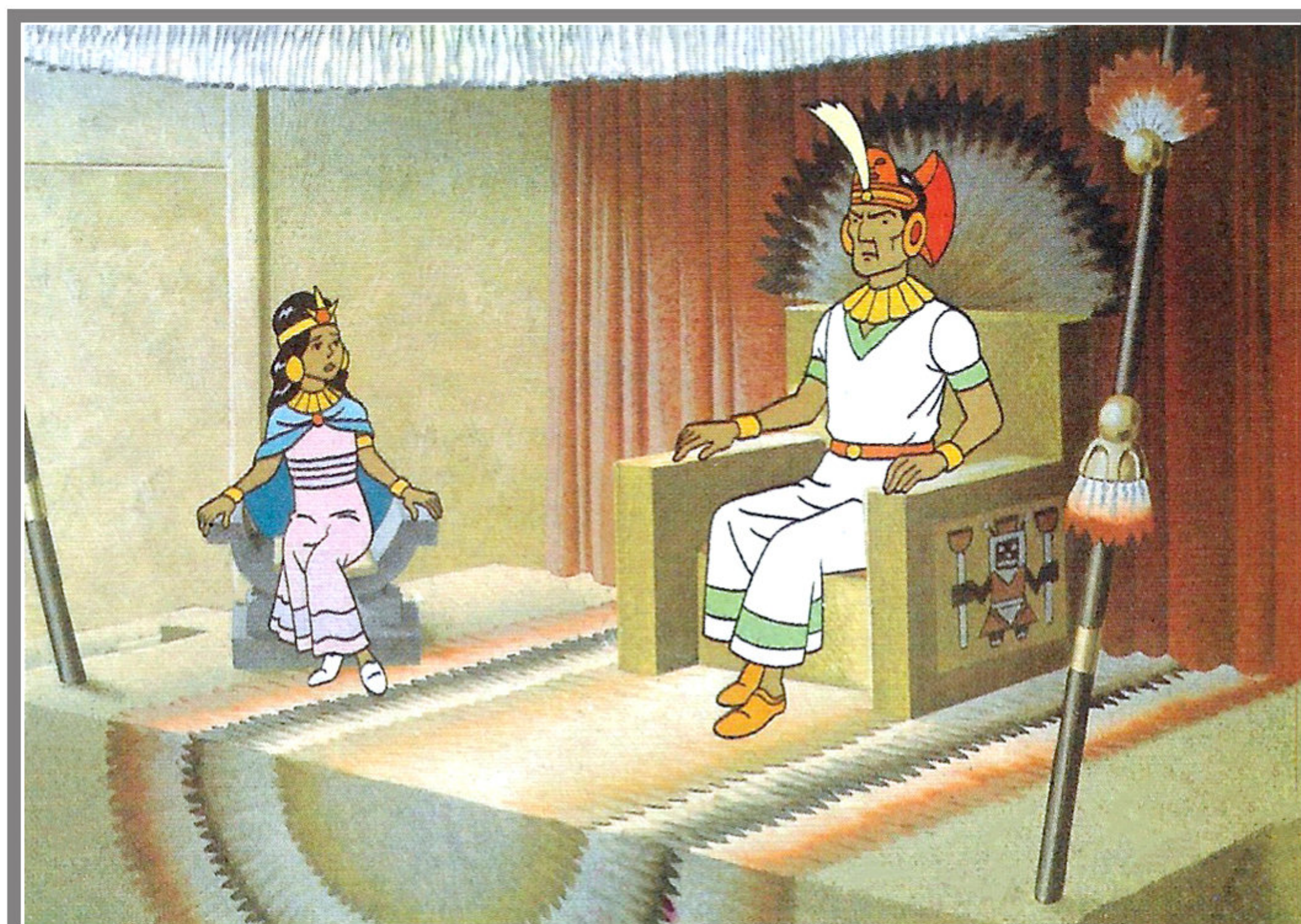
Ali, entre quatro paredes, pela primeira vez desde que se ofereceu para ajudar Tintin a descobrir o professor Tornesol, Zorrino sente a coragem abandoná-lo. O garoto chora. Enquanto Tintin procura consolá-lo, o capitão experimenta a solidez das grades e mede o precipício que domina a prisão. «Com mil milhões de macacos! É impossível fugir daqui!»



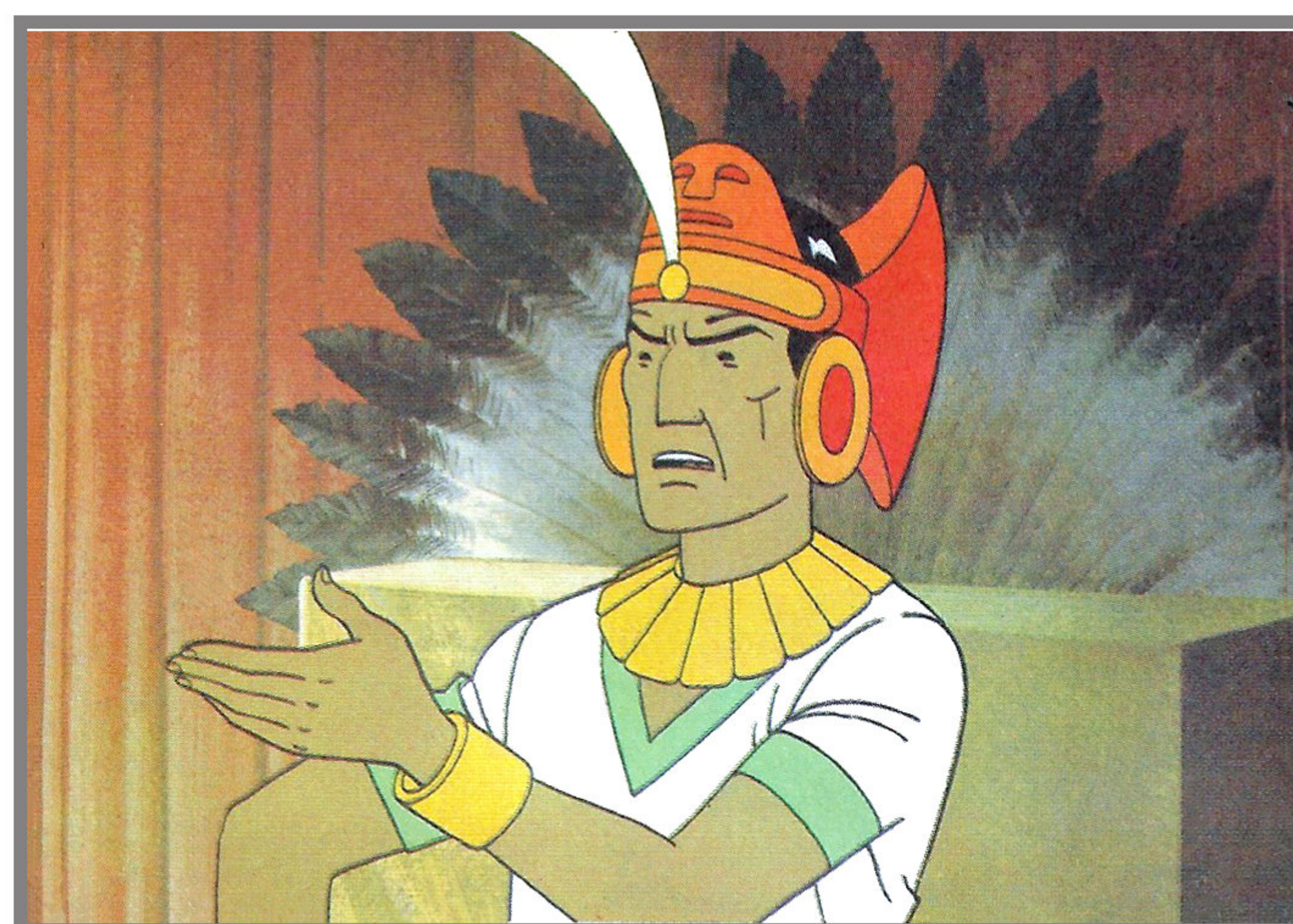
As lágrimas de Zorrino e as imprecações do capitão são interrompidas pela entrada de dois guardas. «Venham! O Grande Inca vai interrogá-los.» Pelo caminho, Haddock manifesta bem alto a disposição com que encara este interrogatório: «O Grande Inca!... Vou dizer duas coisas a esse fulano!» Tintin recomenda calma. Calmo, ele?... é o que se verá!



Tintin, Haddock e Zorrino são levados do cárcere, a fim de serem conduzidos à presença do Grande Inca. O momento é grave. Os nossos heróis sentem-se quase paralisados pela majestade do local e pela figura do chefe que os conserva prisioneiros. Mas para Tintin, o problema mais imediato é saber se o capitão será capaz de dominar o seu furor, de conter a língua...



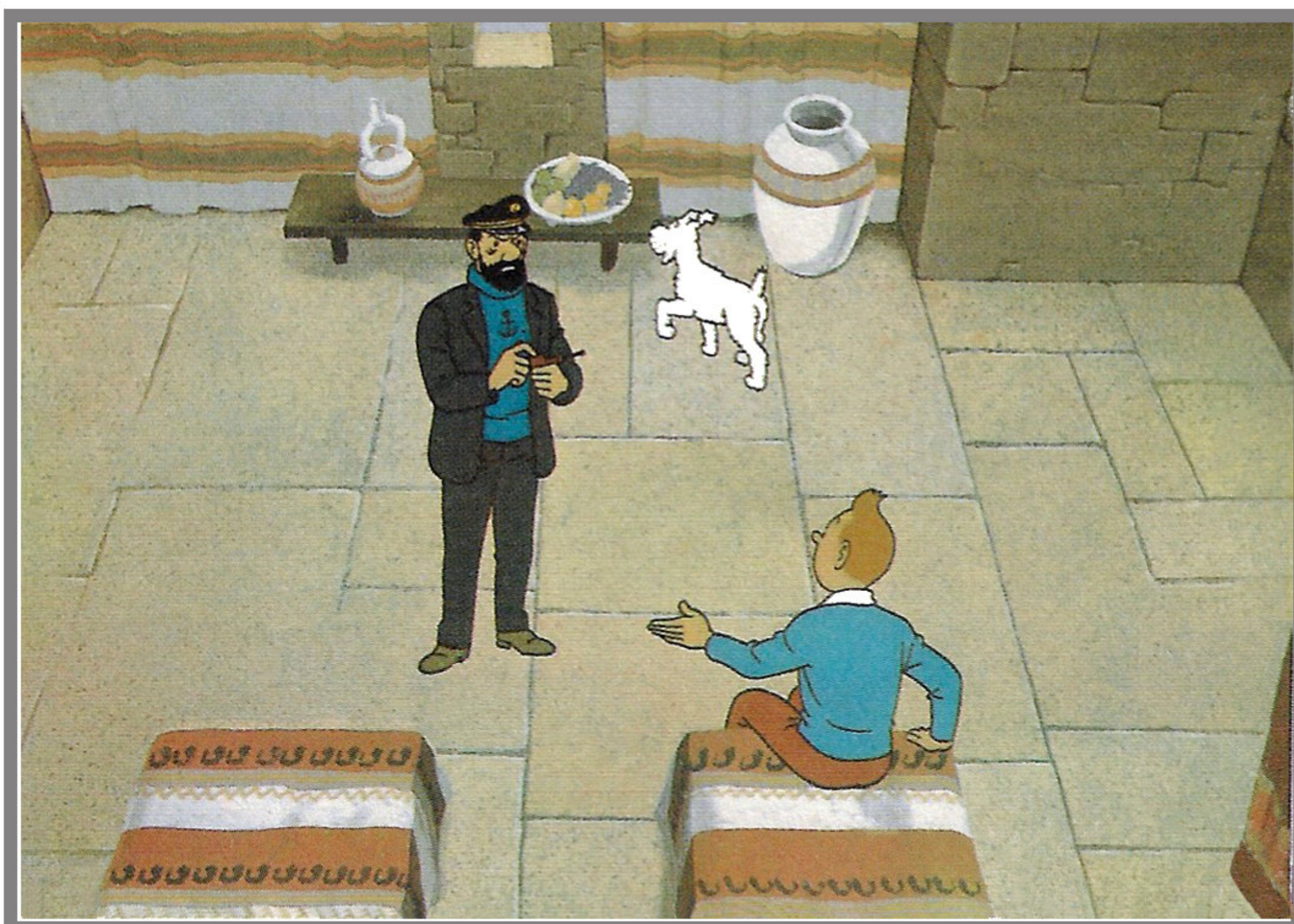
«Estrangeiros, porque penetraram no Templo do Sol?» pergunta o Inca. «Para libertar o nosso amigo Tornesol, senhor emplumado!» replica o capitão. «Chiu!» sussura Tintin. O Inca continua: «Ao colocar a bracelete sagrada, o vosso amigo assinou a sua sentença de morte!» Haddock explode: «Nesse caso, será preciso executar-nos ao mesmo tempo que ele!...»



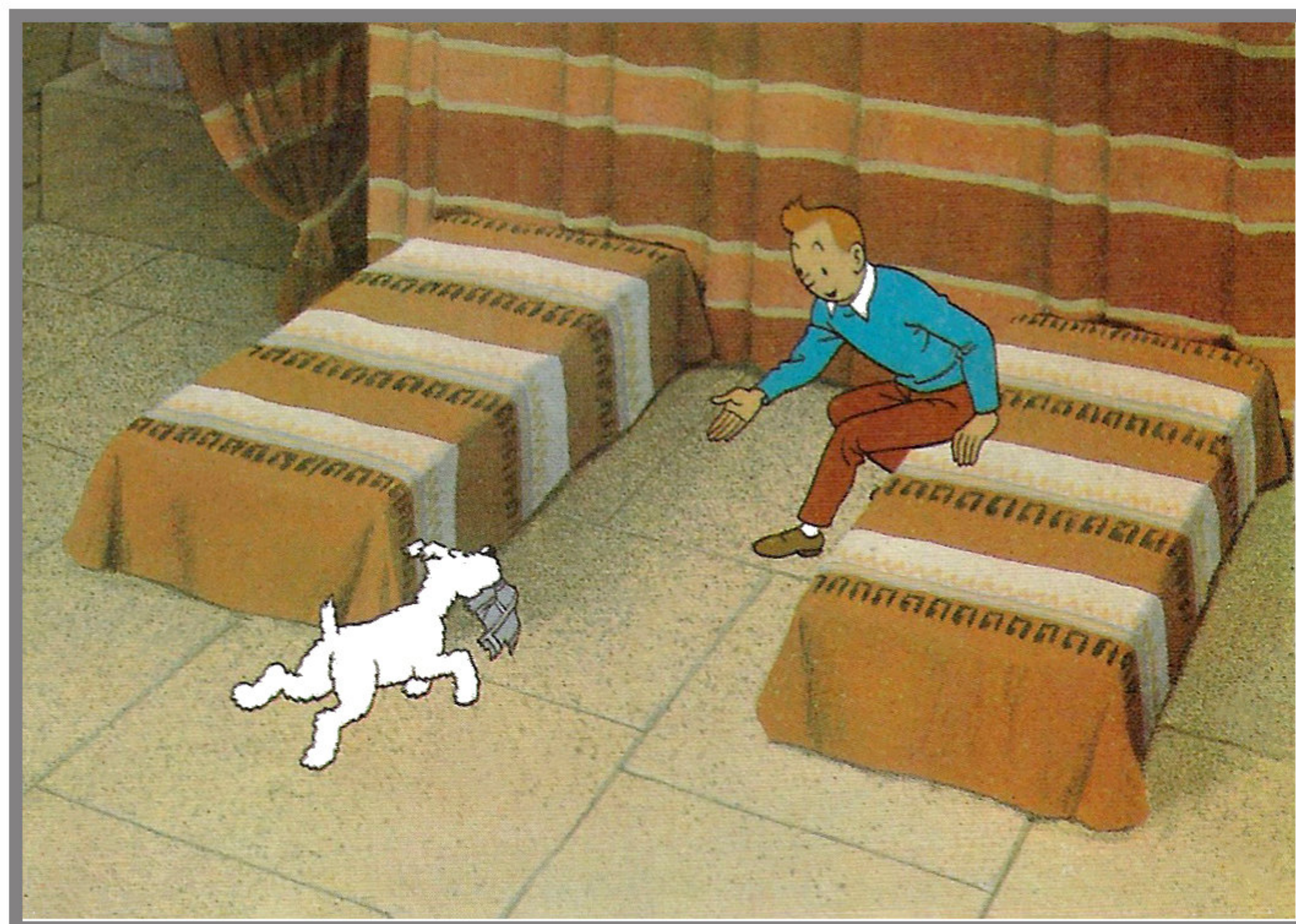
«Exactamente!» exclama o índio numa voz cortante como um cutelo. E o seu olhar cintila quando pronuncia a sentença fatídica: «Morrerão todos: vocês, os homens brancos e também esse garoto miserável! que traiu a sua raça ao conduzi-los até aqui.» Neste momento ergue-se uma voz; é a voz implorativa de uma criança que ouvimos pela primeira vez.



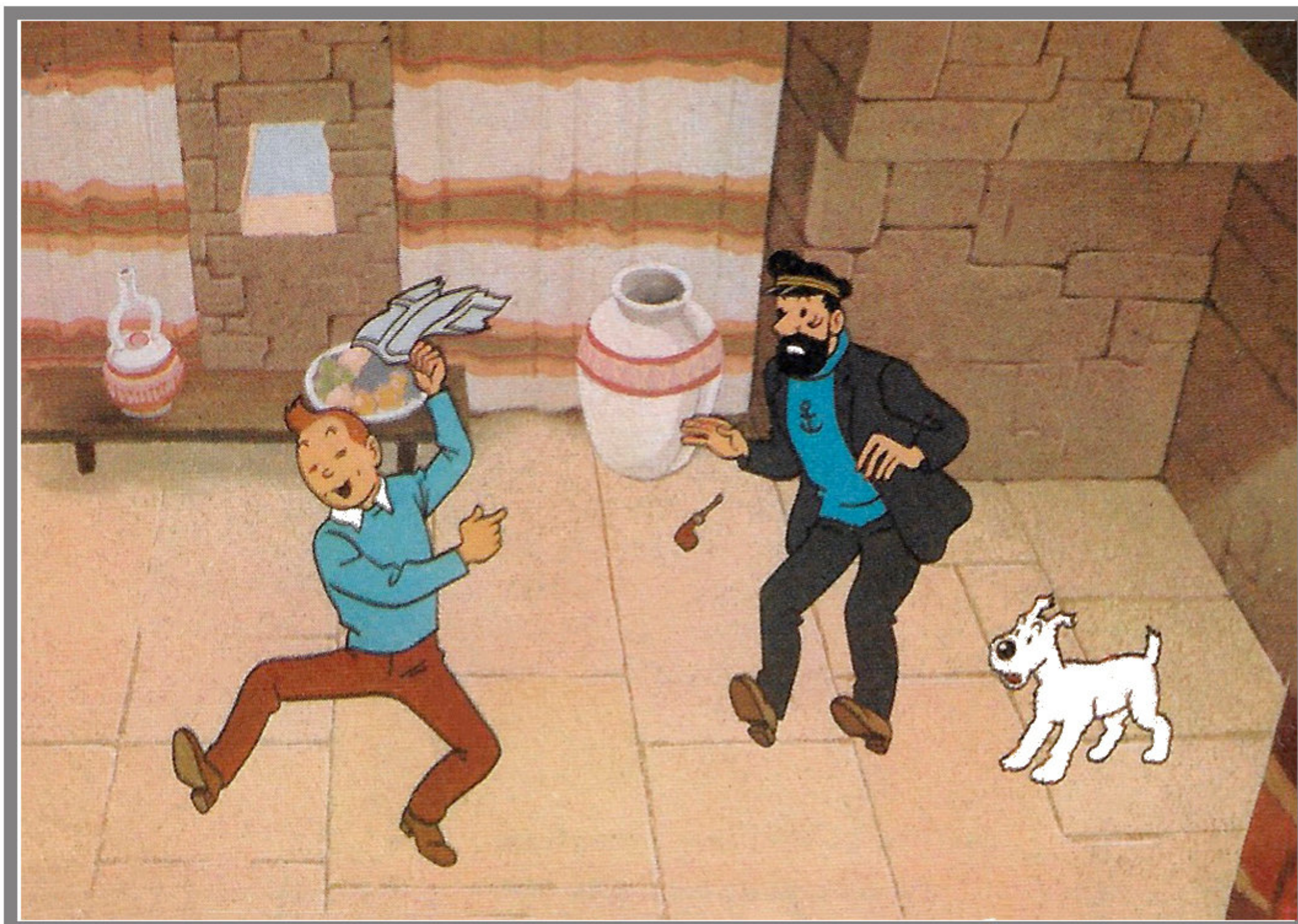
«Não, pai!... Clemência!... Clemência para Zorrino!» É Maíta, filha do Inca, que sente uma grande amizade pelo antigo vendedor de laranjas. Mas o pai mostra-se inflexível; «A lei do Sol assim o exige: serão todos executados». Apenas concede aos condenados escolherem eles próprios o dia e a hora em que morrerão. «Canibal!» grita ainda Haddock antes de os levarem.



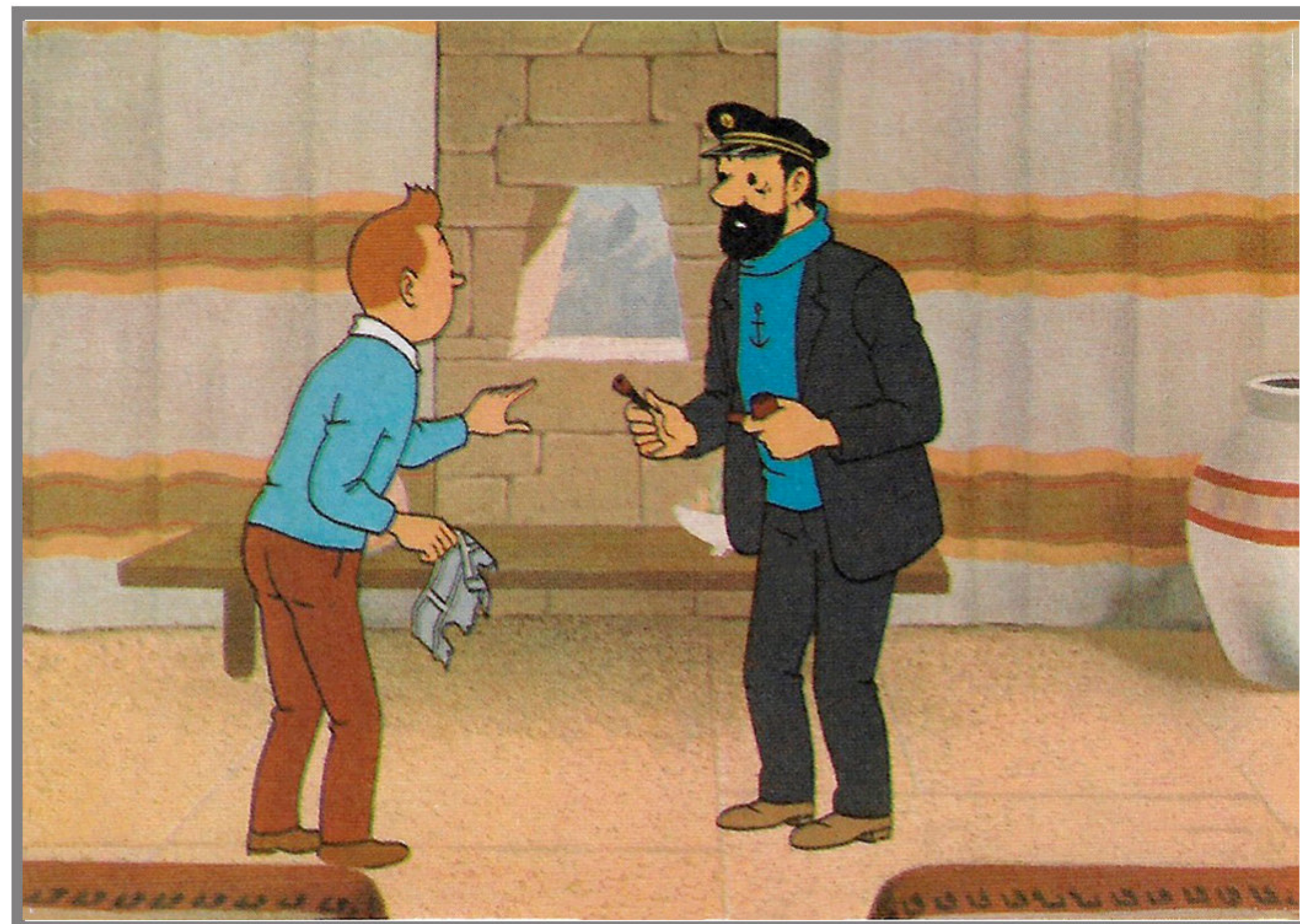
De novo entre quatro paredes, o capitão, enfurecido, exclama: «Que grande favor, escolher a altura do próprio suplício!...» Mas Tintin não é totalmente da mesma opinião. «Isso proporciona-nos um adiamento, capitão... Ganhamos algum tempo... tempo para reflectir.» Haddock não lhe quer dar ouvidos, e tem uma única consolação: fumar uma cachimbada.



Mas carrega o cachimbo tão nervosamente que o deixa cair, partindo-o. Mais um azar... Procura consertá-lo com um pedaço de jornal que encontra num bolso. O papel cai no chão e Milou apodera-se dele. «Dá cá isso Milou!» ordena Tintin. Este bocado de papel vai alterar o destino dos nossos amigos.



Brandindo o pedaço de jornal descoberto pelo capitão, Tintin solta uma exclamação de alegria, o que leva o capitão Haddock a pensar que o seu jovem amigo perdeu a razão: «Pobre rapaz, o sol transtornou-lhe a cabeça». – «Não capitão, garanto-lhe que não, protesta Tintin. «Creio que estamos salvos!... É espantosa uma tal coincidência!...»



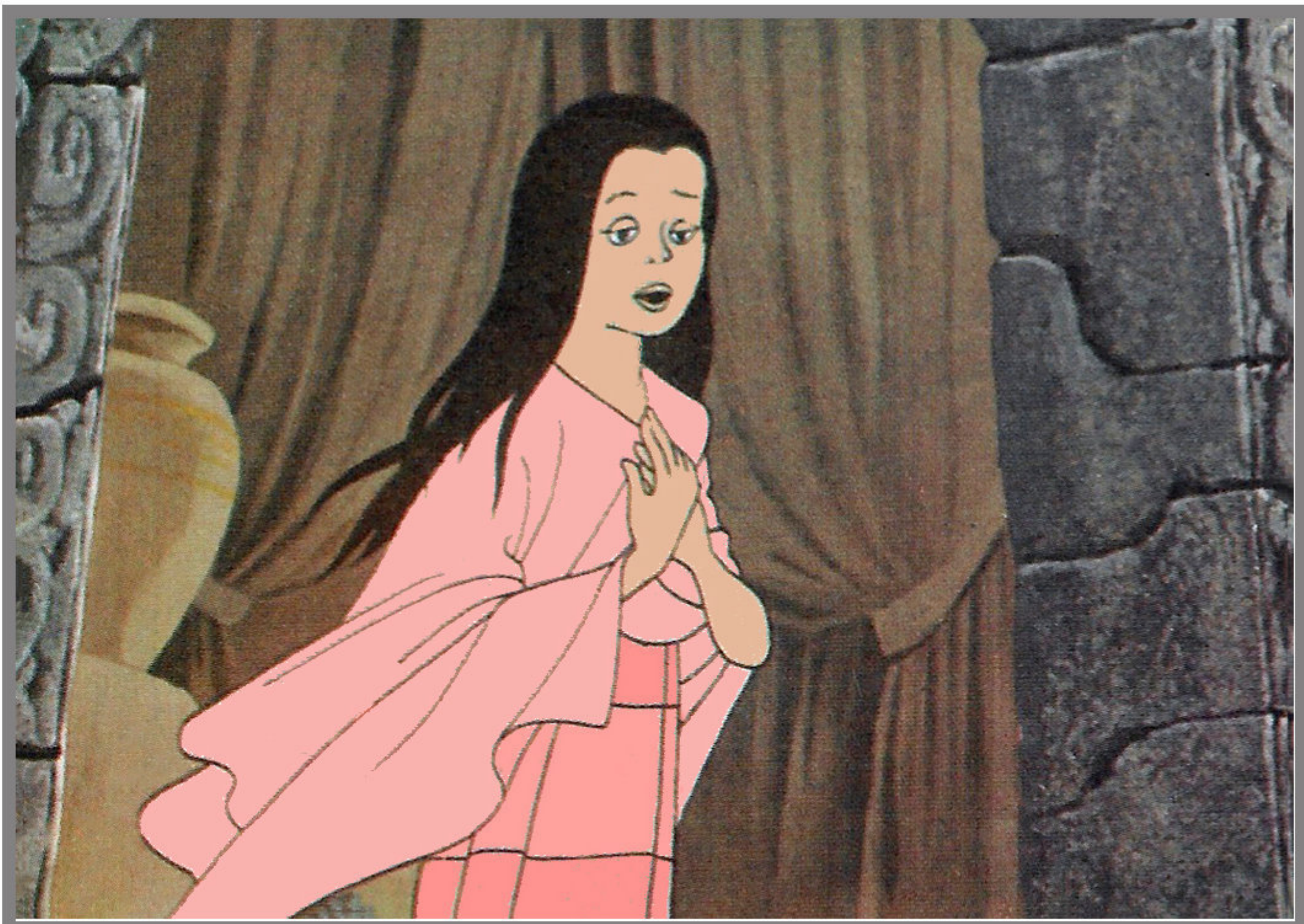
«Salvos?... O quê? Salvos?...» pergunta Haddock. Tintin hesita: «Bem... Eu... Talvez não... Acho que é melhor nada lhe dizer... Posso estar enganado e não quero dar-lhe falsas esperanças.» Por fim, Tintin pede ao amigo para confiar nele, e obtém a promessa de ele lhe obedecer cegamente, sem procurar compreender.



Nesse momento a porta abre-se e surge o Grande Sacerdote do Sol: «Estrangeiros, o Grande Inca espera a vossa decisão». Tintin responde: «Desejamos morrer de hoje a doze dias, às onze horas em ponto. É que é nesse dia que faz anos o meu amigo capitão.» Haddock sente vontade de gritar que é mentira, que Tintin é doido, mas jurou calar-se e não abre a boca.



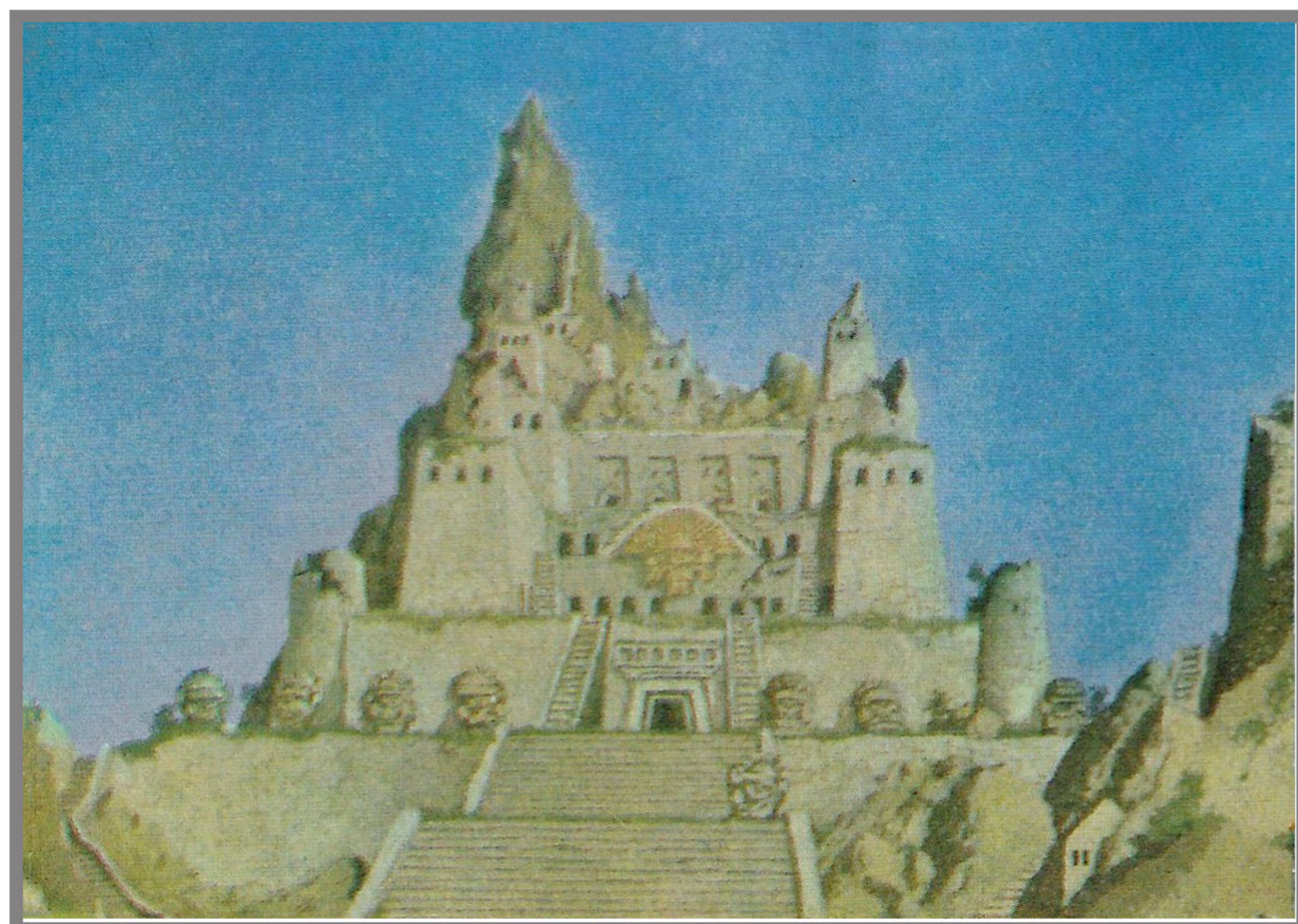
Zorrino foi separado dos companheiros e aguarda, na solidão do cárcere vizinho dos aposentos reais, o dia do seu suplício. Sem saber que Maíta o escuta a poucos passos de distância, canta a sua dor: *Porque terá Zorrino de morrer?... Porque foi assim a sua sorte decidida?... Porque terá Zorrino de morrer?... Porque terá de deixar já esta vida?...*



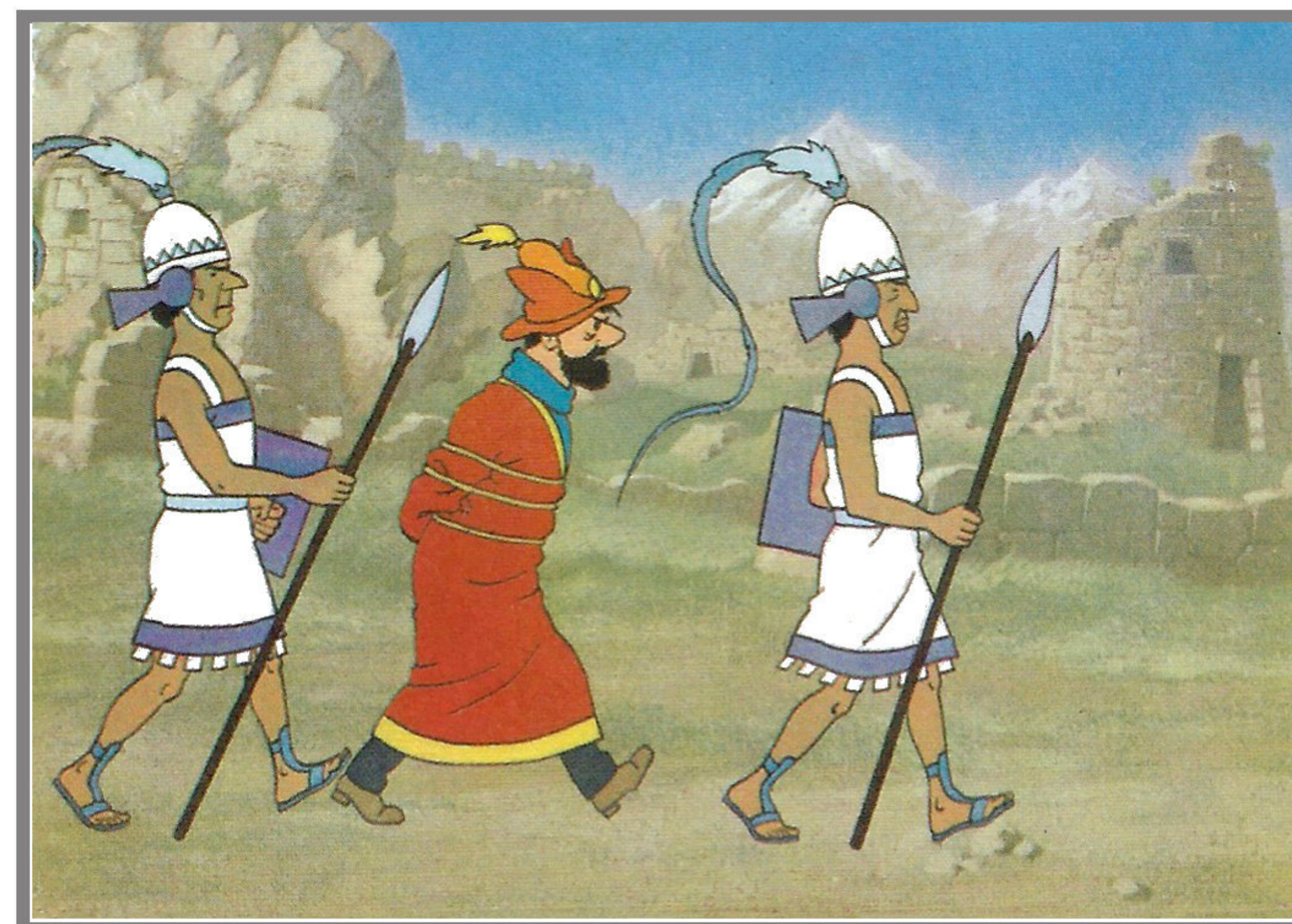
Maíta escuta. Ele continua a cantar: *Eu ainda nada era... E nada virei a ser... Gostava de ser forte... Para entrar na escuridão... Já me disseram, é certo... Que se vive para a morte... Mas gostava de viver... De não ver a morte tão perto...* Estes cânticos fazem o coração de Maíta encher-se de ternura e desgosto, mas ela repele as lágrimas que lhe assomam aos olhos.



E faz ouvir a sua voz, pois também ela quer cantar para o amigo. E o pequeno condenado ouve, por seu turno, a princesa cantar-lhe o seu adeus: *Porque terá Zorrino de morrer?... Porque foi assim a sua sorte decidida?... Porque terá Zorrino de morrer?... Porque terá de deixar já esta vida?...* A triste canção termina e abre-se a porta. «Vêm buscar Zorrino...



Testemunho majestoso da antiga civilização dos Incas, eis o Templo do Sol. Ao penetrarem no templo, Tintin e o capitão incorreram no castigo que a lei do Sol reserva aos sacrílegos: a morte pelo fogo. Tintin obteve um adiamento de doze dias. Porquê doze dias? Só ele é que sabe. Mas já passaram esses doze dias. O sacrifício terá lugar hoje, às 11 horas precisas.



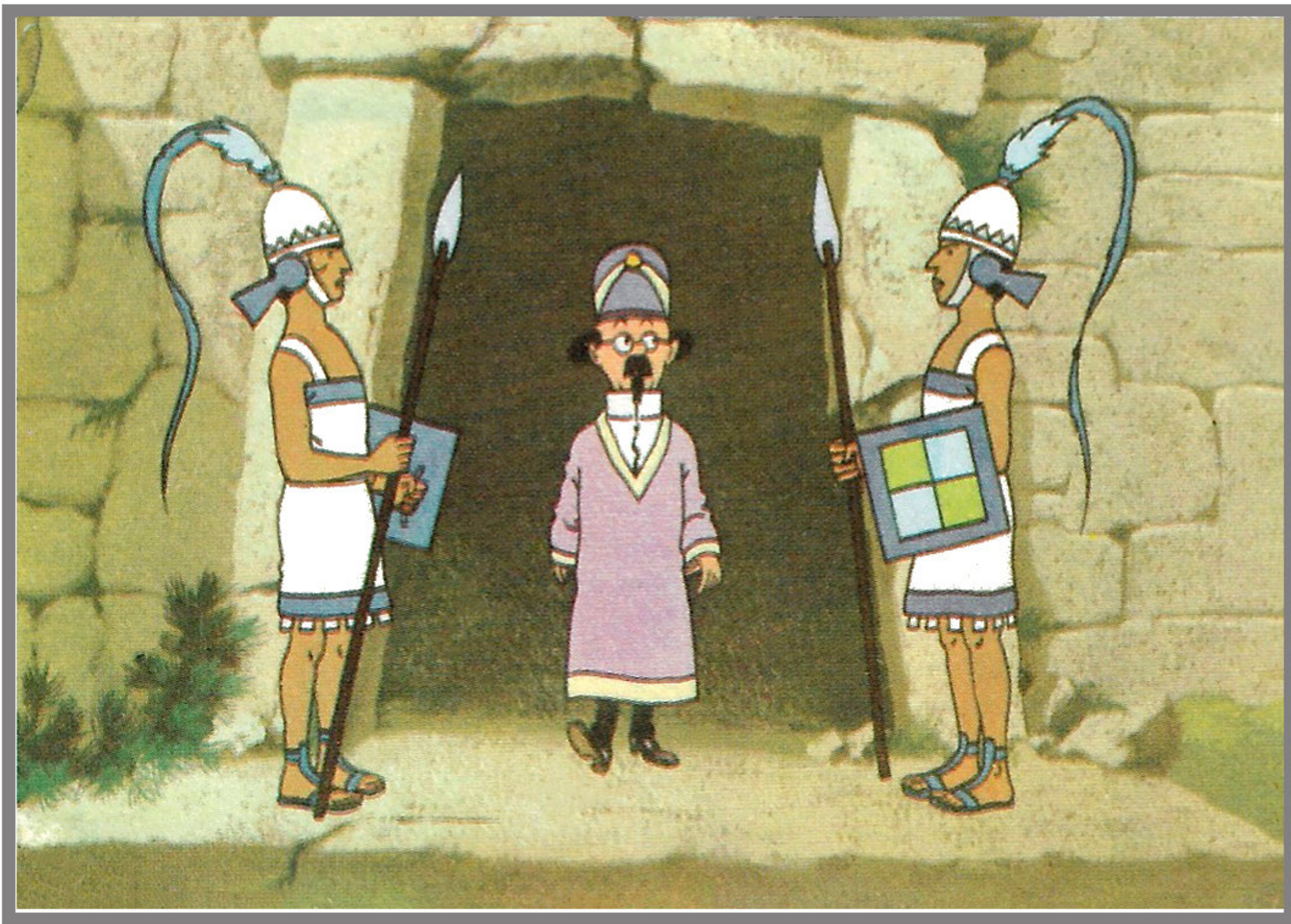
Vão buscar os nossos amigos ao cárcere. Nenhum indício de revolta em Tintin, que julga dispor de um meio que permitirá ainda salvar-lhes as vidas. Esta serenidade não é de modo algum compartilhada pelo pobre Haddock! Só à força conseguem vestir-lhe a túnica do sacrifício. E enquanto o conduzem na direcção da fogueira, faz um derradeiro apelo a todos os recursos do seu abundante vocabulário...



Com mil milhões de macacos! Não pode ser! Um pontapé nas canelas de um dos guardas, uma cabeçada no peito do segundo, um valente pontapé para afastar um terceiro, e o capitão desenvencilha-se da sua escolta. E foge! Mas a túnica do sacrifício não é uma mini-túnica. Ele tropeça numa aba da indumentária, estatela-se e é recapturado.



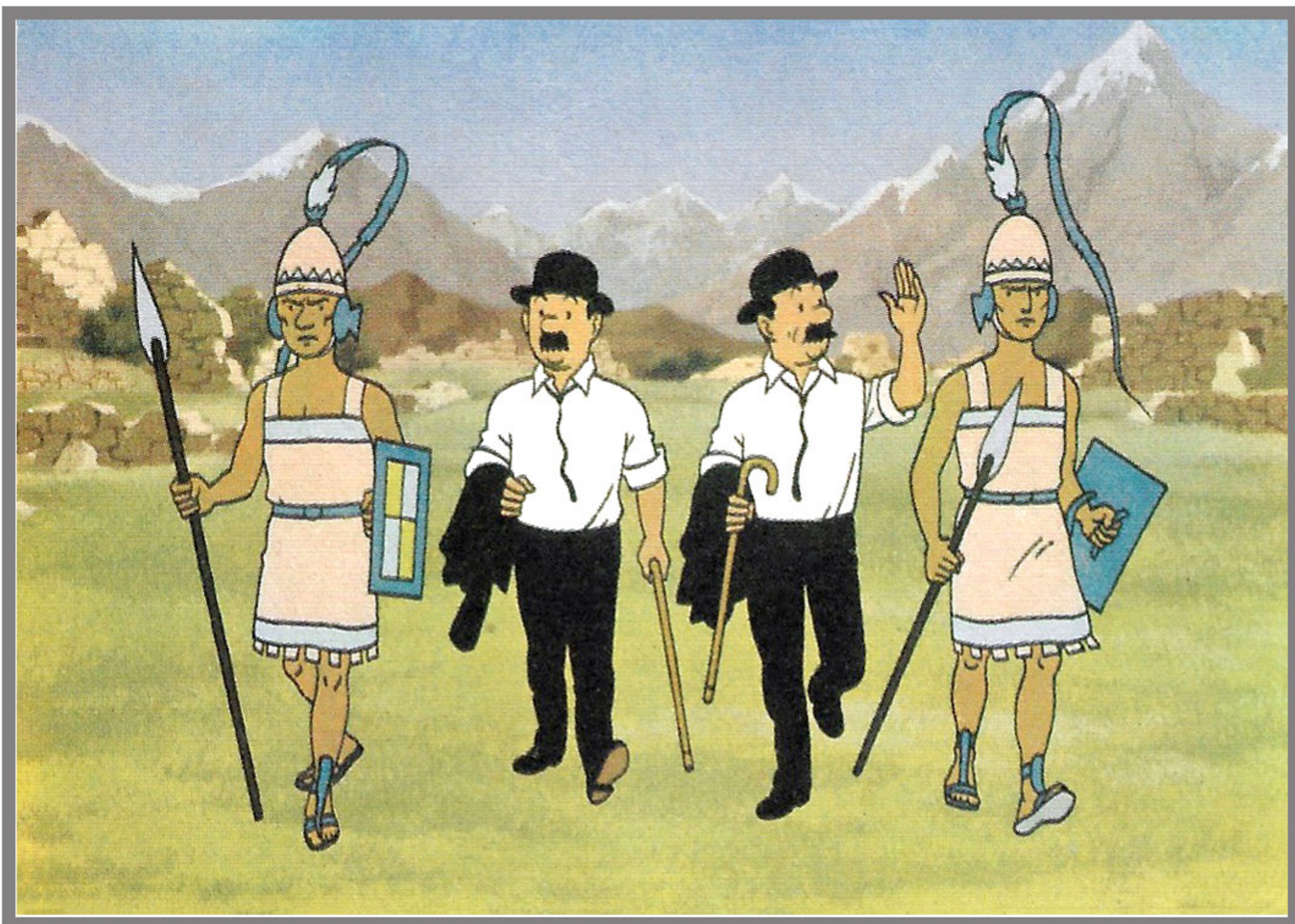
Sabemos que os Dupondt não quiseram atravessar a cascata: para eles, a corda era muito difícil e a perspectiva de um banho fazia-lhes suores frios. Caminharam muito, quase sempre ao acaso, e é por um acaso que chegam à vista do Templo. Ao verem de longe a fogueira e a multidão, e recordando-se das danças de Jauga, exclamam: «Olha, outra festa folclórica!»



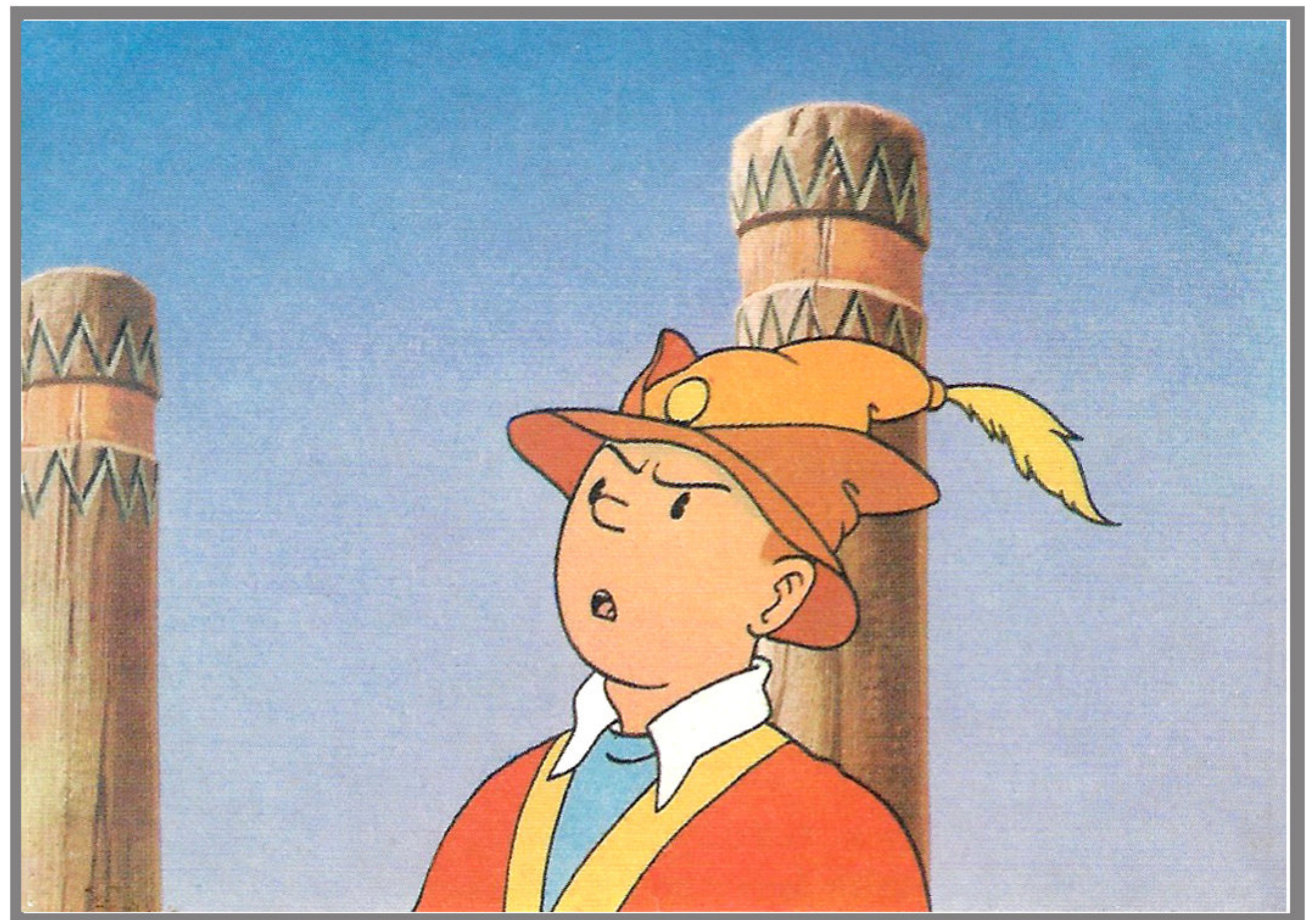
Mas finalmente, aqui está de novo o principal actor do drama: o caro professor Tornesol, que tínhamos visto a última vez adormecido no camarote do «Pachacamac». Isolado pela sua surdez, não entendendo nada do que está a acontecer-lhe, nada alterou a sua disposição. Apenas se sente um tanto intrigado quando o conduzem com grande pompa para o poste de execução!



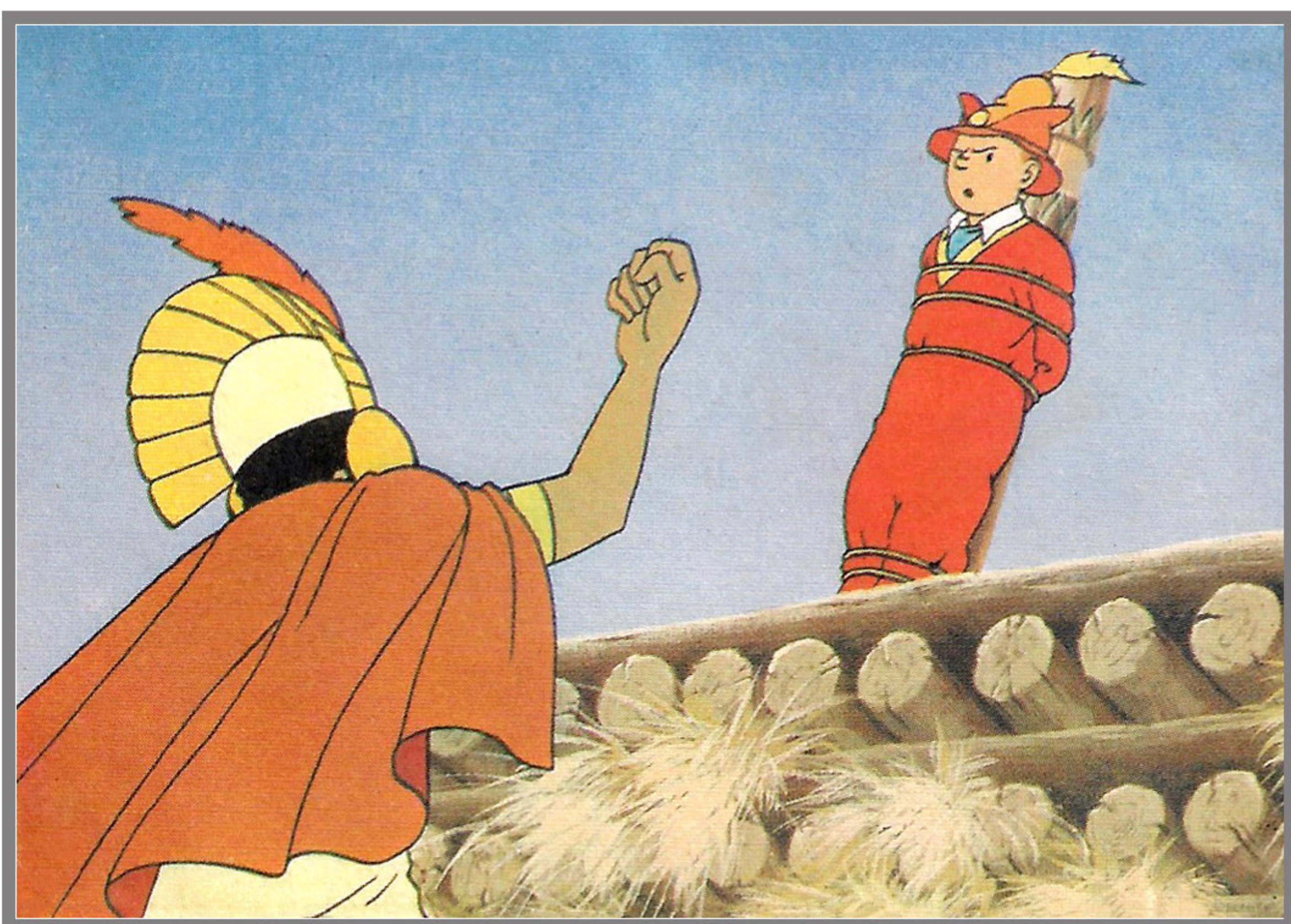
Entretanto a pequena Maíta faz uma última tentativa para demover o Inca: «Pai, ó pai...» suplica. «Clemência para os estrangeiros!... Clemência para Zorrino!... » Mas o Inca recusa-se a ceder à piedade que lhe desperta a filha banhada em lágrimas: «Impossível, Maíta, a lei do Sol assim o exige! Eles morrerão!...» desta vez, a última palavra parece ter sido dita.



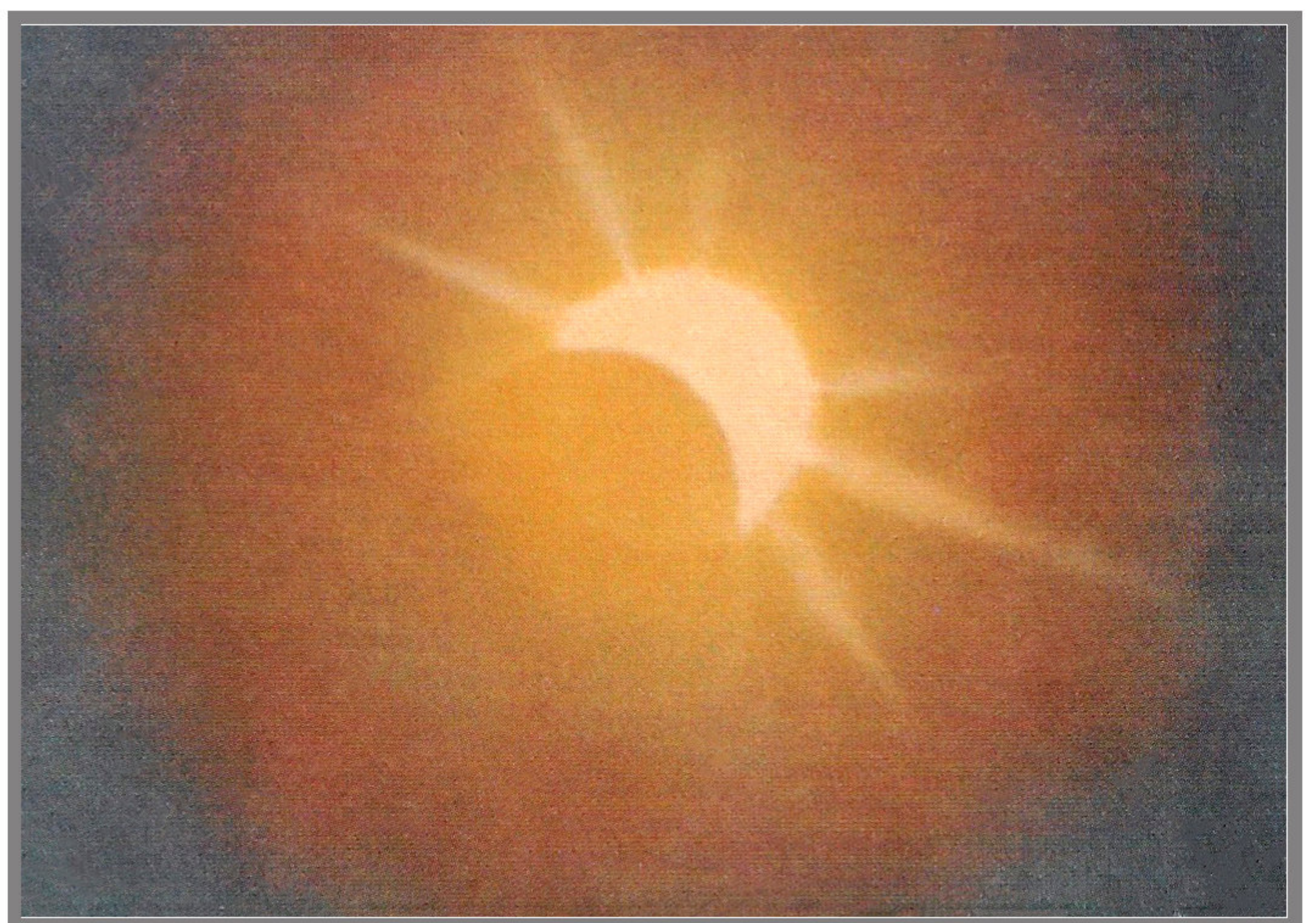
«Caro colega, esta festa popular merece ser vista mais de perto.» – «Até direi mais, colega...» O resto da frase é fácil de adivinhar. A curiosidade dos Dupondt pelo folclore inca é cruelmente punida. Os infelizes serão parte da festa! Ao aproximarem-se, uma chusma de guardas cai-lhes em cima, e são conduzidos na direcção da fogueira, condenados à mesma sorte que os companheiros.



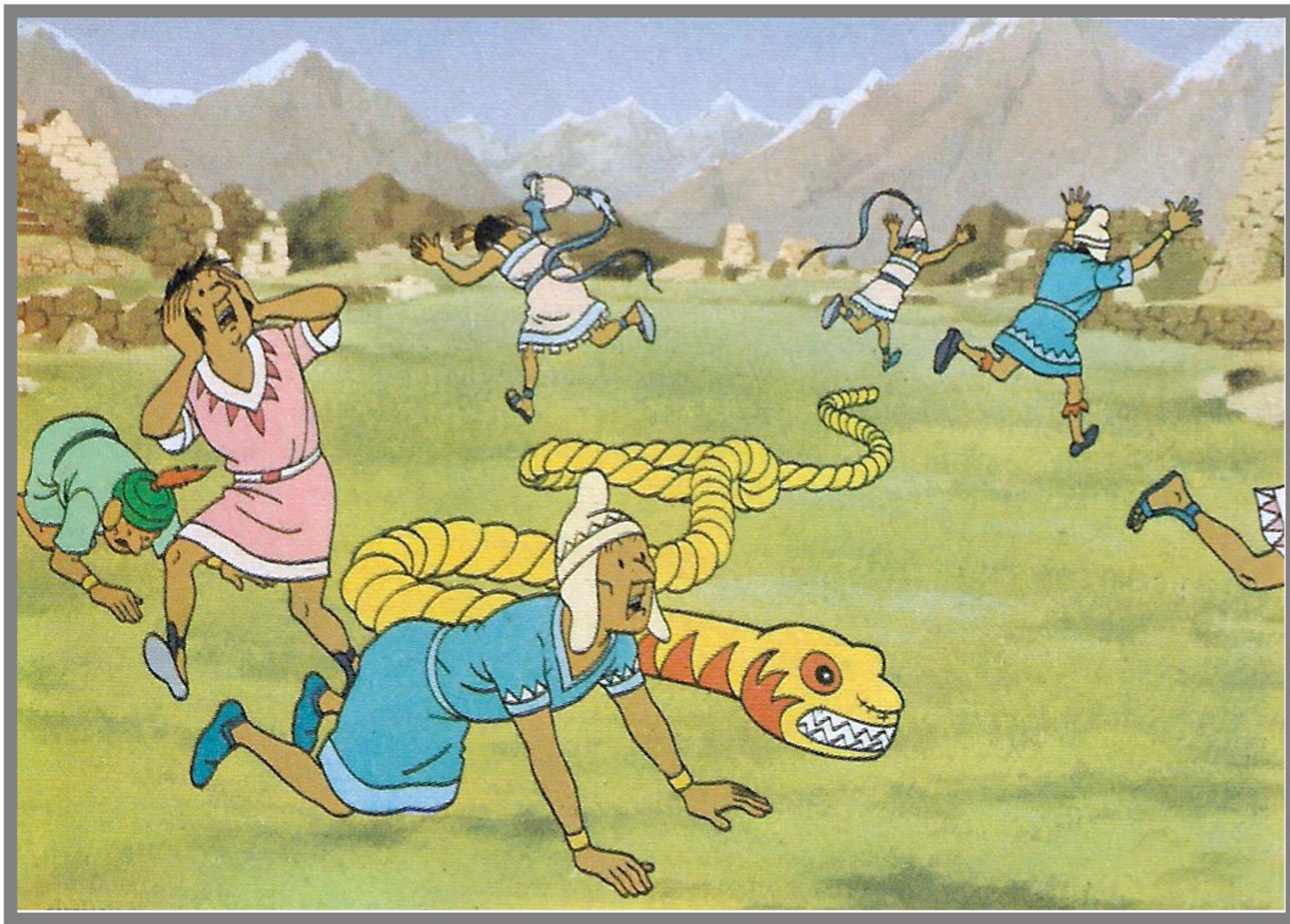
«Que comece o sacrifício!» ordena o Grande Inca. É uma poderosa lente que concentrando os raios do sol sobre a fogueira, deve incendiar a madeira. Nesse instante, no silêncio solene que rodeia estes sinistros preparativos, Tintin diz estas palavras incríveis: «Tu, ó poderoso Sol, mostra a todos, por um sinal tangível, que não desejais a nossa morte!»



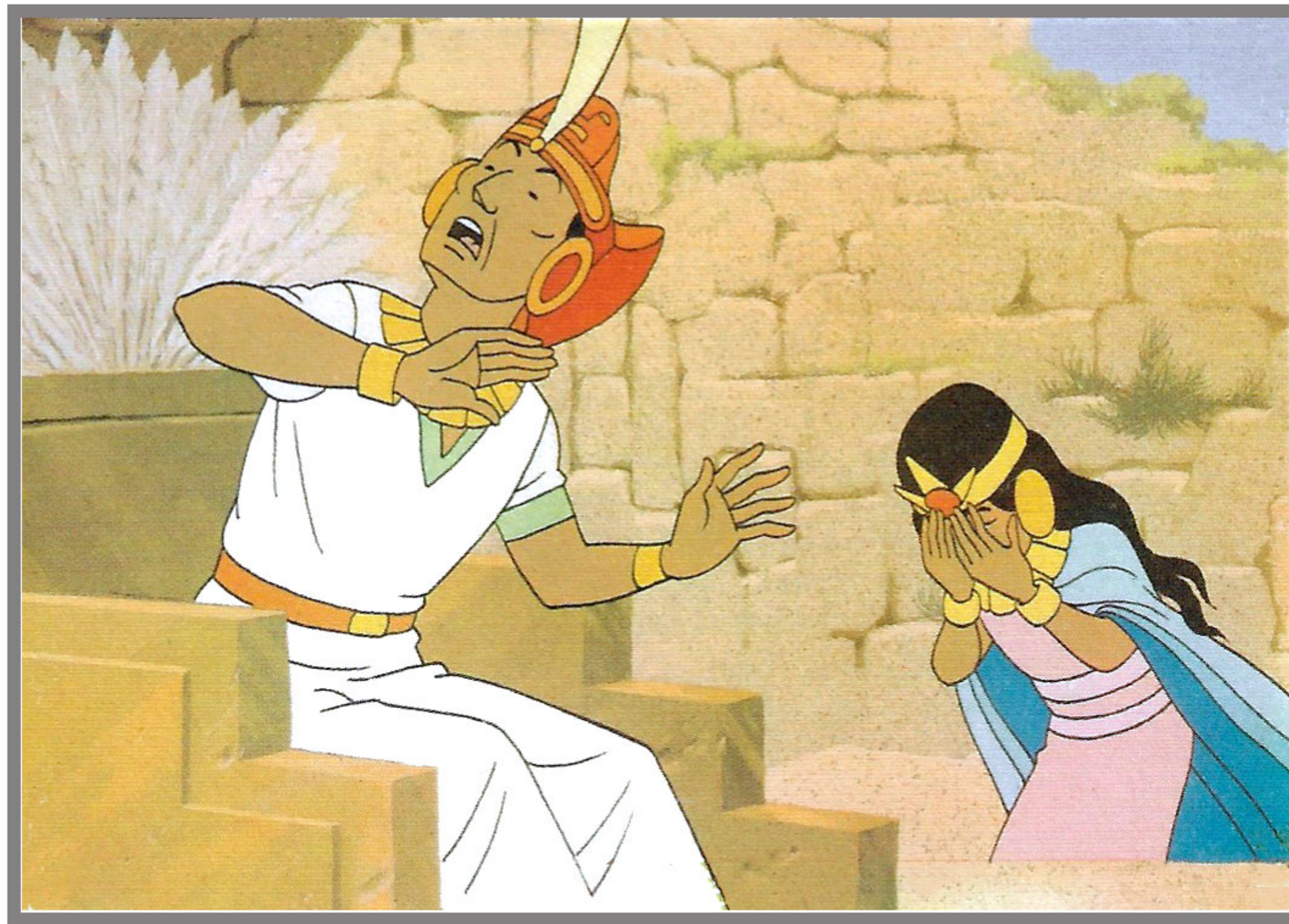
O Inca indigna-se com estas palavras: «Silêncio!... Cão estrangeiro!... Com que direito ousas dirigir-te ao Sol?...» Mas Tintin imperturbável, repete a sua invocação: «Ó sublime Pachacamac! Peço-te que manifestes o teu poder!... Se não desejas este sacrifício injusto, esconde agora, diante de todos o teu rosto fulgurante!» Haddock suspira: «Pobre rapaz! Enloqueceu...»



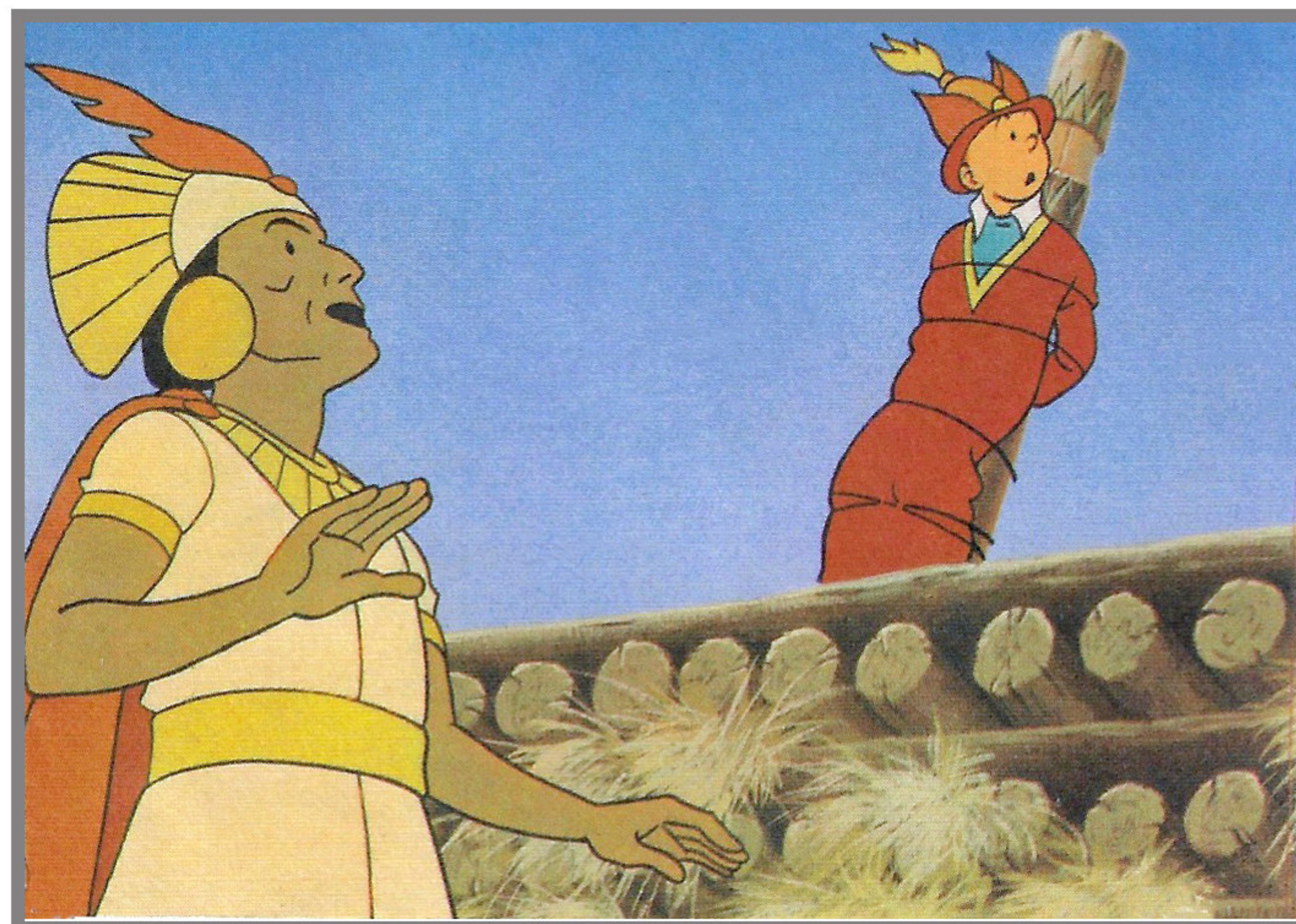
Mas passa-se ainda uma coisa extraordinária: o Sol começa a escurecer: os seus raios, pouco a pouco, enfraquecem. O capitão grita: «Com a breca, isto é bruxaria!... Agora o Tintin dá ordens ao Sol!... Estarei também eu doido, com mil milhões de macacos?...» A sombra estende-se gradualmente pelos montes vizinhos, e em breve o sol desaparece!



Os incas ficam estupefactos e depois apavorados. A multidão do coro de virgens e os oficiantes abandonam o local do sacrifício numa debandada geral. O professor Tornesol exulta: «Ah! Esta cena de pânico está admiravelmente interpretada!... E esta ideia de aproveitar um autêntico eclipse do Sol para as filmagens é genial!...» É que o professor pensa que tudo aquilo é cinema!



O Grande Inca implora a Tintin: «Nobre estrangeiro, suplico-te, faz com que o Sol volte a brilhar!... Concederei, a ti e aos teus companheiros, tudo o que pedires.» O coração de Maíta está cheio de terror, mas ainda lhe resta uma esperança. Estende para Tintin as mãos unidas e junta-se às preces do pai. Por meio da concessão deste mercê, ela entrevê a salvação de Zorrino.



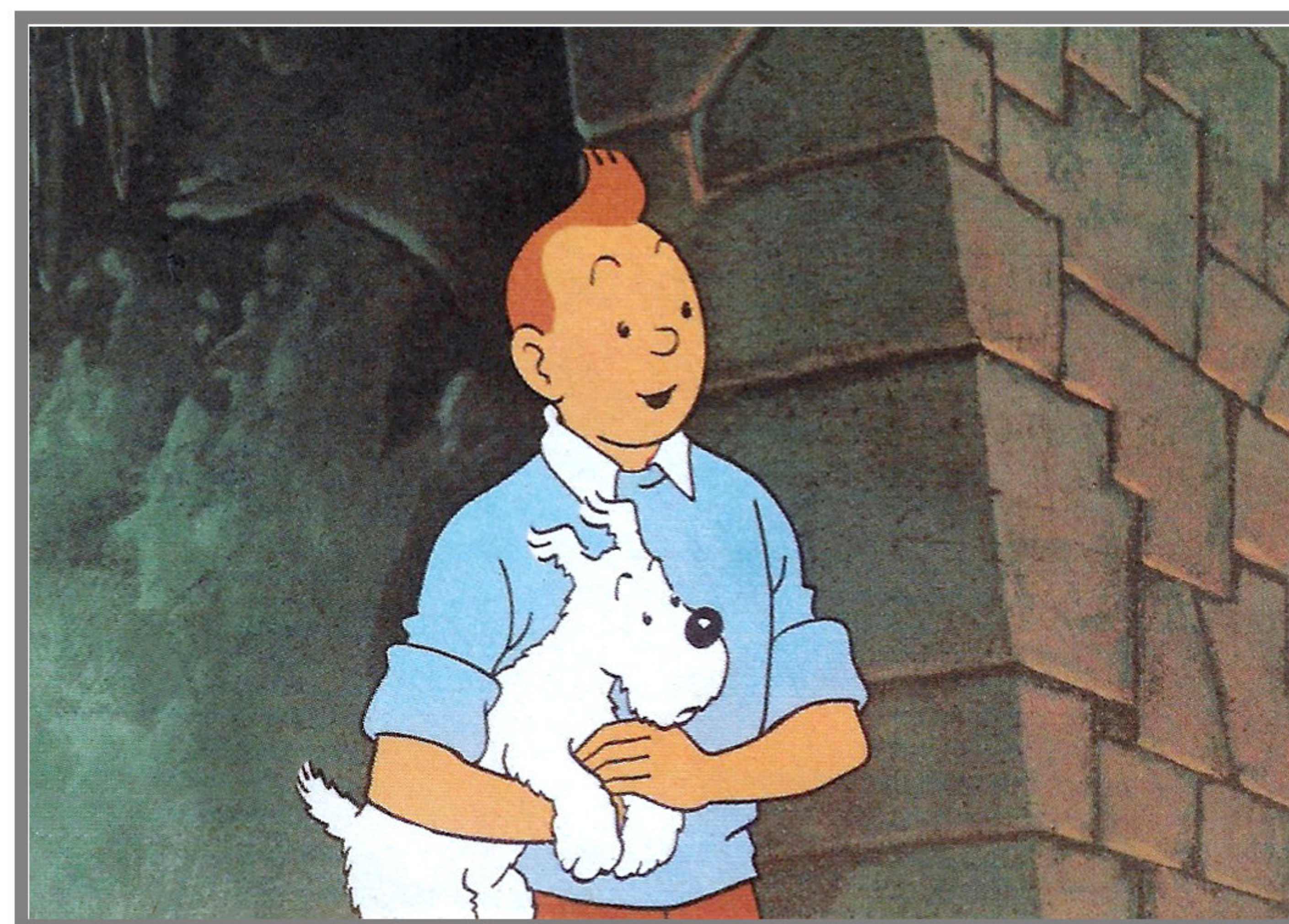
Soa então a hora de Tintin! Soa no momento em que termina o eclipse... Fingindo ceder finalmente aos rogos do Grande Inca e do Grande Sacerdote, Tintin suplica ao Sol que reapareça: «Ó sublime Pachacamac, poderoso astro do dia, peço-te que sejas clemente! Que volte a tua luz!» E, como por milagre, as trevas dissipam-se!



«O Sol obedeceu-lhe!» exclama o Grande Inca com estupefacção. E ordena que os condenados sejam imediatamente libertados. Logo que se aproxima do seu amigo Haddock, Tintin diz-lhe ao ouvido: «Então, capitão? Agora já compreende?... O jornal que tínhamos no cárcere anunciava este eclipse!» Esta confidência não é ouvida pelo Inca, ocupado a dar graças ao Sol.



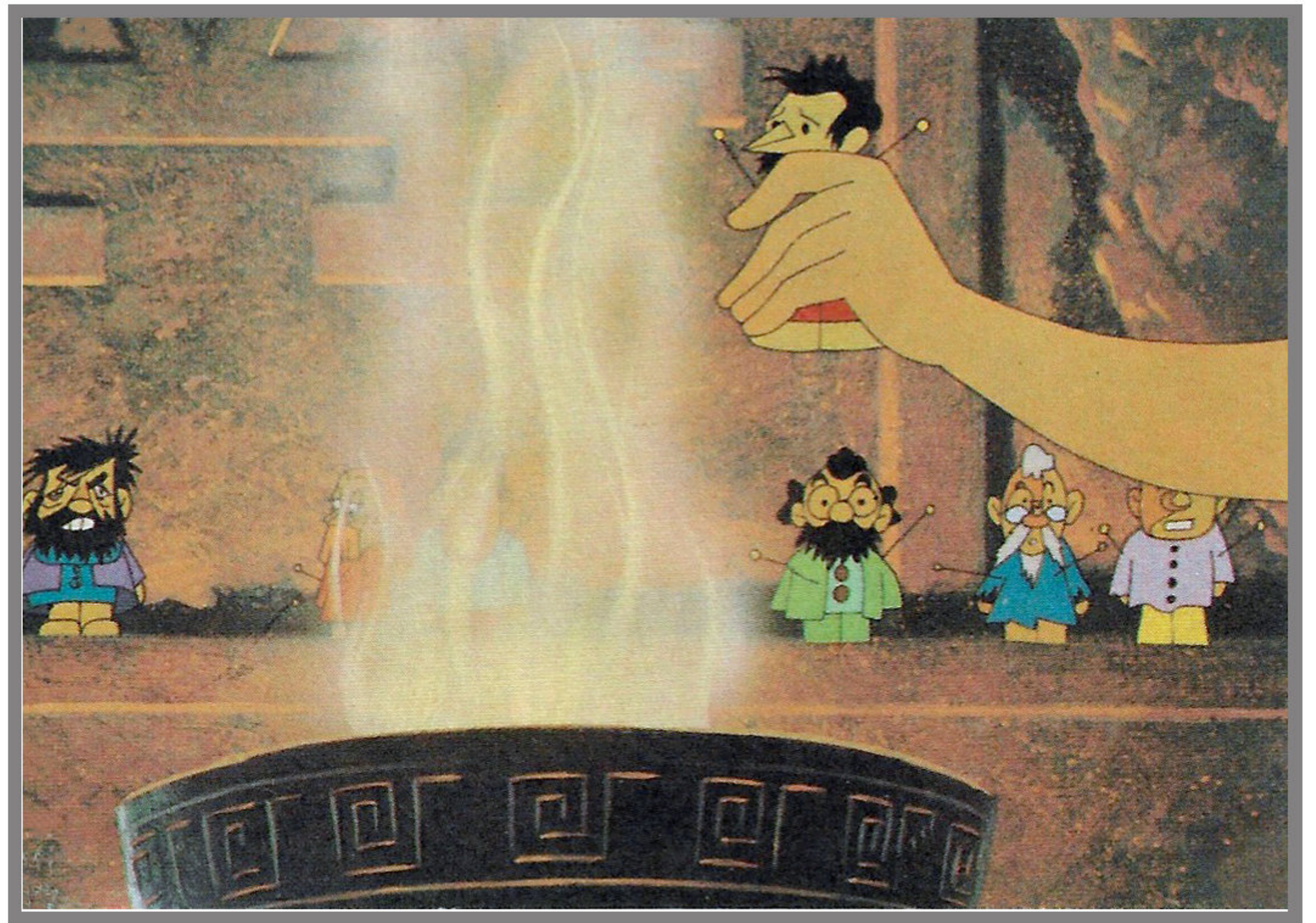
Tintin recebe também a sua parte nos agradecimentos. O senhor do Templo do Sol não é ingrato e vai ao ponto de levar os nossos heróis a uma sala secreta onde se encontram guardadas riquezas fabulosas. Os imensos cofres estão repletos de ouro, de diamantes, de pedras preciosas. E o Inca oferece aos visitantes maravilhados levarem do tesouro tudo o que quiserem.



Delicada mas firmemente, Tintin recusa: «Não podemos aceitar tais presentes. Mas quero pedir-te, nobre soberano, uma coisa diferente de ouro e jóias. Existem, na minha terra, sete sábios que são vítimas, por tua causa, de terríveis sofrimentos. Seja qual for a maneira como os dominas, peço-te que te mostres magnânimo e que ponhas fim aos seus tormentos».



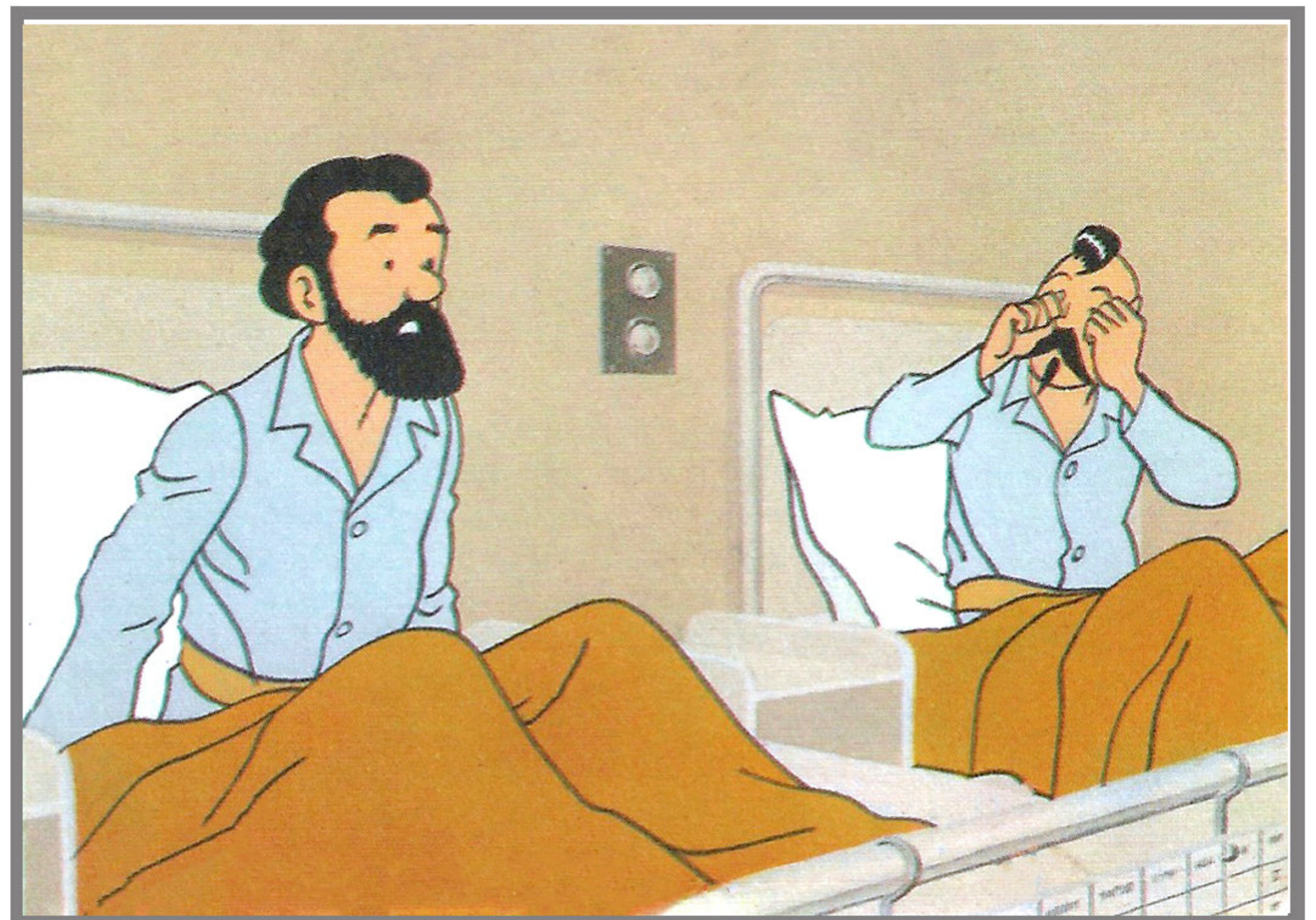
Os nossos amigos são conduzidos a um santuário. Vêem então, sobre um altar, sete figurinhas de madeira que representam os sete exploradores. E entreabre-se o véu de mistério. Trata-se de um caso de feitiçaria: As bolas de cristal continham um líquido que fazia mergulhar as vítimas num sono letárgico; durante este sono, o Grande Sacerdote, por meio de magia, torturava as estatuetas



O Inca declara: «Prometi conceder-te qualquer favor se fizesses voltar a luz do Sol, e tenho apenas uma palavra.» E, voltando-se para o Grande Sacerdote, ordena: «Huaco, destrói essas estatuetas». O Grande Sacerdote pega nelas, uma a uma, e lança-as numa braseira. Em escassos segundos, são devoradas pelas chamas e desaparecem em fumo.



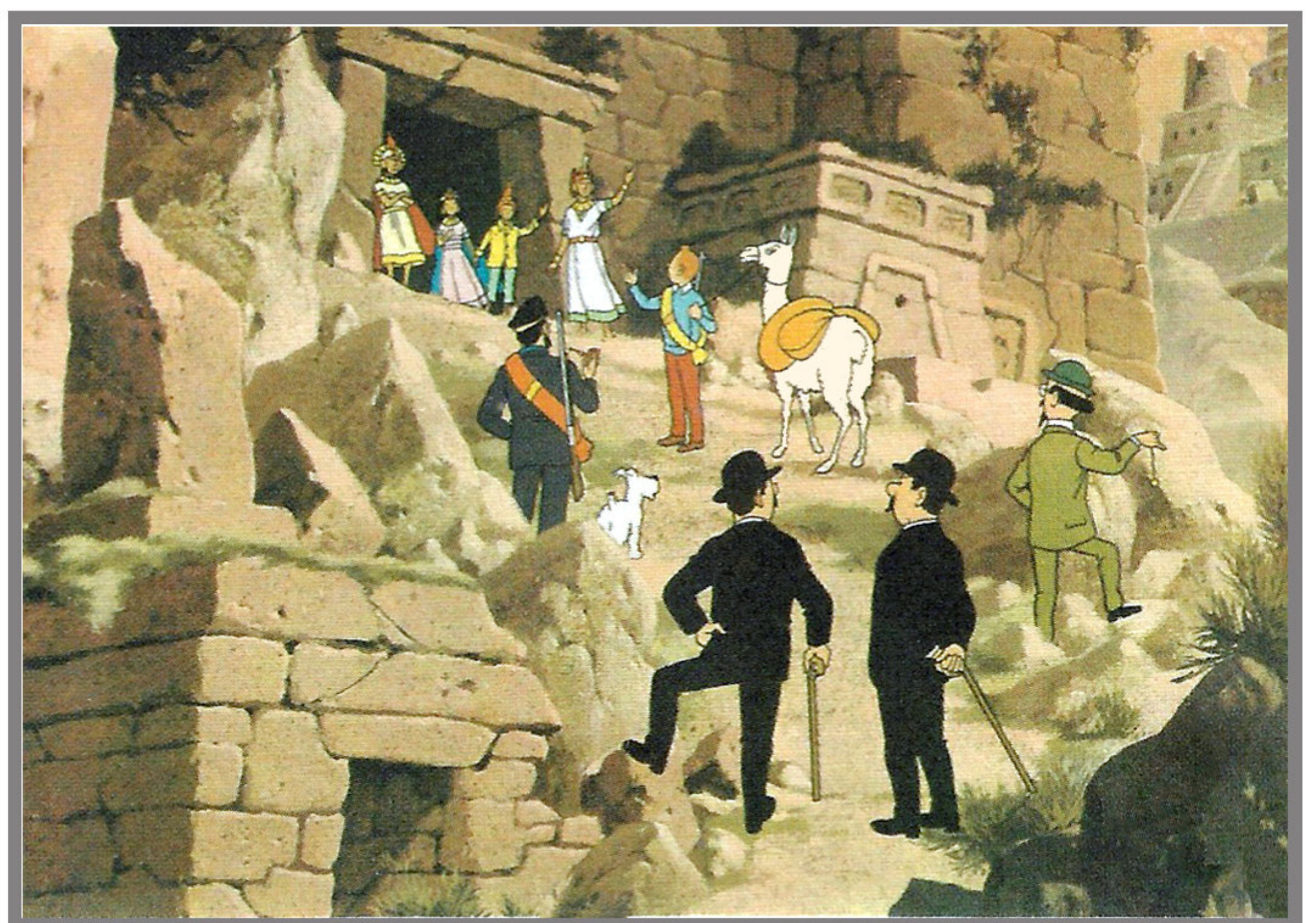
Para lá dos mares, a milhares de quilómetros do hospital onde jazem os sete sábios da expedição Sanders-Hardmuth, o Grande Sacerdote do Sol destruiu, por ordem do Inca, as sete pequenas figuras de madeira consagradas às suas torturas. Nesse mesmo instante, as vítimas da feitiçaria saem do sono hipnótico. «Onde estou?» exclama o professor Bergamotte sentando-se na cama.



Os outros despertam no mesmo instante, igualmente perturbados. De um leito para outro, trocam-se as mesmas exclamações: «Que se passou?», indaga Cantonneau. «Que fazes nesta clínica, Charlet?» – E tu, Sanders? ...» – «Você aqui, Laubépin?...» – «Clairmont! Hornet! Que nos sucedeu? ... Os médicos, que acorrem ao saberem do fenómeno, estão estupefactos.



Mas, voltemos à terra dos Incas. Também lá há alguém que sofre um tremendo choque: é o capitão, ao reconhecer-se numa oitava estatueta: «Esta estatueta ridícula sou eu, com mil milhões de raios!» Também estavam preparados suplícios terríveis ao pobre capitão!... Fica aturdido, escandalizado, furioso, mas pior que tudo, experimenta terríveis calafrios!



E chega a hora do adeus. É uma despedida cordial entre os nossos amigos e os Incas, que se torna comovente quando Tintin se volta para Zorrino: «Então, Zorrino? Não vens connosco? O garoto responde «Este é o meu verdadeiro povo, Tintin. De ora em diante, o Templo do Sol será a minha pátria. Mas ficarás sempre na nossa lembrança.» Maíta acrescenta: «Falaremos de ti com Zorrino.»



Assiste-se então a um espectáculo insólito, que leva os companheiros do capitão a pensar que este não se encontra no seu estado normal. Porque teria ido ele pôr a boca no repuxo de uma fonte? Será que ele agora gosta de água? ... Claro que não! Vejam para que serve esta água! «Tu», grita o capitão para o lama, «pagaste por todos os outros!».

Tintin e os seus companheiros vão realizar, em sentido inverso, a longa viagem que os levou à Cordilheira dos Andes, em busca do professor Tornesol. Antes de partirem, deram ao Inca a sua palavra que nunca mais voltariam ao local onde se escondem os últimos adoradores do Pachacamac. E assim, o Templo do Sol volta de novo à sua solidão e ao seu mistério.

FIM



Copyright © by Editions du Lombard

Reservados todos os direitos para língua portuguesa
pela Editorial Ibis, Lda.

COMPOSTO E IMPRESSO
NAS OFICINAS GRÁFICAS DA
EDITORIAL IBIS
RUA HENRIQUE DE
PAIVA COUCEIRO, 7 A 11
VENDA NOVA — AMADORA

REFRESCOS
Royal

A V I S O

Se, depois de ter adquirido as carteiras, numeradas de 1 a 18, que compõem a colecção O TEMPLO DO SOL, verificar que, por lapso, houve repetição ou falta de cromos em alguma das carteiras, bastará comunicar o facto para a EDITORIAL IBIS, Apartado 30, Amadora, que procederá à devida rectificação.

No caso de repetição, os cromos devem ser enviados para a morada indicada, com a indicação dos números (em igual quantidade) por que devem ser trocados.



REFRESCOS

Royal



2 litros de frescura em
10 sabores diferentes